C-16 2v
345

O MOÇO LOIRO.

O MOÇO LOIRO

POR

Joaquim Manoel de Macedo

DOUTOR EM MEDICINA.

E emfim n'estes cançados pensamentos
Passo esta vida van que sempre dura.
CAMÕES.

TOMO III.

TERCEIRA EDIÇÃO.

RIO DE JANEIRO.

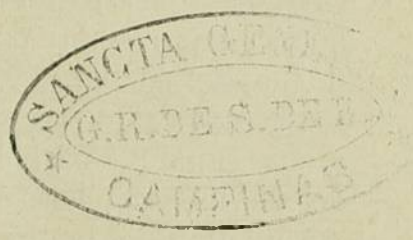
Em casa de Domingos José Gomes Brandão, rua da Quitanda n. 70,
Brandão & Irmão, mesma rua n. 124.

1862.

Typ. de C. A. de Mello, rua do Espirito Santo n. 29.

O MOÇO LOIRO.

XX.



Honorina.

Era meia noite.

A tempestade tinha passado: o tempo se havia tornado chão: a atmosphera fresca e leve.

Honorina dormia.

O medico chamado para prestar seus cuidados á joven senhora, conseguira facilmente fazer desapparecer a syncope, que a salvára no momento da submersão, e que ainda durava algum tempo depois: segundo elle, Honorina não corre perigo algum.

A camara de Honorina está fracamente illuminada: tres pessoas velão junto de seu leito.

Emma reza piedosamente defronte da querida neta: Rachel á cabeceira de sua amiga, tem uma das mãos d'ella entre as suas: Lucia suspira sen-

tada aos pés da filha de seu leite: Rachel e Lucia mostrão-se mais agitadas e afflictas, do que já pedia o caso.

E Honorina dorme: vestida com um ligeiro roupão branco, com seus bellos e longos cabellos ainda molhados espargidos pela almofada, com seu rosto meigo e formoso, então ainda mais pallido, com suas palpebras cerradas, occultando seus grandes e brilhantes olhos, estava encantadora e poetica; e o somno da virgem semelhava o dormir de um anjo: porque suavissimo era elle, e quasi imperceptivel a respiração que pelos labios da moça sahia; tão bella, tão pallida, tão immovel, alguem poderia crêl-a estatua de puro marmore, exposta como triumpho de mestre.

Por algum tempo reinou na camara profundo silencio, apenas de momento a momento interrompido pelo baque das contas do rosario, em que a religiosa velha marcava suas orações; e ás vezes levantava-se alguma das tres pessoas, que ahi velavão, e ia pé por pé até junto da moça para, chegando o rosto perto dos labios d'ella, receber a impressão de seu respirar de pomba.

Depois de algum tempo ainda de não quebrado silencio, Lucia, cujo desassocego não diminuia apezar do lisongeiro estado de Honorina, murmurou baixinho:

— Mas elle... elle... o salvador de nossa querida menina!...

— Hugo foi dar todas as providencias, disse Emma no mesmo tom, e é de crer que o possamos abraçar e recompensar...

— Recompensar?! tornou Lucia, o homem, que assim se expôz á morte, tem por força um

coração muito elevado, para que chegue até a elle a idéa de uma recompensa.

— E isso não nos dispensa do dever da gratidão.

— De uma outra gratidão, senhora.

— Tu estás de máo humor, mãi Lucia.

— Perdão, senhora ; mas aquelle homem... ferir-se...

— Aquelle homem é um heróe da tempera de nossos avós... nos dias de hoje não se encontrão dous homens como elle.

— Outra vez perdão, senhora: mas eu sei de um que seria capaz de praticar a mesma acção, que elle praticou.

— Capaz de, em uma noite tempestuosa, atirar-se ao mar borrascoso para salvar uma moça, que não é sua irmã, nem sua amiga ?... perguntou Emma sacudindo a cabeça em signal de duvida.

— Sim, senhora, respondeu Lucia com a firmeza da convicção : capaz talvez de mais ainda.

— E quem é esse?...

— Eu tenho medo de desgostar a senhora.

— Não ! dize, dize.

— Esse, disse Lucia enxugando duas grossas lagrimas ; esse não está comnosco... está bem longe d'aqui... é o homem que bebeu o leite de meus peitos... é seu neto...

— Mãi Lucia, não me falles d'elle !

— Aquelle, senhora, que foi capaz de arrojar-se ás chammas para salvar uma moça, que não era sua irmã, nem sua amiga, atirava-se tambem pelo mesmo motivo ao mar, embora o visse tempestuoso.

— Ha uma differença, mãi Lucia : o homem, que se lançou ao mar para salvar Honorina, fêl-o,

porque era um bravo; e Lauro arrojou-se ás chammas, porque não passa de um louco.

— Está bem... basta, senhora! disse Lucia chorando amargamente.

Sem tomar parte no dialogo, que entretinhão as duas, sem talvez muita attenção prestar-lhe, Rachel guardava triste silencio. Socegada a respeito do estado de Honorina, ella parecia ter em seu espirito alguma outra consideração, que a fazia soffrêr: na vida d'essa moça, que até então tinha corrido toda em fios côr de rosa, apparecia emfim uma nuvem de abafado padecer; em sua alma que brilhára sempre com a luz viva do prazer, desenhava se já a sombra de um desgosto. Rachel, tendo os olhos embebidos no rosto da sua amiga da infancia ás vezes deixava pendurar-se em seus longos cilios uma grossa lagrima escapada insensivelmente de seus bellos olhos, como gota de orvalho cahida do céo: qual será a causa d'essa lagrima?... será por ventura exprimida de dentro do coração?... será seu destino ir nas azas de algum terno pensamento a outrem, que ali não esteja?...

Quasi ao mesmo tempo, em que Emma e Lucia punhão termo ás suas observações sobre o salvador de Honorina, Hugo entrou no quarto pé por pé.

— Minha mãi, como vai ella?...

— Dorme tranquillamente.

— Graças a Deos! disse Hugo.

E chegando-se para o leito, em que descansava sua filha, elle... pobre e amante pai, que se culpava de todas as desgraças d'aquella fatal noite, foi, como o fazião as tres senhoras, beber ao pé dos labios de Honorina o ar de seu bafo, como um favonio de esperança e de vida: e depois temendo

muito acordal-a d'aquelle somno reparador, outra vez com seu sagrado amor de pai, com as faces cobertas de lagrimas, beijou com ternura e fervor as bellas madeixas de Honorina, que humidas cahião pela almofada.

— E elle? disserão ao mesmo tempo Emma e Lucia, ao vêr que Hugo se desprendia do leito da filha.

— Não... não... não façáo bulha, balbuciou o extremoso pai com um receio infantil desenhado no rosto; não a despertem... venhão para fóra, que eu fallarei então.

Emma e Lucia para logo se erguêrão, sahirão do quarto com Hugo, e dirigirão-se para a sala; Rachel, que não menos curiosa se mostrava pela sorte do salvador de sua amiga, encaminhou-se depois de vêl-os desapparecer, como quem pretendia ir furtivamente escutal-os; porém, antes de chegar á porta, voltou de novo ao lugar que occupava; pois um brando suspiro tinha estremecido nos labios de Honorina.

Apenas chegados á sala, Hugo atirou-se, soluçando fortemente, sobre o canapé, e com uma como delirante demonstração de prazer, elle exclamou repetidas vezes:

— Está salva!... está salva!... minha filha está salva!...

Era o amor de pai! o amor de pai, que por toda a parte transpirava n'elle... pelos soluços que o suffocavão... pelas lagrimas que de seus olhos corrião, pelo riso que em seus labios brincava. O amor dos pais é assim, e é ainda bello, grande, magestoso, como nenhum outro.

— Está salva, meu filho, disse Emma; e Deos te ha dado esta lição para te emendares.

— Sim, sim, minha mãi, comtanto que me reste Honorina, eu lhe prometto tudo, minha mãi!... deixaremos esta casa... não veremos mais esta praia... iremos de uma vez para a côrte, e lá Honorina estará sempre debaixo dos olhos de minha mãi...

— E elle, senhor?... perguntou Lucia anciosa, e elle?...

— Elle?... é verdade: eu tinha vindo para fallar d'elle...

— E então?...

— Nós seguimos os seus passos: á mercê de nossos fachos acompanhámos suas pisadas; oh! era impossivel perdel-as de vista... estavão horrivelmente marcadas!... sobre cada uma d'ellas havia gotas de sangue...

— Oh!... desgraçado!... exclamárão as duas.

— Fômos indo assim até que chegámos ao sitio da praia, onde se achão reunidas as falúas; ahi toda a esperança de encontral-o se perdeu: alguns patrões virão-no embarcar-se, e mandar, a despeito do horrivel temporal, abrir as velas e sahir...

— Pobre homem! quem sabe se estará ainda vivo?!

— Oh! senhora, exclamou Lucia, não diga semelhante cousa!...

— Mas porque se esconde elle... porque se furta tão mysteriosamente a nossos olhos?!...

Era essa uma pergunta, á qual nenhum dos tres se achava em estado de responder; por isso contentárão-se com guardar triste e profundo silencio.

Emquanto isto se passava na sala, Rachel, ouvindo o suspiro que estremecêra nos labios de sua pobre amiga, foi outra vez de manso sentar-se

junto d'ella: de novo tomou entre as suas uma das mãos de Honorina, que, ao doce contacto, fez um movimento e abrio os olhos. Rachel estremeceu, como se temesse haver commettido uma grande falta: Honorina talvez a comprehendeu, pois que socegou-a com o meigo sorrir de seus labios.

— Honorina, tu estás muito melhor, não é assim?... perguntou Rachel.

— Sim, Rachel... agora só falta a cabeça... que me anda á roda... e me pésa muito...

— Está bem... não falles mais: isso ha de passar... dorme, Honorina.

Honorina, parecendo obedecer ao conselho de sua amiga, fechou os olhos; mas bem depressa os abrio de novo, e uma ligeira nuvem côr de rosa se espalhou em suas faces.

— Rachel, disse ella com voz commovida e tremula, Rachel... perdôa-me... porém socega-me...

— Que queres pois, Honorina? falla.

— Tu o viste?... perguntou ella, enrubecendo ainda mais.

— Quem, Honorina?...

— O homem que me salvou?...

Aquella pergunta deveria ter feito mal a Rachel; porque ella se tornou de repente mais pallida do que ha pouco estava Honorina, e foi quasi gemendo que respondeu:

— Era... elle.

Honorina, como se acabasse de experimentar a influencia de um choque electrico, estremeceu toda, e com viva expressão de agradecimento levou a mão de sua amiga até os labios.

— Dorme agora, Honorina

Dir-se-hia que a moça cedera ao encanto da

voz de Rachel; pois pareceu immediatamente adormecida. Momentos depois Emma e Lucia entrárão de novo no quarto.

— Como vai ella?... perguntou Emma.

— Esteve um momento acordada... queixou-se ainda da cabeça; mas tornou a adormecer socegadamente.

— Pobre menina! disse a velha.

Honorina tinha os olhos fechados; porém estava ouvindo tudo com a curiosidade propria de um enfermo.

— E elle?... perguntou Rachel; sabe-se alguma noticia?

— Tristes novas, minha senhora, respondeu Lucia.

— Pobre homem! disse Emma; deixou suas pisadas marcadas com seu sangue! nós suspeitavamos que elle havia ficado ferido; porém assim... oh!... é bem triste!

Ouvio-se então um longo gemido... longo... arrancado do coração; Honorina tinha comprehendido tudo.

O resto da noite foi cruel e terrivel. A dôr de Honorina trasbordou.

Durante a noite o pensamento é mais arrojado e mais livre; e de ordinario o coração acompanha o pensamento, e ambos se deixão ler em seus vôos, taes como são.

Honorina nem mesmo tratou de esconder o pezar e a afflicção, que lhe causava aquella fatal nova; parecia ter orgulho de ostentar ambos; parecia querer dizer a todos—eu soffro... eu chóro por elle!

Inventou-se e repetio-se mil vezes uma historia

para abrandar a dôr da interessante moça: jurou-se-lhe que um homem, a quem nenhum de seus amigos conhecia, mas que a tinha salvado, pouco depois se embarcára para a côrte; que elle estava ferido sim, porém levemente; que sua vida não corria risco; que tudo ia bem... tudo o melhor possivel.

Rachel, sem desamparar um só momento a sua amiga do coração, velou toda a noite por ella, e pelo segredo do seu amor: animou-a... fechou-lhe a boca mil vezes, mil vezes deu uma falsa interpretação a seus gemidos para encobrir a verdadeira causa d'elles, e, finalmente, rendeu graças ao céo ao vêl-a adormecer em seus braços ao romper da aurora.

A's dez horas do dia Honorina despertou melhor e mais socegada: então ella se lembrou da terrivel noite que se tinha passado... ouvio a relação da catastrophe... e conheceu que em tudo quanto lhe dizião do homem, que a tinha salvado, só erão verdadeiras duas cousas: que elle se havia ferido ao salval-a, e que nada se sabia do seu destino. Mas agora, já razoavel; agora, com todo o seu pudor de virgem despertado, esforçou-se ella por sepultar sua dôr no fundo do coração, ou por derramal-a sómente no seio de Rachel, de cujos labios ouvia palavras de amisade, que accendião na alma a esperança.

E pois, com a dôr no coração e a esperança na alma, Honorina, embora abatida e melancolica, mostrava ir restabelecer-se depressa; e assim esvaírão-se promptamente todos os receios que pela sua vida podérão ter seus parentes e seus amigos.

. . . . . .

Ao declinar da tarde d'esse dia as duas amigas tiverão de separar-se: bem quizera Rachel demorar-se mais; porém seu pai, a quem sempre sobravão serios negocios, já se tinha deixado ficar em Nictheroy um dia inteiro, só em attenção á filha do seu amigo.

No instante da despedida, Honorina e Rachel achavão-se a sós: havião acabado de trocar um beijo, estavão ainda apertadas em estreito abraço, quando a primeira murmurou com voz tremula:

— Rachel, minha amiga! eu não devo, nem quero ter segredos para ti...

— O que ha pois, Honorina?

— E' que já não posso duvidar do que sinto; eu amo!... conheço emfim que amo, e muito!...

— Sim... sim... eu já o sabia, Honorina! balbuciou a custo a outra moça.

— E eu te queria ainda pedir...

— Dize!

— Rachel! tu és boa, tu és bella e virtuosa: e portanto tuas orações deverão chegar até o céo, como o perfume de uma pura flor!... e pois, pela santa amisade que nos liga, pelo amor de teu pai, reza para que Deos abençôe e proteja o meu amor!...

— Sim... sim... disse a amiga de Honorina com voz abafada.

Quando Rachel deixou a camara de Honorina e foi ajuntar-se a seu pai para partir, este notou no rosto contrahido de sua filha a expressão de um soffrimento acerbo... terrivel... e profundamente concentrado.

XXI.

Rachel.

Rachel tinha deixado com seu pai a joven cidade de Nictheroy: sentada em um dos bancos centraes da barca, que os levava, a moça mergulhára seu espirito em profunda meditação: triste e silenciosa, ella havia abaixado a cabeça, como para esconder seu rosto de todas as vistas, e no entanto dous olhos estavão fitos n'ella, examinando seus menores movimentos, adevinhando seus mais occultos pensamentos. Erão os olhos de seu pai.

Jorge, era um homem de sessenta annos, alto, proporcionadamente gordo; tinha os cabellos e supercilios todos brancos, os olhos pardos, e não grandes; seu rosto era comprido e pallido: trajava sempre vestes pretas; seu andar era vaga-

roso e grave; fallava muito poucas vezes, e quasi nunca se ria: tudo isto dava-lhe um parecer melancolico, frio e severo.

Jorge despresava o mundo, desconfiava dos homens, e difficilmente abria seu peito a essas nobres e generosas affeições que nos prendem á vida: em compensação, porém, quando algumas d'ellas podião chegar a seu coração, não sahião d'ahi mais nunca; como se todo o seu ardor estivesse concentrado nos poucos entes, a quem amava, Jorge daria a vida pelo seu amigo, e a alma pela sua Rachel.

Oh!... o amor que esse homem votava a sua filha, era immenso e desmedido! fruto unico, que lhe havia legado uma esposa, a quem apaixonadamente idolatrára, Rachel foi por elle creada com extremosa ternura; recebeu d'elle uma educação especial e nova; mas desgraçadamente Rachel, moça, alegre, cheia de vida, e vivacidade, cedendo a um erro fatal de seu pai, deixou ir cahindo em seu coração todo esse frio, toda essa desconfiança do mundo e dos homens, que no respeitavel ancião se davão.

Jorge se applaudia dos benignos effeitos da educação que déra a sua filha: Rachel era feliz; livre, como a ave dos bosques, alegre e pura no meio da desgraça, do captiveiro, da tristeza e da miseria do mundo. Mas o orgulho do velho tinha de ser terrivelmente ferido.

Logo depois do saráo de Thomazia, Jorge reparou que sua filha passava horas de inexplicavel tristeza... dias inteiros de esquecimento de si propria... noites gastas em meditações e suspiros...

Outr'ora Rachel, quando sentia um pezar ou

um prazer, por pequenino que fosse, corria a derramal-o tambem na alma de seu pai...

E n'aquelles dias Rachel fugia de encontrar os olhos de Jorge...

O tempo foi passando, e o amoroso pai observava que sua filha cada vez mais e mais se ia abatendo.

Voltavão emfim ambos da cidade de Nictheroy.

Jorge não perdia de vista a sua querida Rachel: notava cuidadoso n'aquella tristeza, que ha dias a anuviava; e elle, que nunca hesitára em interrogar a consciencia de sua filha, pela primeira vez, com seu instincto paternal, temia vêl-a córar antes de responder-lho.

Rachel soffria com effeito muito: creada com a educação singular, que lhe havia dado seu pai, essa moça, unica talvez entre todas as da sua idade, olhando para o mundo de uma maneira tão particular, sem ter ainda sentido despertar n'ella esses sentimentos ardentes e devoradores, que fazem sempre a desgraça ou a ventura de toda uma vida, e por isso não acreditando n'elles; acostumada a rir-se das fingidas paixões, com que se lisongêa as moças nas assembléas; essa moça, que tinha dito a Honorina — o amor é uma vã mentira! — tambem por sua vez amava!...

E como se pelo orgulho, que ella tinha de sua insensibilidade para amor, lhe devesse ser dado um castigo, que a fosse ferir ahi mesmo, e demonstrar toda a sua fraqueza; Rachel tinha sentido derreter-se a massa de bronze, que defendia seu coração, ao simples fogo do olhar de um homem, que via pela primeira vez!

E como se pela incredulidade com que desres-

peitava os grandes sentimentos que fazem ferver a vida humana, ella devesse provar uma pena tão grande como o seu delicto ; Rachel sentia o mais requintado tormento, que póde consumir uma mulher que ama ; porque emfim ella sabia até a evidencia, que não era amada.

E como se finalmente não bastasse isso ainda, como se ella tivesse de engolir até as fezes de seu calix de amargura, como se não se lhe devesse deixar um abrigo para esconder-se, um seio onde chorasse, um coração onde derramasse seus suspiros, uma boca que lhe consolasse ; Rachel que tinha no mundo um pai e uma amiga, era d'elles que mais escondia seu soffrimento ; porque seu pai a fazia córar, e sua amiga era a sua feliz rival.

Rachel amava e amava apaixonadamente o Moço Loiro.

N'esse fatal saráo, que ella tantas mil vezes amaldiçoava em suas tão longas horas de meditação tormentosa, ella o tinha visto triste e pensativo, e então por elle não sentio mais do que essa engraçada curiosidade, que toda a moça experimenta quando vê perto de si um moço que pensa, e que seu amor proprio lhe faz julgar que é d'ella que talvez se occupa ; mas quando o joven melancolico levantou a cabeça, Rachel ao encontrar seus olhos, cujas vistas ardentes penetravão como uma sela, conheceu que havia n'aquelle olhar alguma cousa muito poderosa e nova para ella : ainda alegre e apenas curiosa, procurou vêl-o durante o fim do saráo ; depois inexplicavelmente preoccupada, como Honorina, passou o resto da noite a pensar n'elle com sua imagem diante dos

olhos... com o timbre de sua voz nos ouvidos... e com um peso... uma afflicção... uma sensação ainda indizivel em toda ella; emfim, no outro dia, no que se lhe seguio, no outro ainda... sempre e sempre anciosa, exasperada, não póde negar mais a si mesma que fôra ella quem havia mentido, dizendo — amor é uma vã mentira—. Ella amava.

Rachel, orgulhosa e encantadora moça, sentio finalmente que, assim como ha para o homem, ha para a mulher tambem um momento na vida decisivo, terrivel, em que sómente um olhar conquista... subjuga... captiva para sempre o coração d'aquelle que o experimenta: um olhar penetrante como o raio do sol, que, chegando até a alma, absorve seus pensamentos, como o mesmo sol o aroma das flôres; que com esses pensamentos se mistura para sempre, que n'elles lança os vestigios de sua poderosa influencia, como a gota de liquido córado, que lançada no vaso d'agua crystalina, a colora toda.

Oh! Rachel amava muito o Moço Loiro; e seu amor redobrou vendo o como se elle dedicava a Honorina: talvez... se é possivel, Honorina não o amava tanto como Rachel: ou então é preciso distinguir que o amor de uma, partindo do coração, partia ainda mais do espirito, e o da outra sahia todo elle do coração.

Honorina, eminentemente nervosa, enthusiasta e romanesca, já estava predisposta para amar, quando vio o Moço Loiro; depois comparou-o com o seu desconhecido, e bem que o resultado da comparação não fosse lisongeiro a este; todavia, ao conhecer que o joven loiro e o desconhecido não erão senão a mesma personagem, sua imagi-

nação já excitada se inflammou, e se seu coração pulsava pela imagem do agradavel moço, seu espirito se deixava levar d'aquellas apparições inesperadas, daquella voz que respondia a seu hymno, d'aquelle homem emfim que se apresentava imprevisto para arrancal-a da morte. Honorina pois amava com o coração, e ainda mais com o espirito.

Rachel, fortemente sanguinea, não era nem enthusiasta, nem romanesca, como sua amiga: uma carta de mão incognita a faria rir: aquellas apparições a divertirião: um homem, que expuzesse sua vida para salvar a d'ella, ganharia toda a sua gratidão, e todavia não o seu amor. Mas o Moço Loiro era amado por seu olhar poderoso, por seus bellos cabellos, por seu rosto varonil e interessante, por seu sorrir melancolico, por elle mesmo e só emfim, sem mysterios e sem nada mais fóra d'elle. E pois o amor de Rachel sahia todo inteiro do coração.

E comtudo esse amor tão puro e tão terno devia morrer ali mesmo, onde tinha nascido, sem que ninguem o percebesse, como a flôr da colina solitaria, ou o suspiro exhalado na solidão! era um amor, que cavava uma sepultura em seu berço. Se Rachel fosse amada, sua abnegação não chegaria a esmagar seu terno sentimento, e sacrifical-o á ventura de Honorina; porém ella via que sua rival era feliz; e sua rival era a amiga de seus primeiros annos, a socia de seus prazeres, a companheira de seus brincos da infancia. E portanto Rachel, boa, nobre, fiel á amisade, não podia levantar-se diante da felicidade de Honorina: ella se sentia com animo bastante, ella desejava mesmo accender a

pyra do hymeneu, e, levando Honorina pela mão, entregal-a a esse Moço Loiro tão interessante, que devia ser por força um homem virtuoso.

Tambem mais do que isso não se póde exigir de uma mulher, que é rival: com tal já se tortura ella bastante.

Quando Jorge e Rachel desembarcárão, já era noite: elles caminhárão silenciosos, e, ao passar por uma rua estreita e tortuosa, Rachel, apontando para uma pequena casa, por defronte da qual ião, disse:

— Meu pai, não é ali a casa da velha Sara?...

— Sim, minha filha.

— Oh! pois eu estimaria bem vêr a minha pequena afilhada?

— Isso me convém, Rachel: pouco atrás nos ficou a casa do meu guarda-livros, e eu quero saber o que temos de novo.

E, dirigindo-se para o outro lado da rua, Jorge bateu em uma rotula, e vio logo depois sua filha abençoada pela gente que ahi morava. Rachel era o genio da beneficencia d'aquella familia.

Jorge sahio para logo voltar.

Moravão n'essa casa a velha Sara, a quem Rachel tratava por avó; um moço de vinte annos, seu neto, que se chamava Miguel; e uma innocente menina de tres annos, neta tambem de Sara, e que, tendo perdido sua mãi poucos momentos depois de nascer, outra encontrára na piedade da filha de Jorge.

Depois de haver acariciado sua innocente afilhada, que justamente era a orphã, Rachel dirigio-se á velha:

— Então, minha avó, está ainda bem forte, não é verdade?...

— Sim, sim, minha senhora, para meus noventa annos; porém tudo isto vai cahindo de repente... ha dous mezes passados eu era outra...

— Não se póde ser forte toda vida, boa avó; mas, graças a Deos, eu lhe acho sempre gorda... goza mais saude, do que se podia esperar em tão avançada idade: e tudo por aqui vai bem; Miguel está forte... e mostra ser sadio... a pequena Luiza muito limpinha e viva... bem... bem...

— Oh! mas nunca faltão incommodos...

— Então o que ha?... eu reparo que aqui se passa alguma cousa; Miguel tem estado a ponto de fallar umas poucas de vezes; e elle custa a fazel-o...

— E' o seu costume... abrir a boca, quando deve fechal-a.

— Então é um segredo? pois bem: eu não quero sabel-o.

— Sim, disse Miguel; mas eu já tenho dito dez vezes á mãi Sara que, se elle nos morrer em casa, póde nos custar caro.

— Morrer em casa!... exclamou Rachel.

— Miguel! tu faltaste ao que prometteste, disse severamente a velha.

— Não, mãi Sara: a Sra. D. Rachel não entrava na conta: nós não podemos esconder nada d'ella.

— Então, de que é que se trata? perguntou Rachel.

— Falla tu, Miguel, já começaste.

— Fallo, sim senhora, tornou Miguel: pelo sim pelo não, é bom que a senhora o saiba; pois se acontecer alguma desgraça...

— Falla... anda.

— Foi o caso, que hontem pela volta das onze da noite tinha eu chegado por acaso á janella, quando vi approximar-se vagarosamente, e apoiando-se pelas paredes, um moço, coitado, todo molhado, e o que é mais, coberto de sangue.

— Meu Deos! e que é feito d'elle?...

— Pedio-me com voz desfallecida que o soccorresse... que o ajudasse a caminhar... ora, eu não tenho coração para vèr estas cousas; chamei mãi Sara, e compadecidos todos lhe offerecemos a minha cama...

— E elle, e elle?...

— Arrumou os pés á parede, e não quiz aceitar senão depois que lhe promettemos nada dizer a seu respeito, a quem quer que fosse... emfim entrou: pobre moço! tinha a cabeça quebrada; não consentio, porém, por modo algum que se chamasse medico: fez-me amarrar-lhe a cabeça com pannos; mãi Sara pôz-lhe um remedio na ferida, e elle dormio toda a noite; mas ainda não se pôde levantar.

— E agora?...

— Ha duas horas que dorme.

— Minha boa avó, disse Rachel com voz muito tremula, elle dorme... deixe que eu veja esse moço... só da porta... de longe...

— Minha filha posso eu dizer-lhe que não?... mas Deos sabe que não fui eu quem faltou á promessa.

Rachel deixou Sara, e, acompanhada de Miguel, dirigio-se por um corredor escuro e longo, no fim do qual este lhe apontou um quartinho, cuja porta estava apenas cerrada.

Rachel fez signal a Miguel para que observasse

se o moço dormia; e só depois de certificada disso ella passou mansamente metade de seu esbelto corpo para dentro do quarto e vio... era elle mesmo!

Uma fraca luz ardia junto á sua cabeceira, e, á mercê de seu triste clarão, ella vio o rosto pallido e abatido do joven ferido... alguns anneis de seus cabellos sahião por debaixo do lenço, em que tinha envolvido a cabeça... seus olhos estavão fechados; mas, ainda dormindo, parecia tão meigo, como na noite do sarão.

Rachel contemplou enlevada a figura do moço adormecido; depois, como arrependida de algum terno pensamento, que talvez lhe surgisse n'alma, retirou-se rapidamente da porta do quarto, e levando a Miguel para outro, que defronte ficava, disse:

— Miguel, és capaz de ir agora mesmo a Nictheroy?

— Ao fim do mundo para lhe servir, senhora.

— Pois vai: procura entre S. Domingos e a Praia Grande a casa em que mora o Sr. Hugo de Mendonça... está situada a poucas braças do mar: dize que vás da minha parte fallar á sua filha: e a ella só, Miguel, ou a uma mulher já idosa, que se chama Lucia, entrega a carta que vou escrever, que não deverá ser lida senão por ella... por ella só, entendes?...

— Perfeitamente: póde contar que tudo está feito.

— Dá-me papel e tinta.

Rachel ficou só no quarto, e escrevia a Honorina; quando já tinha terminado e dobrado a carta, Miguel a veio chamar da parte de Jorge, que acabava de chegar: forão então ambos para a sala;

alguns momentos depois, porém, a moça, tendo obtido de seu pai licença para mandar, como dizia, buscar noticias de Honorina, voltou, sellou a sua carta, e pondo-lhe o sobrescripto, ao mesmo tempo que com seu pai se retirava, Miguel partia para Nictheroy.

Rachel, mandando lisongeiras noticias do Moço Loiro á sua rival e amiga, castigava sua alma pelo amoroso pensamento, que ha pouco tinha concebido, ao observar o joven adormecido.

No fim de tres horas Honorina lia a carta de Rachel. Miguel havia desempenhado a sua commissão como melhor pôde, que foi, confiando a carta a Lucia.

Honorina beijou mil vezes aquellas letras, que por sobre serem vindas da mão da sua melhor, ou talvez unica amiga, livravão-na além d'isso de metade de seus cuidados: tendo finalmente de guardar a carta, vio, ao fechal-a, sorprendida a principio, e logo depois toda prazer e ardor, que havião, no verso da pagina escripta, algumas linhas que lhe tinhão escapado, que não erão da mão de Rachel, e que dizião assim:

« Honorina, eu te amo! eu te amo, com esse « amor de poeta, com esse amor de fogo, que ain- « da quando acaba na desgraça e na morte, com « tanto que seja sempre o mesmo amor, é por for- « ça bem bello!... »

— Oh!... exclamou Honorina, levantando as mãos para o céo, quanto devo eu á amisade da minha Rachel!...

Mas, no meio de seu prazer immenso, a moça tornou-se subitamente melancolica e pensativa,

como se uma lembrança amarga tivesse vindo avivar-se-lhe no espirito.

Ha no mundo um sentimento encantador e meigo como o primeiro sorrir de um filhinho, puro e benigno como o orvalho da aurora, innocente e casto como o amor nascente de uma virgem; é a amisade de duas moças.

No meio d'esses juramentos de eterna estima, que as jovens senhoras proferem em um saráo, ao som das contradanças, e que cinco minutos depois esquecem; no meio d'esses beijos, d'essas caricias que se dão, e se despendem com as faces ardendo e o coração gelando; a amisade sincera de duas moças fulge como o brilhante sem jaça entre a multidão de falsas pedras; e os corações d'aquellas pendem um para o outro, ao doce impulso da amisade, semelhantes a duas mimosas flores, que se aproximão e se tocão, impellidas pelo sopro de matinal favonio.

Uma amisade d'esse genero ligava Honorina e Rachel; ellas amavão-se como duas irmãs gemeas, que se amão muito.

São onze horas da noite.

Melancolicas e pallidas velavão duas virgens na solidão de suas camaras: estavão separadas uma da outra por esse braço do oceano, que passa entre as duas cidades do Rio de Janeiro e de Nictheroy, e além se estende, beijando namorado brancas orlas de socegadas praias, e namorado abraçando ilhotas graciosas; mas no entanto acima d'esse mar, e subindo ao céo, encontravão-se talvez os pensamentos de ambas, porque pensavão uma sobre a outra.

Honorina de repente se entristecèra, lembran-

do-se de Rachel: no meio de sua alegria recordou-se de que uma paixão fatal e reprovada torturava a alma de sua amiga: incapaz de dizer uma mentira a Rachel, e n'esta confiando muito, acreditou que ella amava um homem casado, e a lembrança do padecer da escolhida do seu coração a mergulhava em um mar de crueis reflexões. Honorina não achava um só meio de servir a Rachel: Honorina chorava.

Passado algum tempo a filha de Hugo de Mendonça foi ajoelhar-se ante uma imagem da Mãi de Deos: Honorina rezava.

Rachel sentia que o amor que votava ao Moço Loiro a cada instante se tornava mais e mais ardente: cedendo ás vezes á influencia de sua imaginação. sonhando um momento acordada, ia desenhar bellos arabescos no painel de seu futuro; mas de subito se lembrava de Honorina, da sua fiel e unica amiga, do amor que lhe tinha aquelle a quem amava, e uma barreira immensa... insuperavel se erguia entre Rachel e a felicidade: então ella de novo castigava seu espirito fazendo votos pela ventura de Honorina; mas pensando tambem em si... Rachel chorava

E a filha de Jorge foi ajoelhar-se, como á mesma hora o fazia Honorina, ante uma imagem da Mãi de Deos. Rachel rezava.

E no fim de uma hora Honorina, que tinha concluido suas orações, antes de levantar-se, ergueu as mãos para a sagrada imagem, e exclamou:

— Oh! minha Mãi Santissima!... tende piedade d'aquelles que padecem!... curai a dôr do meu coração, fazendo a felicidade de Rachel!...

E tambem no fim de uma hora Rachel, que

tinha concluido suas orações, antes de levantar-se, ergueu as mãos para a sagrada imagem, e exclamou:

— Oh! minha Mãi Santissima!... abençoai e protegei o amor de Honorina; mas tende commiseração de mim, que muito soffro!...

XXII.

Elle.

Na manhã do seguinte dia o moço ferido que se achava na casa da pobre Sara, achou-se melhor; sentia apenas que, ainda nimiamente fraco, não poderia deixar aquella casa sem um companheiro, que o sostivesse.

Sara e Miguel estavão á mesa almoçando com a melhor disposição, quando virão apparecer á porta da varanda o seu doente.

— Ninguem se desarranje por minha causa, disse elle alegremente: eu me acho melhor, e fallando sem ceremonia tenho bastante fome.

— Mas...

— Nada... nada de reflexões, continuou sorrindo-se; mãi Sara (permitta, que lhe chame assim);

dê-me uma chicara do seu café, e metade do seu pão... eu já estou bom... completamente bom... e sinto uma fome terrivel... ah!... então parece que duvidão!... pois, meus bons amigos, eu não faço ceremonia... com licença.

E dizendo isso o moço servio-se de café e pão, e começou a fazer boa companhia aos seus hospedes: já se dispunha a repetir segunda dóse de café, quando a velha o suspendeu.

— Alto lá, senhor! não se come tanto de uma vez, ao entrar em convalescença...

— Tambem acho-lhe razão, mãi Sara, e sujeito-me agora a suas determinações; porém ali pelo correr das duas horas hade fazer-me o favor de servir-me com uma... está bem, não vamos tão depressa; com metade de uma gallinha ensopada, guisada, assada, ou como lhe parecer. E' certo que agora não tenho dinheiro, porém ámanhã, mãi Sara, eu lhe prometto que hade ser paga de suas despezas e trabalhos.

— Que despezas, moço! até esta hora ainda não me fez gastar um vintem... não fallemos n'isso: eu estou bem contente de lhe vêr assim alegre...

— Obrigado, mãi Sara; agora tenho um negocio com o Sr. Miguel...

— Então quer que eu faça alguma cousa?

— Sim, meu amigo: eu quero, que ao toque das oito horas da noite esteja hoje o senhor junto ás grades do templo do Carmo.

— Bem: e depois?...

— Hade ahi vir um menino vivo, esperto, loiro, que mostrará ter dezeseis annos.... vestido de branco (pelo menos é de esperar que assim venha), e com uma fita preta atada em laço ao pescoço:

mostre-lhe o senhor este annel, que lhe vou dar, e diga-lhe que o acompanhe.

— E depois?...

— E depois, Sr. Miguel, não ha mais nada a fazer: o senhor entra e fica na sua casa; e o menino terá de conversar comigo.

— Ah!... entendo: quer que traga o menino cá?...

— E' exactamente isso mesmo: o Sr. Miguel tem uma penetração admiravel!... eis aqui o annel.

Miguel recebeu o annel, escondeu-o no bolso da calça, e sahio.

— Agora, mãi Sara, disse o moço, consinta que eu vá descansar um pouco.

— Vá, vá, moço, e não seja desensoffrido.

O Moço Loiro levantou-se, e foi direito para seu quarto, já sem encostar-se ás paredes.

— Ora pois, disse elle entrando, vê-se bem que esta cabeça vai tomando juizo: já não me anda tanto á roda...

E deitando-se em uma pobre cama, adormeceu de novo.

Mas quem é esse mancebo?... d'onde veio?... o que pretende?... porque se esconde?... pouco nos é dado dizer a semelhante respeito; nada adiantaremos ao que já qualquer que ler este livro terá comprehendido.

E' absolutamente o mesmo Moço Loiro, que se apresentou no sarão de Thomazia diante de Honorina e Rachel; mas seu rosto, que não affecta mais a doce melancolia, que sem duvida fingio á vista das duas moças, está agora extremamente pallido: seus olhos se achão encovados; ainda assim porém ardentes e vivos: e apezar de fraco

e abatido elle sempre alegre e fagueiro deixa brincar nos labios descorados um sorriso engraçado, que sabe tornar melancolico, ironico, picante, ou agradavel segundo as circumstancias do momento.

Mas como se chama o Moço Loiro?... ficamos, como d'antes: é essa uma questão, que elle nunca trata de decidir: uma vez, em que Sara lhe perguntou qual era o seu nome:

— Ha suas duvidas a esse respeito, mãi Sara, disse elle com voz meiga: eu mesmo ainda não sei, como me devo chamar: no entanto póde ir chamando-me, como lhe parecer; porque eu acudo por todos os nomes da folhinha.

Todavia, apesar do mysterio, de que se rodêa, ha uma cousa que á primeira vista d'olhos se aprecia devidamente em suas acções, e mesmo em seu semblante: é o caracter d'elle: na parte superior da sua fronte desenha-se descendo, e estreitando-se até o meio d'ella, com sua fórma conica, e apenas sensivel, o orgão da sagacidade, e vivacidade de espirito. Basta além d'isso observar esse moço durante breves momentos para conhecel-o todo; com effeito tudo n'elle é fogo, e ardileza: agil, rapido, e precipitado, quasi em um só tempo pensa e executa: joven, e parecendo cheio de esperanças elle se ri para o mundo com uma audaz confiança do futuro: forte, decidido, bravo, e imprudente não hesitaria um instante ao vêr-se á borda de profundo abysmo, antes atirar-se-ia no seu fundo para salvar uma victima, qualquer que fosse, que lá se debatesse: talentoso, ardente, e romanesco despresa a vida de vegetação e de monotonia, e todo entregue aos

sonhos e desvarios de sua imaginação, cria em de redor de si, e para viver a seu gosto, um mundo de illusão, de mysterios, e de bellas phantasias: finalmente, compassivo e alegre, independente e brando é sempre o amigo dos desgraçados, tem sempre piedade dos outros, e nunca de si: constantemente alegre, não odeia a ninguem, estima a muita gente, e morre de amores por Honorina.

O genero de amor, que entretém, deve pois sua origem e alimentação a uma de duas causas: ou a seu caracter, ou a uma razão ainda desconhecida.

E' possivel que, extravagante e ardente como é, tendo ouvido o primeiro dialogo de Honorina e Rachel, e então devidamente apreciado a imaginação d'aquella moça, que devia ser com tanta facilidade inflammavel, lhe viesse ao pensamento desafiar-lhe primeiro a curiosidade, e depois ganhar-lhe o amor com suas apparições inopinadas e preparados mysterios: se elle pensou assim, tirou completo resultado de seu plano.

Mas é possivel tambem que, amando desde muito a bella moça, e temendo que seu rosto, visto á luz do dia, possa recordar um crime, ou uma infamia que faça recuar horrorisado de seu aspecto aquelle anjo de pureza, se furte aos olhos de todos, e á mercê da noite, ou quando, apparecendo só a ella, ninguem haja para apontal-o com o dedo, e dizer — eis um monstro! — trate de prender em duros laços o innocente coração da menina, a fim de que, se uma hora soar, em que seja reconhecido, seja tambem já impossivel escapar-lhe a presa.

Póde porém existir tanta malvadeza em um homem tão nobre, que se expõe á morte para salvar

uma mulher?... em um homem que, ainda estando só, está sempre alegre?... a alegria na solidão não será um privilegio exclusivo da virtude?...

Além d'isto: uma consideração ha a fazer notar em todos os passos d'esse mancebo: como póde elle penetrar nas noites, que lhe agradão, dentro do jardim de Hugo?... quem lhe foi dizer que Honorina esperava um cabelleireiro no dia do saráo de Thomazia?... quem o foi prevenir de que Hugo voltaria com sua filha para Nictheroy na mesma noite?... quem o avisou de que haveria um passeio maritimo na noite da tempestade?...

Embora não se possa explicar semelhantes duvidas, nada ha mais certo do que o conhecimento prévio que o Moço Loiro teve de tudo aquillo; elle pois sabe de todos os passos de Honorina, de suas acções, de seus projectos, e, jogando com elles, ganha sempre as partidas em que compra cartas.

Em seu engraçado contender de amor, ainda não abandonou o campo, uma só vez, como vencido: de duas uma: ou deixa a confusão no arraial inimigo, e de longe com isso se recreia; ou vai bater-se face a face, e ganha de ordinario um trophéo de victoria. Sempre imprevisto, nunca esperado, jámais o mesmo, muda de armas em cada batalha, de genero de combate em cada campo: ha só um objecto constante n'elle — a sua bandeira: a divisa de seu escudo: — amor!

Assim, testemunha ocular, ouvindo a conversação de duas moças horas inteiras de uma noite, ouvindo, sem ser visto; elle confunde a ambas com sua primeira carta, que nada menos significou, do que a declaração da guerra de amor.

Dias depois ridiculamente vestido, e ainda peior toucado, apresenta-se diante da moça, que ama, rouba-lhe um annel de madeixas, e desapparece.

Mais algumas horas, e eil-o metamorphoseado em Moço Loiro, sentimental e melancolico: falla, e de seus labios escorre veneno para o coração de duas moças; olha, e de seus olhos partem settas de fogo, que fazem arder o socego de ambas ellas: tem entrado em um saráo, para o qual não o convidárão, vê a gente. que chega, e foge sem ser sentido, sem ser notado, deixando sua imagem, e a relação de um sonho para atormentar duas bellezas.

Para logo inteiramente novo, é já um rude bateleiro, que com sua voz aspera e grossa assusta Henorina, e faz-lhe fechar os olhos: aproveita-se do vento... beija-lhe uma luva, e dentro d'ella lança o seu hymno de victoria, e ao amanhecer, na janella da moça, a flôr que devia explicar o sonho!

Não muito depois responde a um canto com outro, em que demonstra, que ouvio, ou que sabe de um doce pensamento escapado da alma, e dos labios de Henorina. Na noite seguinte o velho pescador, como um enviado do céo, atira-se ao mar, e salva aquella a quem ama.— Não tem por armas mais do que cabelleiras, e vestidos singulares, e á mercê d'elles triumpha sempre.

Quem é pois esse mancebo, que não sabe toucar, e faz-se cabelleireiro; que nada comprehende de pilotagem e se improvisa patrão de bateis?...

. . . . . .

Meio dia soou: o Moço Loiro acordou-se, e ouvindo a voz de Sara na varanda, levantou-se, e se foi sentar em uma banquinha junto d'ella.

— Então como vai, moço?...

— Cada vez melhor, mãi Sara; mas confesso-lhe que sinto outra vez uma fome dos meus peccados: a minha gallinha estará prompta?..

— Ainda não, moço: o senhor disse que a queria pela volta das duas horas da tarde.

— Paciencia... paciencia; porém, mãi Sara, quero pedir-lhe um favor: não me chame de moço; chame-me de filho...

— Pois bem: meu filho...

— Assim... mas o que é?...

— O que é, o que?...

— Ah! eu pensei que mãi Sara me perguntava alguma cousa: como ia dizendo — meu filho...

— Não, nada perguntei: e todavia alguma pergunta poderia ser-lhe feita.

— O que?...

— Eu não sou curiosa, meu filho; recebi-o em minha casa sem o conhecer; mas... cheio de sangue... que queria isso dizer?...

— Que o sangue era de minha cabeça, mãi Sara.

— E como se quebrou a sua cabeça?...

— Ora... como se quebrou?... quebrando-se: não ha nada mais natural: nunca se vio uma cabeça quebrada?...

— Sim; mas era possivel temer...

Está bom... está bom, mãi Sara: fallemos em outra cousa: não ha nada peior do que dormir com fome.

— Porque?...

— Porque sonha-se muito.

— Sim?... então sonhou?...

— Esta noite?... muito: dous longos sonhos... olhe, mãi Sara, em parte eu gosto bastante de so-

nhar: se soubesse como eu tenho sido feliz com sonhos!...

E o moço pôz-se a rir:

— E sonha muitas vezes?...

— Faço ainda mais, mãi Sara: quando não posso sonhar, invento sonhos.

— Mas, meu filho, isso tambem é mentir; e portanto é peccado.

— Ha certos peccados que Deos perdôa facilmente; porém, como lhe dizia, esta noite tive dous sonhos... e um com mãi Sara!

— Comigo?...

— Sem duvida; mãi Sara é bem pobre, não é assim?...

— E' verdade, mas não da graça de Deos.

— Pois eu sonhei, que me ia hoje embora, e querendo dar-lhe algum dinheiro, mãi Sara o não quiz receber.

— E era isso, o que havia de acontecer.

— Obrigado... obrigado... nem eu me atrevia a offerecer-lhe nada; mas o sonho continúa... e amanheceu o dia de ámanhã... mãi Sara, acordou, e achou debaixo do travesseiro uma carteira cheia de dinheiro...

— E quem a tinha posto lá?... perguntou rindo-se a velha.

— Provavelmente a mão d'algum genio bemfazejo.

— E depois?...

— Mãi Sara ficou com o dinheiro, e acabou-se o sonho.

O Moço Loiro ria-se agradavelmente observando a impressão que seu sonho produzia na pobre

velha: depois de alguns instantes de silencio, ella perguntou.

— E o outro sonho feiticeiro!

— O outro... o outro é com Miguel; eu queria repetil-o á vista d'elle, porém mãi Sara lh'o contará.

— Vamos lá: e nada de inventar.

— Eu sonhei, que hontem á noite tinha vindo uma moça visitar a mãi Sara...

A velha olhou espantada para o moço.

— Sonhei até, que essa moça se chamava... se chamava... espere que me lembro... chamava-se Rachel!

— E' possivel!...

— Sonhei que Miguel tinha faltado á sua promessa, contando á moça tudo quanto havia a meu respeito...

— Perdão, meu filho! exclamou a velha, perdão para Miguel; porque tudo isso é verdade!...

— Ah! é verdade?... melhor: pobre Miguel! se fosse eu tinha feito ainda mais, inventava uma historia bem comprida, e mentia, como é de meu costume... pobre Miguel! por isso não o estimo eu menos.

— Meu bom filho!... feiticeiro!... feiticeiro!...

— Espere, mãi Sara; o sonho continúa. Sonhei que a moça veio observar-me da porta do quarto... como era bonita!...

— E' verdade... tudo verdade...

— Sonhei que logo depois ella entrou em outro quarto... no seu, mãi Sara; e foi escrever a uma amiga... tambem muito bonita, muito, mãi Sara! essa então era mais bonita ainda!.. ora bem:

quando a moça estava fechando a carta, chegou o pai, que a vinha buscar, e ella correu á sala...

— Sim... sim... foi assim mesmo.

— Agora o resto é melhor ainda : sonhei que eu me ergui da cama, e, encostando-me pelas paredes, fui pé por pé ao quarto de mãi Sara, abri a carta que a moça tinha escripto... oh! o ladrão da moça escreve bem!... mãi Sara, eu beijei a carta!...

— Bregeiro! bregeiro!...

— E depois... olhe que tudo isto é sonho ; depois eu virei a folha e escrevi no verso duas ou tres linhas com quanta pressa podia : feito isto, retirei-me, e fingi outra vez dormir.

— Agora é muito! se fosse verdade...

— Estou dizendo que é sonho, mãi Sara, sonho só: olhe, pergunte á moça se, quando ella me observou, eu não estava dormindo; porém, mãi Sara, não me deixa acabar nunca!...

— Acabe... acabe, meu filho.

— Sonhei que, apenas tinha eu deixado o quarto, a moça tornou a entrar, e sellando a carta, entregou-a a Miguel.

— E' tudo verdade.

— Sonhei, emfim, que a moça partio com o pai para sua casa, e Miguel para Nictheroy... lá, Miguel entregou a carta... mãi Sara ; no meu sonho eu vi tambem a outra moça lendo : ainda uma vez... como era bonita!...

— Meu filho, se isso é um sonho, foi um poder sobrenatural, quem lhe fez tel-o, para castigo da falta de Miguel...

— Pobre Miguel! não fallemos d'elle... eu lhe

perdôo de todo o meu coração!... por consequencia, tudo o que eu sonhei foi realidade?...

— Pelo menos quasi tudo...

— Ah! mãi Sara!... se se realisasse o resto...

— Pois ainda temos mais?...

— A ultima parte.

— Então acabe.

— Eu dizia que a moça, que recebeu a carta, era muito bonita... encantadora, mãi Sara!... pois bem... no meio de tudo isto... sonhei que me tinha casado com ella...

— Extravagante!...

— Despertei, soltando um grito de alegria...

— E emfim?...

— Achei-me, quando procurei minha mulher, só... com a cabeça quebrada... cheio de sangue... aborrecido de mim mesmo...

— Louco!... e por isso se faz de repente tão triste?

N'esse momento ouvio-se um sino que dava horas.

— Que horas são?... perguntou o moço com vivacidade.

— Uma.

— Mãi Sara, a minha gallinha?...

— A's duas horas.

— Que fome, meu Deos!... que fome... que fome!...

A velha desatou a rir.

XXIII.

Afilhado.

Ouvindo o signal das oito horas, Miguel correu para junto do templo do Carmo, e, bem não erão ainda passados cinco minutos, logo vio chegar cuidadoso e apressado um menino, que era por força aquelle, de quem o Moço Loiro lhe déra os signaes.

Faça-se idéa da vivacidade personalisada: era esse menino: sem duvida com não mais de dezeseis annos; com cabellos excessivamente loiros e crespos; os olhos grandes, pretos, brilhantes e á flôr do rosto, que, muito redondo, era ao mesmo tempo igualmente córado; o nariz pequeno; os labios rubros; dentes bellissimos; o corpo delgado; e em todas as suas acções, em todos os seus movimentos ligeireza, rapidez, volubilidade: os olhos

do menino brilhavão de noite como dous globos ardentes em rotação continua.

Miguel endireitou para elle, e a dous passos parou, e ficou firme como um soldado, mas sem dizer palavra: o menino fitou-lhe seus dous olhos de um modo tão penetrante, tão perscrutador, tão forte, que, a despeito da influencia de sua maior idade, Miguel teve de voltar a cabeça por não poder encaral-o

— Que é isso lá?... disse o menino com voz argentina e firme.

Miguel nada respondeu; tirando porém a mão do bolso, estendeu o braço e mostrou-lhe o annel.

O menino arrancou-lhe o annel da mão, e correu para baixo de um lampião; depois voltando com igual presteza:

— Onde está o dono d'este annel?... perguntou.

— Na minha casa.

— Pois partamos.

E tomando o braço de Miguel, o menino obrigou-o a andar tão depressa, que quasi corrião.

Depois de alguns minutos de marcha, Miguel teve vontade de travar conversação com o seu companheiro.

— O senhor, disse elle ao menino, é irmão d'aquelle moço que está em minha casa?

— Não.

— Mas é seu amigo?

— Sim.

— Entendo: não tem parentesco nenhum com elle.

— Não.

— Oh! elle parece ser muito bom moço.

— Sim.

— E' mesmo natural d'esta terra ?...

— Que lhe importa ?...

Esta ultima resposta foi dada de um modo interrogativo; mas com um tom tão terminante, que Miguel convenceu-se para logo que aquelle estomago de creança não cedia nem ao mais poderoso emetico.

Portanto decidio-se a guardar silencio. Assim chegárão á casa.

Apenas entrado no quarto do Moço Loiro, o menino correu para elle, e abraçando-lhe as pernas, exclamou :

— Ah ! padrinho !...

— Está bom, Carlos, está bom : disse sorrindo-se o moço ; não ha tempo a perder ; deves ir á casa que tu sabes, e entrega este bilhete á mesma pessoa, a quem tens entregado os outros : o que trouxeres, deve ser-me dado, quando eu estiver só.

O menino recebeu um bilhete, que o moço tinha escripto na tarde d'esse dia, e desappareceu correndo.

Miguel, que pretendia colher muitas reflexões da entrevista dos dous, convenceu-se para logo, ao vêr a maneira porque se explicava o moço, que ainda depois da volta do menino se deveria contentar com saber, que elle se chamava Carlos, e que o moço era seu padrinho.

E, para maior pena, o moço foi pedir á mãi Sara, que quando voltasse o seu afilhado, o deixassem a sós com elle ; de modo que Miguel abrio a porta ao pequeno Carlos, e teve de ficar ao pé de sua avó, até que, passado um quarto de hora, apparecêrão os dous na sala.

— Adeos mãi Sara! disse o moço; eu me vou... e algum dia receberá novas minhas... Adeos Miguel!... Adeos tambem minha pequena afilhada de bonita madrinha!... oh!... vem cá meu anginho; quero dar-te um beijo... não é verdade, que tua madrinha te beija tambem?... eu creio, que devo vir a ser muito amigo d'ella...

— Meu filho, disse a velha, pois ainda tão fraco...

— Este menino tem o braço bem forte para me sustentar. Adeos pois meus amigos... obrigado!... muito obrigado!...

Feitas as ultimas despedidas, o padrinho e o afilhado sahírão, deixando a avó e o neto a pensar n'elles.

— Este rapaz, repetia a velha muitas vezes; tem cabeça de doido e coração de santo! sempre tão alegre e tão affavel!... o bregeiro zombou de mim todo dia, ao mesmo tempo que me abraçava, e chamava-me sua mãi!... eu não sei porque; mas a gente por força hade querer-lhe bem!

Entretanto os dous caminhavão, como podia o ferido, escolhendo de preferencia as ruas mais solitarias: de minuto a minuto o menino voltava para trás seus dous bellos perylampos, como para convencer-se de que não erão seguidos. Finalmente, chegando a uma rua escura, e feia, cujo nome importa pouco saber, elles entrárão em uma casa de triste apparencia.

Essa casa era habitada por uma familia tão necessitada, como aquella que recebera o ferido; mas este occupava um pequeno sotão, que n'ella havia; e posto que devesse pagar seu alugnel a esta familia, parecia pouco conhecido d'ella, pois

que apenas do corredor deu as boas noites, e começou a subir vagarosamente a escada do sotão. em quanto Carlos foi pedir a chave da porta.

Emfim elles se achárão sentados defronte um do outro. Todo sotão se compunha de uma saleta, e dous pequenos quartos: n'elles não reinava nem luxo, nem miseria: era a morada de um homem solteiro arranjada um pouco menos á Franciscana, do que um quarto de estudante.

Quando o menino sentio, que seu padrinho já havia descançado, disse:

— Eu não sei, porque meu padrinho em logar de me fazer ir todas as noutes postar-me de sentinella junto ao Carmo, me não deixa antes vir encontral-o aqui!

— Porque poderião seguir-te, vêr-te entrar... e quem sabe as consequencias?...

— Vêr-me entrar? a mim?... perguntou o menino sacudido a cabeça.

— Pois bem, meu vaidozinho, a cautela nunca fez mal... mas agora vamos ao que nos interessa: que novidades ha?...

— Nenhuma.

— Que! pois nenhuma absolutamente?...

— Já disse, até onde tinha chegado, ainda não fui mais longe.

— Que tens ouvido?...

— Nada.

— Que tens visto?

— Cousa nenhuma.

— Que tens pensado... sentido... suspeitado...

— Absolutamente nada.

— E' porque tens sido um tolo.

— Qual tolo, meu padrinho! lá, de dia, trabalha-se...

— E de noite?...

— Dorme-se.

O moço não pôde deixar de rir-se da resposta de seu afilhado: alguns minutos depois continuou no seu interrogatorio.

— E tu onde dormes?...

— No sotão... mesmo por cima do quarto d'elle.

— No sotão?... ah! tu já me tinhas dito: bem bom, Carlos, bem bom; mas isso é quasi uma honra...

— Foi em attenção áquella senhora, que fallou por mim.

— Eu sei.. eu sei; porém vamos: tu dormes no sotão mesmo por cima do quarto d'elle... eis ahi meio caminho andado: deverias ter visto e ouvido muita cousa...

— E o forro?

— Arranca-se uma taboa.

— E a bulha?...

— Então desce-se ao sobrado para espreitar...

— E as portas?...

— Que tem as portas?...

— Durmo trancado.

— Patéta!... não ha chaves falsas no mundo?...

— E o tempo que se gasta em procural-as?...

— Pois bem... e o tempo que se tem perdido?...

— Qual perdido, meu padrinho!... fiz cousa melhor do que tudo isso.

— E então para que me quebras a cabeça? falla.

— No sotão e junto de minha cama ha uma taboa quebrada no assoalho; arranquei-a.

— E depois?...

— Restava o forro: arranjei uma verruma, e, á mercê d'ella, fiz um buraco, que chega para metade de meu olho.

— Bem · e depois?

— Apromptei um páosinho redondo, e pintado de branco...

— E para que essa asneira?...

— Para ter o buraco tapado de dia.

— Está bom... está bom: tens razão: adiante...

— A's dez horas de todas as noites apago a minha luz; levanto com cuidado a taboa velha do assoalho; tiro o meu páozinho do forro; e fico com o olho no buraco.

— Vamos... vamos...

— Quando elle não tem divertimento, recolhe-se ás dez horas.

— E o que faz?...

— Lê livros, ou periodicos.

— E depois?...

— Despe-se, e vai deitar-se.

— E depois?...

— Dorme.

— E emfim?...

— E emfim vou eu tambem dormir.

— Pois é preciso não dormir, Carlos.

— Mas, meu padrinho, é que se não póde trabalhar no dia seguinte.

— Pois faze-te doente.

— Dar-me-hão remedios.

— Toma-os.

— E se eu morrer?...

— Mandarei fazer-te um riquissimo enterro.

— Obrigado, meu padrinho.

— Tu és um preguiçoso... um descuidado, e um tolo!... não tens feito nada... nada... nem trabalhado por fazer.

O menino pareceu vivamente incommodar-se com o desgosto de seu padrinho.

— Mas... eu não pensava!... o que é que se póde colher de um homem, que dorme?!...

— Oh!... o somno Carlos, o somno póde ser bem fatal a um homem! quem sabe se elle não sonha?... quem te assegura que elle em seus sonhos não possa dizer alguma cousa, que nos seja util?... Carlos, o sonho do homem é mil vezes o traidor de seus pensamentos!... e portanto é preciso que tu o observes de dia, e de noite; no trabalho e no descanço; na vigilia e no somno!

— Porém eu não hei de dormir nunca?!...

— Tambem tens razão, disse o moço rindo-se de novo; façamos portanto um ajuste: a que horas dormes?...

— A' meia noite, e ás vezes depois.

— E quando te levantas?...

— A's cinco e meia.

— Bem: vela depois que elle dormir mais uma hora, e dorme quatro e meia.

— Velarei hora e meia, e dormirei quatro.

— Carlos, tu és muito bom.

— Oh! meu padrinho!... exclamou o menino abraçando o moço.

— Precisas de dinheiro?.. perguntou este.

— Ainda tenho bastante.

— Excellente rapaz!

— Meu padrinho está contente de mim?...

— O mais que é possivel!

O menino demonstrou o seu prazer, saltando, e batendo palmas loucamente.

— Aquieta-te, travesso, disse o moço; ainda temos que fallar.

O menino tomou de novo o seu lugar; e ficou mudo, serio, e attento como um ministro de estado que vai ouvir uma interpellação.

— Durante estes cinco dias, observa o nosso homem, se nada colheres, fica em casa; se houver novidade ou precisares de alguma cousa, acharme-has aqui: depois, será como d'antes, ás oito horas da noite junto ao templo do Carmo.

— Estou sciente.

— Agora ajuda-me a mudar esta roupa, que ainda tem manchas de sangue.

— Foi uma quéda horrivel, não é assim, meu padrinho?

— Sim... uma quéda; mas quem te disse que foi horrivel?...

— Eu pensava... uma quéda, em que se quebra a cabeça...

— Pois eu não quero, que penses d'esse modo, Carlos.

— Então como?...

— Foi uma quéda abençoada, ouviste?

— Está dito, meu padrinho: foi uma quéda abençoada.

Meia hora depois Carlos, deixando seu padrinho de vestidos mudados, com um lenço limpo á cabeça, e socegadamente deitado, despedio-se d'elle e ia descer:

— Carlos, disse ainda o moço, dize á familia, que mora em baixo, que fico estes cinco dias

em casa; e por consequencia, que continue a mandar-me almoço, jantar e cêa; principiando pela cêa, ouviste?...

— Sim, meu padrinho!... respondeu Carlos descendo rapidamente a escada.

— Grata creança!... disse o moço, quando o vio partir.

No entanto o menino, depois de cumprir a recommendação de seu padrinho, pôz a cabeça fóra da rotula, examinou se alguem havia de espreita, e vendo a rua solitaria, sahio, e marchou precipitadamente, olhando muitas vezes para trás, como era de seu costume.

A dedicação d'essa creança ao Moço Loiro deveria ter por origem um sentimento bem nobre!

A's dez horas da noite Carlos entrava pela porta de uma elegante casa, dizendo comsigo mesmo:

— Esta noite não durmo sem ouvir sermão: e tambem nunca me recolhi tão tarde.

E ao mesmo tempo o Moço Loiro sentava-se á mesa de seu pequeno quarto, e se dispunha a cear, o que acabavão de trazer-lhe.

. . . . . .

Ao amanhecer do dia seguinte a velha Sara despertou, e lembrando-se do moço ferido... sem poder conter-se... rindo-se de si mesma, passou a mão por baixo de seu travesseiro, e, sorprendida, tirou d'ahi uma carteira...

Immediatamente gritou por Miguel, que se levantou espantado; mas para logo seu espanto se tornou em vivo prazer; pois vio que a carteira, se não continha somma capaz de enriquecer uma

familia, lhes trazia meios de melhorar muito sua posição.

Rachel, a quem foi relatado o sonho do moço e o apparecimento da carteira, comprehendeu facilmente, qual tinha sido a mão de genio bemfazejo.

XXIV.

Um mez.

Depois dos acontecimentos, que muito succintamente acabamos de relatar, um mez se passou por tal modo infecundo e arido, que justo parece passarmos tambem de um rapido vôo sobre elle.

Hugo de Mendonça deixou para sempre a sua bella casinha de Nictheroy: Emma havia tomado tal horror da vista d'aquelle mar tão traidor com suas mansinhas e risi-bulhentas ondas, que lhe esteve para arrancar do coração a unica, talvez a unica corrente que ainda a prende ao mundo; Hugo mesmo lembrava-se todos os dias com tal terror da fatal noite de tempestade, que sua mudança para a côrte foi determinada e promptamente executada, apezar do muito que Honorina

se aprazia da meia solidão, do meio socego, que gozava n'aquella pequena e graciosa casa, abrigada por trás de sombrias arvores; e, póde ser, das lembranças já doces que esse mesmo mar insano, que essas noites de claro luar lhe derramavão no espirito.

E como se a interessante moça houvesse adquirido influencia tão forte e decidida sobre o animo de Lucrecia, e impressão tão agradavel n'elle tivesse produzido, que já não fosse possivel a esta fruir com prazer a vida longe da filha de Hugo de Mendonça, a linda viuva abandonou tambem para logo a joven cidade, que talvez, para alguns, semelhou, durante alguns dias, jardim desamado, d'onde se ha arrancado para transplantar em outro suas flôres mais mimosas.

Honorina portanto tinha como que duas existencias ligadas á sua; como que duas sombras que acompanhavão seu corpo: a viuva e o Moço Loiro.

Mercê de nosso privilegio de autor, temos já entrado na alma de ambas essas personagens, e ter-se-ha comprehendido, que tão benigno deverá ser o influxo de um, como maligno o da outra.

A' primeira vista parecerá um contra-senso, que tenha de partir o bem d'aquelle, que se esconde nas trevas, e o mal d'aquella, que se apresenta com a face descoberta; sendo, tal qual é, a virtude sempre limpida e transparente, e vezes mil, ou antes de ordinario, a maldade mysteriosa e encapotada; mas um momento de reflexão fará lembrar que outra é a capa e mascara da maldade, que não em todos os casos a escuridão da noite; outra mais negra aiuda, e ainda mais impene-

travel que esta, é — a hypocrisia: é — o socego do rosto mentindo as convulsões do espirito: — o doce sorrir dos labios por cima do amargor e do veneno do coração: — o olhar meigo e terno dos olhos adiante da vesgueira enfesada do animo.

E' possivel que o futuro proceder das duas personagens, em quem por ultimo tocamos, venha ainda uma vez, demonstrar a veracidade d'essa já velha observação.

. . . . . .

E um mez se passou: um mez de suspiros para uma amante saudosa; de acerba melancolia para uma martyr de amor; de projectos e combinações sinistras para uma mulher falsaria.

Iremos pois considerar tres mulheres: Honorina, Rachel, e Lucrecia.

Começaremos pela ultima.

Lucrecia, habil e provecta, apezar de seus poucos annos, tinha comprehendido, á primeira vista d'olhos, que Octavio não era attendido por Honorina; ao mesmo tempo porém todas as acções, todos os passos, cada pensamento e cada palavra d'esse homem provavão até á evidencia que ardente paixão concebêra elle pela moça, e a que frio e offensivo esquecimento estava a viuva condemnada.

Lucrecia tinha em sua desmedida vaidade um horrivel apparelho de torturas, ralada pelo qual via ella o bello quadro de seu passado apagado pela mão de Honorina; as viçosas flores de suas corôas de triumpho cahidas, espalhadas por terra e aos pés d'essa moça... e Lucrecia arquejava.

Embora innocente, a filha de Hugo de Mendonça era a causa dos seus tormentos... era a mulher

por quem Octavio a esquecia... era a sua rival; isto é, a sua inimiga...

Ora, é possivel que um homem, esquecido, despresado pela sua amada, nem por isso se exaspere contra aquelle por quem ella o deixou, a quem ella procura inutilmente conquistar e prender: póde mesmo succeder que o offendido applauda e estime o outro, como a sua vingança, quando está firmemente convencido que esse é amado, mas não ama.

Uma mulher porém não pensa por essa maneira.

A mulher é o ente que tem o privilegio de levar todos os sentimentos d'essa ordem ao seu mais elevado gráo. Aquella que se sente trahida pelo homem que a amava, vai com seu olhar terrivel e brilhante adevinhar, no meio de uma multidão de bellezas, qual é a que lhe prefere: e ainda que essa não se levante diante de seus projectos, que seja innocente no affecto que inspirou, que mesmo maltrate ao homem, que sem retribuição a requesta, ella a olha como uma rival, uma inimiga, um insulto vivo a seu amor proprio de mulher.

E o pensamento que primeiro e naturalmente se lhe apresenta é este — vençamol-a!

Sim; porque ahi ha duas offensas, que não se perdôão facilmente: ha, antes de tudo, uma outra mulher que pôde agradar mais do que ella; que parece levantar sua cabeça e sorrir-se orgulhosamente victoriosa diante d'ella: e ha, depois, um escravo perdido, um homem que andou de rojo beijando suas pizadas, e que agora a desdenha... a esquece... a despresa por causa de outra.

E pois a essa outra se odeia... e se quer tambem e a todo custo vencer.

Sim; porque ha um grande, e talvez unico pensamento na vida da mulher, que, durante quarenta annos, a occupa toda; que se alimenta, se rumina, e por elle se vive: é o amor: pensamento que iguala a aldeã á princeza; porque podem ambas amar da mesma fórma, com o mesmo fogo, e ao mesmo homem: pensamento que poderá fazer com que a princeza desça do palacio e vá á cabana combater a aldeã; pois se esta fôr a rival preferida, aquella, que não deixou de ser mulher por sentar-se tão alta; que se ufana de agradar tambem, ha de sentir arder seu amor proprio no desejo vivo de — vencel-a; e de vencel-a sómente, como mulher.

Mas, para vencer, é preciso combater: e a mulher não se lembra nunca de atacar o homem que a trahio; porque seu unico anhelo é rebaixar aquella que lhe preferio.

E onde ir feril-a?... e como abatel-a?... a mulher conquista o homem pela força dos encantos do espirito e do corpo: porém, para destruir os encantos do espirito de uma rival, era preciso que a ciumenta podesse chegar com seus labios até muito em cima, e apagar com seu sôpro de boca humana a chamma brilhante do Creador: e isso é absolutamente impossivel: ou então, o que seria muito louvavel e nobre, adornar o espirito proprio; enfeital-o; aproveitar-se de suas disposições; illustrar-se e brilhar por si mesma. Mas essa é uma vingança morosa... que se espera muito... que vem chegar tarde...

Restão os encantos physicos: ha contra elles dous meios poderosos; a enfermidade e o tempo; porém aqui ainda esses meios escapão; porque as

enfermidades não são como as pedras, que no chão se apanhão para lançar-se ao rosto do inimigo; e as pragas do ciume e do odio não chegão até o alto dos céos para realisar-se. O tempo não corre hoje mais depressa do que hontem correu e ámanhã correrá: o tempo não sahiria de seu passoigual, compassado, e immudavel á vóz de ninguem; e, sobretudo, não seria nunca uma mulher quem, para cavar duas rugas no rosto de uma rival, consentisse em vêr outras duas cavadas no seu.

Todavia ha um ponto delicado, alvo finissimo, e por demais sensivel, que póde ser ferido em uma mulher; e que, quando n'elle se tóca, basta que a adaga penetre uma só linha, para que o golpe seja mortal; para que ella caia ainda mais abaixo do que as que se sentão menos altas, e fique hombro a hombro, com as que estão no fundo do abysmo: esse ponto é a sua fama... a sua pureza... a sua honra: bello astro de luz, a quem a mais leve nuvem póde escurecer; fresca rosa matutina, a quem sóbra o mais fraco sôpro para roubar-lhe todo o perfume; véo branco, transparente e fino, a quem o mais branco espinho é capaz de romper, e um simples atomo de poeira mancha para sempre.

E é contra esse ponto que a mulher, quando não tem nobreza, quando sua vaidade é tão grande, como imperceptivel sua virtude, vai direita tocar e pretender ferir; porque, ferido elle, sua rival, mesmo aos olhos do homem que mais loucamente adoral-a, fica por força abaixo d'ella, se está ainda incolume.

Este raciocinio importa uma verdade execravel!... e comtudo entre mil, entre mais de mil senhoras, que com a sua angelica piedade, com a do-

çura e virtudes de seu sexo recuão horrorisadas diante de tal infamia; uma ou outra emfim desgraçadamente se encontra, que se não turva ante a imagem de seus resultados, que a aceita, e se esperança n'ella.

Lucrecia, na concentração de seu ciume, tinha comprehendido que era essa a unica maneira de se levantar sobre Honorina aos olhos de Octavio.

Lucrecia, joven e bella, com seus olhos tão langorosos, com seu sorrir tão engraçado, concebendo pensamento tão medonho, era como abysmo insondavel escondido por um tapete de flores, que em sua boca se enredassem.

Para mais direita chegar a seus fins, a viuva procurou, fazendo por merecer a confiança de Honorina, entrar em seu coração, e conhecer seus segredos: frequentando com admiravel assiduidade a casa de Hugo de Mendonça, Lucrecia se dizia a maior amiga da filha d'este; e a alto gastar de desvelos e extremos, ella pareceu armar-se do direito de merecer essa confiança, que todavia Honorina só lh'a concedeu por metade.

Lucrecia, fingindo-se curiosa, ouvio então o que já sabia. A incauta moça fallou-lhe das loucas pretenções de seus dous ridiculos amantes, e da perseguição de Octavio.

A viuva mostrou-se assustada, e receiosa do que podia soffrer a reputação d'aquella, a quem chamava sua querida amiga, pelos atrevidos obsequios e comprimentos de Octavio: quanto aos outros dous, dizia ella, que não havia mesmo o menor inconveniente em Honorina animal-os para divertir-se.

Em seguida, vendo derramado o temor e o

espanto pelo rosto da pobre moça, Lucrecia offereceu-lhe um remedio, um meio para sahir de tão difficil conjunctura; raciocinou de um modo claro, apoiou seus conselhos com sua experiencia, e provou que Honorina devia demonstrar terminantemente, o muito que lhe desagradava Octavio; que convinha mesmo mostrar preferir-lhe alguem; e como pensava que seu coração ainda não havia feito escolha, lembrava-lhe a utilidade de fingir-se sensivel á paixão de um dos dous parvos pretendentes; asseverou que talvez bastasse isso para desanimar Octavio; e concluio dizendo, que, como cumpria dar contas ao mundo, seria melhor attender antes a Braz-mimoso, que, como velho e tolo, pareceria a todos menos o objecto de uma verdadeira affeição, do que o de um simples passa-tempo.

Lucrecia não tinha concebido ainda um plano de vingança: desarmada pela innocencia, honestidade e nobreza de Honorina, ella podia apenas preparar, facilitar os meios de vingar-se, e esperar que o tempo lhe désse azo para o resto; mas, como para a execução de um projecto qualquer, sempre haveria necessidade de um homem, ella foi pôr de mão o mais miseravel de todos os apaixonados de Honorina: o ente escolhido foi Braz-mimoso: semelhante escolha lisonjeava seu ciume, porque rebaixava sua rival.

A viuva não achou a menor difficuldade em trazer para perto de si, e dispôr para instrumento da predisposta vingança a Braz-mimoso: vaidoso e parvo, esse homem acreditou facilmente em tudo quanto lhe quiz dizer Lucrecia. Ella começou por demonstrar-lhe que sua amiga de

muitos annos, e conhecendo a paixão em que elle ardia por Honorina, desejava servil-o e trabalhar para sua ventura: que n'isso não só satisfazia a amisade, como ainda vingava-se de Octavio, que tão vilmente zombára d'ella: asseverou-lhe que Octavio não era um rival para temer; pois que a filha de Hugo de Mendonça o despresava; e emfim, para excitar um pouco o amor do velho gamenho, e tornal-o mais avido da victoria, fel-o crêr que o unico homem, cuja concurrencia podia ser-lhe nociva, era o filho de Venancio.

Segura de Braz-mimoso, de quem podia vir a precisar, Lucrecia continuou a acariciar e observar Honorina, esperando tudo mais do tempo.

O que narramos, muito passageiramente, foi, não a obra de um dia, mas o aturado trabalho de um mez, inteiro; e seu resultado, embora muito incompleto, deveu-se ao desamparo de Honorina.

Porque Rachel a tinha vindo vêr só tres vezes em todo um mez...

Honorina sentia-se agradecida a Lucrecia pelo carinho com que por ella era tratada; mas ao mesmo tempo alguma cousa muito inexplicavel a tornava incapaz de ser amiga da viuva. Escutando suas palavras, ouvindo fallar em calumnia, Honorina tinha medo; na frente porém do mundo, que a assustava, ella estava vendo Lucrecia! ouvindo sempre, respondendo poucas vezes, e jámais promettendo, a filha de Hugo de Mendonça jurou manifestar a mais completa indifferença,

e mesmo algum rigor a Octavio; mas teve tedio de parecer sensivel a Braz-mimoso.

Amor era para ella um sentimento sagrado, e servir-se d'elle para uma zombaria, importava, em sua opinião, o commettimento de um sacrilegio.

Pura como tinha nascido, exaltada como o mais vivo affecto, Honorina amava com esse extremoso amar de alguns corações de mulher, que são sentidos no mundo, escapados talvez por descuido dos anjos guardadores dos corações do céo.

Toda inteira devotada ao homem, que pela primeira vez lhe fizera experimentar o anhelante e doce sentimento, ella queria que seus olhos nem por fingimento ou gracejo despendessem com outro a ternura, que guardava só para elle; que ninguem mais bebesse seus sorrisos, ninguem mais fosse objecto da meditação de seu espirito, e emfim, que a nenhum outro viesse, nem por sonhos, a idéa de possuil-a.

Tal como o infante, que primeiramente se arrecêa de entrar n'um jogo, que lhe hão pintado muito perigoso; porém, uma vez n'elle entrado, a elle todo se dá, e não o quer deixar mais; assim Honorina, que tocada das palavras e da moral fria de Rachel, concebêra indizivel terror da posição da mulher, que ama n'este mundo de perversão e de miserias, sentindo depois que amava o Moço Loiro, olvidou seus receios passados, e entregou-se a seu primeiro e doce amor com todo enlevo, com toda doce embriaguez de um coração virgem.

Comsigo mesmo ella se ufanava de amar; e cul-

tivava seu terno e grandioso affecto com religioso desvelo: erigia-lhe um altar em sua alma, e insensava seu idolo com pensamentos e suspiros.

Bella e innocente, o mundo d'essas duas cidades, as columnas de desejosos mancebos, a multidão d'esses ociosos, que querem sempre murmurar; d'essas rivaes que desejão rir-se, ferindo; d'esses curiosos que procurão tudo saber, e ás vezes se atrevem a pretender adevinhar, tentavão, porém debalde, acertar com o objecto dos pensamentos d'ella.

O amor de Honorina era um segredo que só a Rachel havia sido confiado.

E o amor, que sentia a interessante moça, era tambem o unico que lhe podia convir: toda espirito, toda imaginação e poesia, Honorina achava encantamento inexplicavel em amar esse ente mysterioso, quasi imaginario, que se deixava vêr resvalando pela sombra; que se fazia sentir pelo accento de sua voz sonora; ou pela benigna influencia de seu genio; que apparecia onde não era esperado, e que invisivel velava por ella, como o anjo de sua guarda.

Honorina tinha passado um mez inteiro sem que uma nova apparição ou uma nova carta lhe viesse assegurar a constancia do Moço Loiro; confiada porém na santidade do sentimento, que fazia então a ventura de sua vida, ella acreditava que aquelle homem tão nobre, tão bravo, que por ella luctára braço a braço com a morte, não podia mudar nunca; que o Moço Loiro a amava sempre e muito; e que a chamma que ardia em seus dous corações,

acceza pelo — sôpro de Deos — , devia ser, e seria, brilhante e eterna como o sol.

Gastando todas as horas de seus dias em pensar no Moço Loiro, Honorina adormecia de noite para sonhar com elle ; e, embora saudosa, ella vivia feliz votando os suspiros de suas vigilias, e os sonhos de seu leito ao escolhido de sua alma.

No meio porém de suas saudades e de suas esperanças, por entre os suspiros de suas vigilias, e as bellas imagens dos sonhos de suas noites, vinha muitas vezes misturar-se um pensamento melancolico e amargo ; ao pé da lembrança do Moço Loiro apparecia tambem e sempre a lembrança de Rachel; e Honorina sentia murchar a flor de seus prazeres recordando-se dos soffrimentos da sua amiga.

Com effeito, Rachel padecia muito.

O que lhe tinha contado Sara, o que lhe havia dito Honorina, provava que o Moço Loiro fingira dormir, quando ella o observara; que soubera aproveitar-se de sua momentanea ausencia do quarto, onde escrevia a sua amiga, para traçar no verso de sua carta aquellas breves e eloquentes linhas, que significavão o triumpho de Honorina ; e ainda nas palavras que elle dissera á velha — eu creio que hei de vir a ser muito amigo della —, como que esse mancebo lhe quizera apagar a derradeira esperança, se alguma esperança lhe fosse dado nutrir ; como que lhe estava elle clamando — Rachel, amor para ti é um impossivel : eu posso apenas ser teu amigo !

E portanto não havia esperança para Rachel; nem lhe era dado, para mitigar sua dôr, imaginar, enganar a si propria, desenhar no futuro uma simples illusão ; porque essa simples illusão era a seus

olhos um crime; uma traição feita á amiga de seu peito.

O que podia restar á misera?... um unico abrigo: ella o achava na solidão.

Na solidão escondia ella ao menos suas lagrimas do pai carinhoso, que a observava; porque Rachel não tinha o animo d'outr'ora para ir derramar no seio paterno suas magoas; porque ha dôres, ha soffrimentos, de que uma filha não se queixa a sua mãi sem córar primeiro até a raiz dos cabellos; e não póde accusal-os a seu pai sem um enorme sacrificio de seu pudor de virgem: dôres e soffrimentos muito nobres, muito naturaes; mas que a mesma natureza parece ensinar a engolir sem gemer em silencio despedaçador...

Na solidão; porque lá não estava ao lado de Honorina, que, beijando-a com a ternura de verdadeira amiga, lhe pedia conta de suas lagrimas; lhe obrigava a mentir mil vezes; chorava com ella, e lhe fallava no seu tormento... no Moço Loiro...

Na solidão emfim; porque a mulher, ainda mais do que o homem, quando soffre uma dôr profunda... concentrada... incuravel; quando ama, não é amada, e não póde vencer o seu amor, deve chorar longe de todos... deve gemer com cuidado para que ninguem a ouça, para que os suspiros, que lhe podem escapar, não sejão sentidos... apanhados por ninguem... para que a causa de seu padecer não chegue a ser adevinhada... comprehendida... por ninguem... por ninguem d'esse mundo barbaro, immoral e detestavel, que zomba, que calumnia, que não sabe adorar de joelhos o coração de uma mulher, que ama, e que soffre por saber amar!...

Na solidão portanto Rachel ficou um mez intei-

ro, durante o qual, só tres vezes abraçou Honorina.

. . . . . .

Fica pois aqui ligeiramente debuxada a historia de trinta dias de tres moças:

Honorina — aura que suspirava.

Rachel — pomba que gemia.

Lucrecia — serpente que se enroscava.

XXV.

Braz-mimoso.

Braz-mimoso não cabia em si de contente: taes cousas lhe tinha dito a provecta viuva, que o nosso velho gamenho com sua tonta vaidade se convenceu muito sériamente, de que o seu negocio estava mui bem principiado; que havia mesmo produzido em Honorina a mais agradavel impressão: fez consequentemente planos de casamento, e calculando sobre o dote da noiva, determinou dias de jantares, noites de saráos; e emfim sonhou comsigo mesmo recostado na mais commoda poltrona a conversar com os amigos, a ralhar com a mulher, e a comer dos juros de duzentas ou trezentas apolices.

Em alguns momentos porém suspirava, lembrando-se do seu desalmado rival: Lucrecia lhe

asseverara, que o unico homem, que podia perturbar o justo andamento, e a esperançosa conclusão de suas pretenções, era o filho de Venancio. Ora Manduca era justamente o homem, com quem Braz-mimoso menos desejava lutar.

— Se elle fosse algum diplomata, um joven parlamentar, como eu, ainda bem; pensava Braz-mimoso: porém não passa de um estupido materialão, que appella sempre para a força bruta, e é muito capaz de preferir trocar sôcos, a trocar notas diplomaticas.

Com tudo tão poderoso feitiço havia no bello quadro, que aos olhos do nosso velho-gamenho tinha traçado Lucrecia, que elle se resolveu a trabalhar por arredar Manduca da casa de Hugo de Mendonça.

Firme n'esse projecto, gastou longas noites em estudar o melhor meio de pôl-o em execução: e um dia emfim, suppondo haver achado a incognita, levantou-se lepido, e risonho, e depois de cuidadosamente ataviar-se, sahio de casa, e dirigio-se á de Venancio, onde ha muito não apparecia receioso de perder emfim a paciencia, dizia elle, e de praticar alguma loucura contra o miseravel Manduca.

Em casa de Venancio cogitava-se pela mesma pessoa, por quem se interessava Braz-mimoso. Thomazia sentindo a inclinação de Manduca e suppondo, que Honorina era um bellissimo partido, animava, e accendia a paixão do interessante filho, em quem, como mãi extremosa, não via senão merecimento e perfeição; não podendo por isso acreditar, que a tão requestada moça ousasse resistir á lindeza do querido Manoel-zinho. D'ahi

provinhão os elogios que Thomasia, sem cessar, fazia á graça, e ao espirito de Honorina.

Venancio, ente passivo, colonia de sua metropole, pensava, conforme o seu costume, pela alma de Thomazia: e pois fallava sempre com enthusiasmo a respeito da familia de Hugo de Mendonça, e do amor de seu Manduca: e em paga d'isso ganhava o estar passando já ha duas semanas em paz com sua mulher: isto é, livre dos ataques e furores de Thomazia; porque em paz com ella sempre estava Venancio, quer quizesse, quer não.

Rosa apoiava as mesmas idéas: e posto que fizesse sempre o seu biquinho, e torcesse seus eterni-mordidos labios, quando á vista d'ella se gabava Honorina; com tudo, como se tratava de relacional-a e prendel-a com um homem, com quem não lhe sería possivel casar-se; e além d'isso, era esse um meio de segurar a constancia de seu primo Felix, que temia estar assim meio embalançada, empenhava tambem seus esforços para animar o galante maninho, e lhe dava os mais entendidos e experimentados conselhos para encantar a moça.

Todavia, Manduca apezar de... (digamos aqui bem em segredo da Sra. D. Thomazia) apezar de ser tolo, tinha sido por tal maneira recebido por Honorina, que não lhe restava a mais leve duvida da indifferença da moça. Em taes circumstancias, e com tão amarga certeza, o rapaz torturou seu espirito por uma semana inteira, parafuzando na causa, porque tão mal attendido fôra.

Sua mãi lhe havia assegurado tantas mil vezes, que elle era um mocetão de encher o olho, que a despeito de tres espelhos, que tinha em seu quarto,

Manduca não pôde attribuir a crueldade de Honorina á falta de encantos fisicos de sua parte.

Agora a respeito de encantos de espirito, Manduca era o primeiro a dar a si proprio parabens pela abundancia que d'elles possuia, e gastava: outra vez aqui para nós, n'este mundo cheio de gente, ainda se não achou um tolo, que se não julgasse avisado.

Por tanto não lhe faltava nem belleza nem espirito: e que era pois?... ah!... finalmente no cabo de sete dias a intelligencia de Manduca deu com a causa de sua má fortuna: com toda modestia, de que pôde valer-se, o filho de Thomazia reconheceu que não representava um grande papel na sociedade; emfim que não era fidalgo, nem homem proeminente.

E eis o nosso Manduca a resolver, durante outros sete dias, um problema ainda mais difficil: — como se havia de tornar grande cousa em pouco tempo?...

Manduca lembrou-se da litteratura...

E raciocinou.

Em um mundo todo voltado de pernas para o ar, póde-se tirar algum proveito dos pés; mas da cabeça?!... ninguem mais se lembra de tal: isso de ganhar amor pelas letras, já é muito antigo; foi idéa do seculo das trevas; está absolutamente reprovado por toda moça, que sabe executar, mesmo fóra de compasso, um simples—*chassé croisé huit*—; ninguem póde mais ser amado pelas letras diante do encantamento das tretas... olhem bem, que era o tolo do Manduca, que pensava assim.

Despresado esse primeiro caminho que se lhe

apresentou, veio-lhe ainda a idéa da carreira das armas; mas tambem já se não encanta as bellas com o brilhantismo da gloria, e a fama de altas façanhas: as justas e os torneios lá se forão: tudo agora é mais commodo, e menos perigoso... e, além d'isso, Manduca sabia que não lhe darião patente, pelo menos, de coronel; e elle não era homem, que recebesse ordens ahi de qualquer cabo de esquadra.

Mas no ultimo de outros sete dias a brilhante intelligencia de Manduca deu á luz a resolução do novo problema: estava conhecida, e aberta a estrada da felicidade... a politica!...

Eis a primeira e unica occasião em que Manduca mostrou em toda sua longa vida ter algum discernimento.

E o que ha ahi de tão proveitoso, como um homem fazer-se politico?... a politica é para a maior parte um jogo, que nunca se perde: quando não se ganha hoje, tem-se um bocadinho de paciencia, e ámanhã lucra-se por dous dias... ora confessemos que Manduca tinha razão.

E tambem o que ha ahi de tão facil, como ser politico?... a politica, que póde ser materia muito espinhosa e intrincada em todo o mundo, reduz-se em certo paiz, que Manduca e nós conhecemos bem, a muito pouca cousa: o essencial é o seguinte: quando se está debaixo, brame-se diante do publico, e pede-se nas ante-salas; e quando se está de cima, choramiga-se aos ouvidos do povo, e zomba-se d'elle no gabinete: e finalmente quer debaixo, quer de cima, maneja-se uma eleiçãozinha, escondendo-se primeiro, bem no fundo da gaveta, certos papeis escriptos, a que se tem

dado o nome de constituição e leis... ora confessemos, confessemos outra vez, que Manduca tinha razão.

Por consequencia o rapaz determinou-se a tentar ventura na lisongeira estrada das grandezas, honras, poder, e riquezas: mas por onde começar?... a que porta bater?... qual o primeiro passo a dar?...

Quem pensar, que semelhante consideração seria uma terceira difficuldade, um novo problema a resolver para Manduca, engana-se redondamente: a cabeça mais desmiolada, o homem mais parvo do mundo, que entre nós se determinasse a seguir a carreira politica, e procurasse o primeiro degrao para pôr sobre elle o pé, instinctivamente lembrava-se da assembléa provincial.

Ahi, apezar das teimosas e despresiveis discussões das necessidades materiaes da provincia, um homem faz por habilitar-se: tratando-se de um chafariz, enxerta-se um discurso sobre politica geral... discutindo-se os melhores meios de esgotamento vem mesmo a appello uma longa dissertação sobre as mais intrincadas questões financeiras; e emfim na discussão de uma ponte póde um orador de habilidade entrar pela pasta dos negocios estrangeiros a dentro, posto que ande ella quasi sempre fechada com o muito commodo e abençoado sello das questões pendentes.

Manduca, que se achava com geito para orador, pezou todas estas reflexões, e assentando de pedra e cal, que devia ser deputado provincial, como visse que as eleições batião á porta, no dia em que Braz-mimoso se dispoz a ir á casa de Venancio, levantou-se elle prompto para metter mãos á obra.

e apenas se achou na sala, declarou o proposito, em que estava, a seus extremosos pais.

Pouco faltou para que Thomazia perdesse o juizo de alegria, ouvindo a determinação de seu filho.

— Sempre te conheci, exclamou ella, com inspirações de genio! Manoel-zinho, sahiste a tua mãi!

E Venancio immediatamente, lavando as faces com lagrimas de prazer, disse entre soluços:

— E' o que eu tenho dito mil vezes!... aquelle rapaz sahio em tudo á minha Thomazia!

Tratou-se para logo de cabalar: Venancio foi tomar a casaca para ir alcançar cartas de recommendação em prol do illustre candidato; Manduca dispoz-se a ir ao correio comprar sellos para as cartas; e Thomazia fez voto de pôr em campo todas as suas amigas.

E não era nem original, nem má a lembrança de Thomazia: feliz d'aquelle que poder ser candidato de senhoras: qual será o impedernido eleitor que resista a uma cheirosa cartinha de moça, principalmente se fôr bonita?... em taes apuros, quem não é de ferro, não tem outro remedio, se não atirar com a consciencia para um lado, e escrever a sua lista com o coração.

Mas no momento em que Venancio e Manoel-zinho sahião, pensando na eleição proxima, e no subsequente esperado casamento; pois não era crivel que Honorina resistisse a um deputado provincial da ordem de Manduca; Braz-mimoso batia palmas na escada; e entrando para a sala vio-se agradavelmente recebido por Thomazia e Rosa; mesmo mais agradavelmente do que d'antes; porque emfim... as vesperas das eleições fazem a gente tão delicada... tão obsequiosa!...

Thomazia não quiz fallar logo sobre os projectos e esperanças do querido Manduca; por isso a conversação versou a respeito de objectos geraes; insensivelmente porém foi levada passo a passo, e cahio em cheio ácerca da filha de Hugo de Mendonça.

— E as senhoras tem visto essa moça?... perguntou Braz-mimoso.

— Apenas duas vezes, em que a fomos visitar, depois d'aquella noite desgraçada...

— Em que eu me ia lançando ao mar para salvar a pobre menina!... se não ouço o baque do outro, que cahio n'agua, arrojava-me eu de certo: não posso emendar-me... isto vem de natureza... em vendo alguma senhora em perigo, atiro-me, succeda o que succeder.

— Pois ahi está! nós pensámos que o senhor tinha tido muito medo da tempestade; porque eu juro que lhe vi tremer...

— Ah!... qual medo! eu até gósto muito de tempestades: o que eu sentia era pena de vêr as senhoras assustadas... mas, voltando ao que conversavamos, então já vio D. Honorina duas vezes?...

— Sim... sim... coitadinha! ainda não pôde vir pagar-nos a visita... teve alguns dias de febre, e os medicos quasi a matárão com a dieta...

— E como a achou?...

— Sempre agradavel, carinhosa, e todavia melancolica...

— E já se sabe alguma particularidade a respeito do homem de cabelleira, que a salvou?...

— Qual! nada: o homem desappareceu: talvez morresse.

— Aquillo não foi só humanidade !

— Eu tambem pensei o mesmo, acudio Rosa.

— Ora... ora... disse Thomazia.

— Ali anda namoro occulto, minhas senhoras.

— D. Honorina é boa moça, tornou Rosa; talvez não seja por culpa d'ella... mas o caso é para se julgar assim... todavia como eu sou muito amiga d'ella, não consinto que se diga nada...

— Nem eu, disse Thomazia; temos sido muito obsequiadas... é uma excellente pessoa...

— De certo, de certo, respondeu Braz-mimoso; ninguem diz menos d'isso; posto que ás vezes me tenha parecido um bocadinho hypocrita...

— Então, minha mãi, eu não lhe disse a mesma cousa?... porém não, Sr. Braz, ella parece, e não é: olhe, eu creio, e digo que aquillo tudo é singeleza.

— E' vaidosa... um pouco vaidosa...

— Sim; mas não muito... póde passar: quem não tem seus defeitos?...

— Nada! ella tem presumpção de bonita, e faz máo uso de suas graças; gósta de ser conquistadora, e não escolhe a quem deve conquistar...

— Mas... nós não notamos isso !...

— As senhoras são todas muito innocentes; e portanto deixão passar tudo...

— Só se foi por isso: eu nunca repáro nas outras: tomára que não reparassem em mim.

— Um homem é outra cousa, continuou Braz-mimoso: um homem estuda sempre as senhoras com quem está: faz-se necessario ser assim... não é por mal...

— Está visto: então o senhor notou alguma cousa?

— Sim... mas...

— Diga... todos nós somos amigos de D. Honorina; e o que dissermos não será por má vontade que lhe tenhamos; mas por pena d'ella ser assim...

— Pois bem... eu reparei, nos dous dias que passámos em Nictheroy, que D. Honorina era ambiciosa de conquistas: as senhoras hão de crer?... continuou a tratar-me com distincção; disse-me palavras ternas ao ouvido, e fez-me taes perguntas, que eu me considerei o seu predilecto...

— E não era?...

— Ora! vi logo depois que praticava o mesmo com Octavio: isto já não parece bem...

— De certo... de certo...

— O Sr. Manoel não póde tambem queixar-se da sua sorte...

— Sim... sim, disse Thomazia; eu notei que ella se interessava muito por Manoel-zinho... e emfim é preciso convir que teve razão.

— Mas é preciso convir ao mesmo tempo, que tres já erão de sobra, para que ella tratasse de conquistar o Sr. Felix, de modo que pôz o moço quasi doudo!

— Então, minha mãi! exclamou Rosa; eu não lhe tenho dito cem vezes, que aquella moça anda trabalhando por desinquietar a meu primo?...

— Qual, menina! o Sr. Braz está brincando...

— Não, senhora, não foi o Sr. Braz só: eu tambem vi: é verdade tudo quanto elle disse, principalmente a respeito de meu primo: Sr. Braz! ninguem conhece aquella amarella a fundo se não eu.

— Engana-se, minha senhora; eu tenho de confiar um segredo ás senhoras, de que hão de ficar pasmadas.

— Então o que é?...

— D. Honorina não respeita as cans da velhice; e atreve-se a requestar um ancião respeitavel!...

— E' possivel?!

— Não se respeita a si propria; ousa levantar os olhos e pretender conquistar um homem casado!

— Isso é demais!... e portanto a quem?...

— As senhoras vão admirar-se ainda mais: a um homem probo, pacato, recolhido comsigo, todo votado á sua familia...

— E esse é...

— O Sr. Venancio! o proprio Sr. Venancio!

— Ora... o senhor está brincando outra vez, disse Thomazia empallidecendo.

— O pobre homem não tinha culpa; não! isso juro eu; mas a menina era o diabo! Sra. D. Thomazia, nunca passou por perto d'elle, que não lhe désse com o cotovello!...

— Por isso eu vi ella chegar-se tanto para Venancio!

— Uma vez... porém não; eu mesmo tenho vergonha de o dizer, tratemos de outra cousa.

— Nada... nada: fallemos d'isto mesmo: uma vez...

— Emfim eu obedeço ás senhoras: recorda-se da noite em que ella cantou debaixo da mangueira?... lembra-se que depois nos levantámos todos para ir de mais perto ouvir o canto do bateleiro, e que ficou ella só com D. Rachel no mesmo lugar?...

— Sim... sim...

— Pois quando voltámos, ao passar o Sr. Venancio junto d'ella, apertou-lhe a mão...

— Insolente!.. atrevida!...

— O Sr. Venancio puxava a mão... não queria...

— Qual não queria, Sr. Braz! o senhor ainda não conhece a joia que tenho por marido!... aquillo é um dragão!... um velho traidor e hypocrita!...

— Eu vejo a senhora tão exasperada, que me arrependo de ter dito...

Thomazia arquejava.

— Minha mãi, não faça caso: o negocio principal é com meu primo: ella morre por casar-se, não acha com quem, e quer vêr se meu primo cáe! mas isso fica por minha conta.

— Aquelle velhaco!... murmurava Thomazia.

— Aquella amarella!... dizia Rosa com os dentes cerrados.

N'esse instante ouvio-se o ruido que fazião duas pessoas que subião a escada.

— Eil-os! disse Thomazia.

— Eil-os quem? perguntou Braz-mimoso sentindo-se incommodado.

— Venancio e meu filho.

— Minhas senhoras, eu devo retirar-me, disse Braz-mimoso tomando o chapéo; Sra. D. Thomazia, peço-lhe que ao menos por hoje se contenha, para não comprometter-me com o Sr. Manoel.

— Não tenha cuidado, Sr. Braz... Adeos!... appareça sempre!...

Porém Braz-mimoso, ao sahir da sala, encontrou Manduca, que lhe lançou um olhar victorioso e terrivel.

XXVI.

Ciumes.

Venancio entrou na sala alegre e risonho, trazendo debaixo do braço um embrulho, que continha duas duzias de cartas; em menos de tres horas havia arranjado, com que encher uma mala de correio. Tão ás boas se apartára ha pouco de Thomazia, que indo sentar-se junto d'ella, não reparou na tromba enfarruscada, que a querida metade já tinha amarrado no rosto.

Manduca e Rosa entrárão para o gabinete: e ao mesmo tempo que a moça se atirava furiosa sobre uma cadeira, o rapaz se lançava enthusiasmado em outra.

— Não ha que duvidar, mana Rosinha; tenho já doze collegios fechados aqui na mão!... está dici-

dido; sou deputado!... é preciso dar-me ao estudo de palavras antigas e rabiosas... e isso quanto antes; porque no primeiro dia de sessão, peço a palavra!... oh!... ella hade ler o meu discurso; empenhar-me-hei, para que saia no *Jornal do Commercio* todo cheio de apartes, apoiados, apoiadissimos, muito bem... e terminando com bravos, apoiados e applausos! só penso na sensação, que lhe hade produzir o meu *debut!*...

— Produzir sensação em quem, mano?...

— Em quem?... n'ella!... pois é pouco vir a ser mulher de um deputado?... e quem te diz, que eu não subirei em breve tempo á mais alta posição?...

— Manoel, abandona os teus projectos... esquece aquella mulher.

— Então que novidades ha?... que quer dizer isso?...

— Todos nós estavamos illudidos... ella não te ama.

— Ora, isso sei eu ha muito tempo; até dou-lhe alguma razão... eu nem deputado era!

— Qual deputado, nem meio deputado: torno a dizer-te, que estavamos illudidos: aquella mulher nem te ama, nem é digna de ti.

— Em?...

— E' uma refinada namoradeira!

— Mana Rosa... olhe que você me insulta!... faça de conta que D. Honorina é já minha mulher... que somos ambos solidarios...

— E' uma insolente!...

— Mana Rosa, contenha-se, senão digo-lhe tambem das ultimas...

— Teve a audacia de perseguir um só dia cinco homens ao mesmo tempo!...

— Isso é uma calumnia!... não era capaz de tal!... todas vocês tem raiva d'ella por ser mais bonita, mais engraçada, mais...

— Manduca, você é um grandissimo tolo, ouvio!...

— E você tem uma linguinha de cobra!...

— Sim, por dizer verdades de uma mulher, que se abaixou ao ponto de mostrar-se apaixonada de um original como o Braz-mimoso.

— E' falso!... é uma mentira d'aquelle ventas de mono.

— Que se fingio namorada de Octavio...

— Ora... ora... ora... isto não se póde soffrer! quando ella parecia até não gostar de semelhante impostor!

— Que se mostrava sensivel ás tontices, que você lhe dizia...

— Isto só pelo diabo! mana Rosa, não tenho vergonha de dizer, que levei de taboa redonda em todas as vezes, que a ella me dirigi.

— Que namorou a meu primo Felix...

— Mana Rosa, olhe que se vai por ahi, eu rasgo-lhe o capóte em cinco minutos!

— Que nem mesmo perdoou a meu pai com ser velho; que deu-lhe cotovelladas, que apertou-lhe a mão... que...

— Ai!... já sei d'onde vem esta embrulhada!... você, senhora mana Rosa, era capaz de levantar tres duzias de aleives a D. Honorina pela inveja que d'ella tem; mas no que acaba de dizer conhece-se o dedo do gigante!... por isso o tal bregeiro escamou-se d'aqui apenas me vio chegar; porém deixe-o estar, que ha de pagal-o com lingua de palmo: quer saber de uma cousa?...

— O que é? diga.

— A primeira vez, que encontrar o Sr. Braz-mimoso, corto-lhe as orelhas.

— Não foi elle...

— Foi !...

— Juro, que não foi elle.

— Quer fosse, quer não; tenho sêde n'aquelle atrevidaço... ainda mais agora, que me asseguráram tentar tambem o tal sujeito a deputação provincial!

— Manduca, eu hei de dizer a minha mãi.

— Póde fazel-o... ou é melhor, que vá eu mesmo assegurar-lhe as minhas ultimas determinações.

Isto dizendo, Manduca atirou-se para a sala, sendo immediatamente seguido por sua mana Rosa.

Como fizemos notar, Venancio não tinha reparado no carão assustador de Thomazia, e por isso, sentando-se junto d'ella, começava por dar conta de todos os meios empregados afim de ganhar votação para o joven candidato: depois a sua má sina o foi empurrando para a fogueira em que tinha de arder, de modo que Venancio concluio, dizendo:

— Agora só me falta ir fallar ao Sr. Hugo de Mendonça: tem relações com muita gente dos collegios da serra... e póde alcançar-nos boa votação: oh! ha de dar-nos uma carga cerrada...

— Sim... sim... disse Thomazia com terrivel sorriso; uma carga cerrada... é o que se precisa!

— Tu, minha Thomazia, pódes bem dispôr a nossa boa D. Honorina em prol do querido Manoel-zinho... ella te estima tanto!...

— E a ti não menos; não é assim?... D. Honorina é tão agradavel!...

— E' verdade!... tão agradavel!

— Interessante!... disse Thomazia levantando a voz.

— Interessante!... repetio Venancio procurando imitar o fogo com que fallava sua mulher.

— Bonita!... linda!...

— Bonita!... linda!... exclamou Venancio.

— Chega mesmo a ser encantadora!...

— Mesmo a ser encantadora!... disse o velho com enthusiasmo.

— E' um anjo!...

— E' um anjo do céo, Thomazia!...

— Eu a amo... como se fosse minha filha!...

— E eu, Thomazia!... e eu!...

— E então tu a amas tambem muito?...

— Oh!... pouco mais ou menos, como tu mesma.

— E porque te não diriges antes a ella, do que a seu pai, para fallares sobre a eleição?...

— Eu... porque... não me tinha lembrado...

— D. Honorina póde empenhar-se com o pai...

— E' verdade!... que juizo, que tu tens, Thomazia!...

— Por consequencia...

— Achas, que devo ir fallar a D. Honorina?...

— Sem duvida...

— E quando, Thomazia?...

— O mais cedo possivel.

— Agora, por exemplo?...

— Sim: pódes jantar com ella: não gostas da sua companhia?...

— Muito, Thomazia!...

— A gente não se lembra de mais nada no mundo; não é assim, Venancio!...

— Ora... pois se ella é tão feiticeira!...

— Então, Venancio, vai... vai já...

— Pois sim... até logo, Thomazia.

Venancio levantou-se, e tomando o chapéo ia cheio de prazer pelas boas maneiras com que o tratava sua formidavel esposa; quando ao chegar á porta, sentio-se agarrado pelas abas da casaca, e soffreu tão terrivel arrancada, que foi parar no meio da sala, fazendo a piroeta mais brilhante do mundo.

— Passa para ali, grandissimo insolente!... bradou Thomazia.

Venancio abrio a boca para soltar um grito de admiração; mas como arregalasse os olhos, e visse uma das abas da sua casaca nas mãos de Thomazia, exclamou dolorosamente:

— A melhor aba da minha casaca nova!...

E em quanto Thomazia pallida, tremula e fóra de si, queria, procurava, e não achava palavras assás fortes para exprimir o furor de que se sentia accendida; Venancio em piedosa contemplação diante da aba de sua casaca, tinha pronunciado como authomaticamente, tres vezes:

— A melhor aba da minha casaca nova!...

— O miseravel!... o tolo!... o vil!... disse tremendo de raiva Thomazia.

— Serei tudo, quanto a senhora quizer, respondeu Venancio afastando-se prudentemente; mas juro, que não a entendo, e ainda que a entendesse, não sei que culpa teve a minha casaca nova...

Thomazia não o deixou concluir: fazendo um rolo da aba da casaca, atirou-o contra o marido; e acertou-lhe em cheio sobre o nariz.

Já dissemos uma vez que Venancio amava o seu nariz sobre todas as cousas.

— A senhora não se póde nunca enraivecer, que não implique com o meu nariz!... exclamou elle.

— Miseravel! miseravel! miseravel!...

— Que o sou, sei-o eu ha mais de vinte annos, senhora!

— Depois de velho, torpe... depois de ser capaz de causar nojo a todo mundo, dar em namorador!

— Eu?!! bradou Venancio, fazendo uma horrivel careta.

— Tentaria sem duvida envenenar-me a vêr se casava com ella...

— Casar-me?... Oh Sra. Thomazia, fallando serio, se eu tivesse a felicidade de ficar viuvo não me casava nem com uma santa!...

— Pois heide viver!... heide viver!... e heide viver!...

— Obrigado... obrigado... irei assim ganhando mais direitos ao reino do céo.

— Heide perseguil-o!... maltratal-o!... martyrisal-o!...

— Isso não me faz mossa... já estou habituado.

— Sou capaz de fugir-lhe de casa!...

— Minha senhora, a porta da rua é a serventia da casa: mas não creio, que chegue a fazer tal.

— Porque? pensa que preciso da sua pessoa?...

— Ao contrario: porque seria para uma pessoa como a minha muita felicidade junta.

— O senhor come pelo meu dote!...

— Sim, senhora... sim, senhora... os seus dotes são extraordinarios!...

— Sabe?... o senhor está hoje muito atrevido!

— E a senhora não se lembra que ainda ha pouco atirou com a aba da minha casaca sobre o meu nariz?...

— Um homem casado offender assim sua mulher !...

— Ora isto só póde ouvir um homem prudente como eu !... Sra. D. Thomazia, a senhora tem venetas, tem accessos de loucura ?... que diabo lhe fiz eu ?... diga ; senão d'esta vez estoiro !...

— Hypocrita !...

— Atacar-me na pessoa da minha casaca !... offender-me no individuo do meu nariz !... e sem nenhum motivo plausivel, sem nenhuma razão sensivel, dar um golpe de estado em circumstancias ordinarias !...

— Miseravel !... e ainda quer encobrir ? !...

— Encobrir o que, senhora da minha alma ?... ora dá-se um inferno, como este em que vivo ?...

— Pois onde ia o senhor ainda agora ?...

— Trabalhar para a eleição de Manoel-zinho : não era isso da sua vontade ?

— Todos elles tem sempre um pé, por onde se desculpão ! porque não confessa antes, Sr. hypocrita, que ia vêr a sua namorada ?...

— Pois eu tenho namorada, mulher dos meus peccados ? ! !

— Então tem ainda o atrevimento de negar, que anda apaixonado pela filha de Hugo de Mendonça ?...

— Misericordia ! que calumnia ! que falsidade !...

— E ha pouco, porque o senhor a chamava agradavel, interessante, linda, encantadora, e até anjo ? ! !...

— E não foi a senhora, quem deu-lhe primeiro todos esses nomes ?... se eu dissesse o contrario d'isso, tinhamos trovoada por tres dias !... cahi na

asneira de repetir, o que ouvia, e eis o resultado! n'esta casa sou preso por ter cão, e preso por não ter cão: mas vou appellar para outro meio: falle, minha senhora; que de hoje em diante, ficarei mudo, como o pão d'Assucar.

— E heide fallar, gritar, e bramir!...

— Un.

— Anjo!... anjo!... anjo aquella lambisgoia!...

— Un.

— Uma amarella sem graça!...

— Un.

— Enteudeu?... não quero que se trate mais de eleições.

— Un.

— Não quero mais amisade com aquella gentinha.

— Un.

— Não quero, que o senhor me ponha mais os pés da porta para fóra...

— Un.

— Pois que é um velho estupido e namorado...

— Un.

— Miseravel!... torpe!... covarde!

— Un.

— Tão covarde, que ouve os insultos que lhe estou dirigindo, e não me diz palavra!...

— Un.

— Digo-lhe que não me sahe mais de casa! que hei de tel-o preso n'um quarto escuro! que hei de pôl-o em penitencia de pão e agua!...

— Un.

— Homem sem sangue!... falle!... se não desespero.

— Un.

— Oh velho desgraçado! desculpe-se, ou grite; mas falle!... ou vêr-me-ha fazer alguma asneira!

— Un.

— Oh narigudo de uma figa!...

Thomazia furiosa com o proposito, em que estava Venancio de não dizer palavra, triumphou inesperadamente: o pobre velho não pôde ouvir em silencio um insulto dirigido ao seu nariz.

— Oh Sra. Thomazia, por quem é não me deite a perder!... diga tudo quanto quizer; mas não toque no meu nariz.

— Narigudo!... narigudo!...

— A senhora devia ser casada com um homem sem nariz!

— Narigudo!... narigudo!...

— E a senhora!... é uma mulher, que se diz com vinte e nove annos, sendo capaz de ser minha mãi?...

— O que é, que diz?... gritou Thomazia avançando.

— Pois se não quer vêr-me perder o meu sangue frio, não falle do meu nariz!... disse Venancio affastando-se temeroso.

— Narigudo!... bradou Thomazia.

— E a senhora é um... estu... vibo... dia... dragão!...

— Espera, qu'eu t'ensino, narigudo d'uma figa!

Thomazia lançou mão de uma cadeira e atirou-se contra Venancio, que deitou a correr em roda da sala, tomando outra cadeira para defender-se: ao passar junto da porta do gabinete, vio que Manduca apparecia, e exclamou:

— Manduca! salva teu pai das garras d'aquella mulher!

E como para isto dizer fizesse uma pequena parada, Thomazia atirou-lhe com a cadeira; mas já então Manduca se havia posto entre ambos, e foi elle quem recebeu nas costas tão grande pancada, que cahio derreado.

— Manduca!... exclamárão os dous velhos, esquecendo-se por um momento de seus furores, e correndo a acudir ao filho.

— Manduca!... assobiou Rosa com voz de falsete.

No entretanto Manduca fazia no rosto contracções horriveis, e por duas ou tres vezes, que tentou levantar-se, cahio de novo.

Os dous irmãos occupados em sua disputa fraternal, não havião dado attenção aos gritos que seus pais soltavão na sala, aos quaes aliás por muito affeitos, já ouvião sem grande cuidado: emfim, no momento de entrar na sala, o filho apanhou em lugar de seu pai, o golpe de que acabamos de fallar.

— Quem tem culpa és tu, velho narigudo! disse Thomazia.

— Quem tem culpa é a senhora, mulher despropositada! disse Venancio.

— Quem tem culpa, minha mãi, é a amarella da moda, acudio Rosa.

— Quem tem culpa, é o Sr. Braz-mimoso, balbuciou Manduca, fallando como a expremer-se.

— Meu filho, tornou Thomazia; eu te vingarei no nariz de teu pai.

— Meu filho, acudio Venancio; eu te vingarei não dando mais resposta a tua mãi.

— Meu irmão, bradou Rosa; eu te vingarei pondo a boca no mundo contra aquella bruxinha desenxabida!

— Obrigado! disse Manduca; mas a vingança quero eu tiral-a das orelhas do Sr. Braz-mimoso.

— Minha mãi, exclamou Rosa; Manduca quer cortar as orelhas do Sr. Braz!...

— Manduca! eu te defendo, sob pena de minha maldição, de tocares em um só cabello do Sr. Braz...

— Está bem, minha mãi, disse Manduca; eu lhe juro, que não tocarei em um só cabello do Sr. Braz-mimoso.

E depois continuou, dizendo comsigo mesmo:

— Ainda bem, que o tal bichinho é caréca.

XXVII.

Octavio.

Pouco mais ou menos pelo mesmo tempo, em que tiverão lugar as scenas desagradaveis, que no anterior capitulo descrevemos, uma outra mais grave e muito mais terrivel occorreu na camara do guarda-livros de Hugo de Mendonça.

Felix alojava-se em um simples e modesto gabinete do sobrado da casa commercial de seu amo.

Erão nove horas da noite.

O guarda-livros entrou vivamente agitado para seu quarto; e, fechando-se por dentro, atirou-se sobre uma cadeira de braços, e ficou quasi uma hora immovel e abatido, mergulhado em amargas reflexões.

Um candieiro de bronze estava acceso defronte

d'elle, e reflectia sobre o pallido semblante do mancebo os raios de uma luz debil e enfraquecida...

Em todo esse tempo apenas se ouvião profundos suspiros soltados por Felix, e o monotono — tiquetaque — da pendula de um relogio, que sobre um proximo aparador existia.

Finalmente, os olhos do guarda-livros erguêrão-se e fitárão-se no relogio.

Faltavão cinco minutos para dez horas.

O guarda-livros estremeceu todo, e arrancando convulsamente uma carta do bolso de sua sobrecasaca, leu para si, sorrindo-se com desesperada ironia, as seguintes breves linhas: — « Felix. — « Tentei todos os meios... esgotei-os todos, e tudo « foi baldado: o derradeiro recurso que me resta é « esse... um crime!!... embora... nós o lavare- « mos. Reduzido a dar um passo desesperado, eu « abuso da minha posição; eu sei que abuso, Fe- « lix! porém não posso voltar atrás; e portanto eu « insisto... eu imponho!... ás dez horas da noite « entregar-te-hei a caixinha de velludo preto; e tu « me darás as lettras. — Octavio ».

Acabando de ler, Felix foi guardar a carta em uma das gavetas de sua secretaria, e voltando de novo a seu primeiro posto, murmurou com voz abafada.

— E portanto elle deve tambem córar ante mim!

O relogio marcou e deu dez horas.

Um servente de escriptorio bateu á porta do quarto de Felix, e annunciou o Sr. Octavio.

Um momento depois a porta do quarto de novo por dentro se fechou: e Octavio e Felix sentárão-se defronte um do outro: ambos estavão pallidos, ambos tremulos, ambos cabisbaixos.

Passou-se muito tempo em silencio; os dous mancebos parecião temer olhar um para o outro: devia haver alguma cousa entre elles, que os envergonhasse a ambos.

Finalmente Octavio pareceu tomar uma resolução: tornou-se extremamente córado, e erguendo os olhos, disse:

— E então, Felix?!

— Octavio, respondeu o guarda-livros levantando por sua vez o rosto; Octavio, tudo isto é muito horrivel!...

— E todavia é inevitavel!

— Inevitavel?... oh!... sómente inevitavel póde ser a nossa vergonha!... porque eu fui um infame; e tu, Octavio... queres sêl-o!

— E qual de nós é mais desgraçado, Felix?...

— Eu.

— Não!... não!...

— Sou eu, Octavio; porque a desgraça está sómente no crime!... e o crime é uma mão de bronze, que nos fecha sempre a porta do proprio socego!... e eu tenho offendido a meus bemfeitores... áquelles, a quem devo tudo!... eu mordi-lhes em seu coração; e agora tu queres que lhes morda de novo?!... não! não! isso não! já padeço bastante...

— Mas esta ferida terá de fechar-se depressa; e depois eu poderei curar a outra...

— Nunca! ha feridas que jámais se fechão; porque a consciencia dilacera o coração do máo a todo instante...

— O guarda-livros ergueu-se, como desesperado, e apertando a cabeça com as mãos, exclamou:

— Meu Deos! meu Deos! meu Deos!

E depois, encarando Octavio, disse com voz commovida:

— E como te atreves tu, até agora puro e honrado, a vires propôr-me uma infamia... um crime, em que ambos teriamos parte igual?!

— Felix, é que não comprehendes o que se passa em mim! não sabes o que é soffrer, como eu soffro!...

— E eu?... e eu?...

— Escuta: deixa-me começar bem de longe, bem do tempo da felicidade. Tu me conheces: fui sempre, como ha pouco disseste, puro e honrado: desde a infancia ligou-nos a mais estreita amizade: aos dezoito annos era eu guarda-livros da casa de meu pai, e tu primeiro caixeiro da do Sr. Raul de Mendonça: nós nos encontravamos sempre; nas horas de descanço eramos inseparaveis; e meu pai, que me prohibia todos os prazeres, que a mocidade procura, com tanto ardor; era o primeiro a animar nossa mutua affeição; e muitas vezes, fallando-me de ti, dizia: — eis ali um menino, que ha de ser alguma cousa; e que deverá tudo á força de seu trabalho e ao valor de sua probidade!

— Basta, Octavio: não prosigas...

— Porém é absolutamente preciso que eu avive todas essas idéas! e pois, Felix, recordemos a noite terrivel, que de meu igual te podia fazer meu escravo. Lembras-te?... erão dez horas, como agora; eu vim vêr-te, e achei que a porta de teu quarto se achava fechada por dentro, tambem como agora: então, sem pensar no que fazia, instinctivamente talvez, ou para zombar comtigo, eu olhei pela fechadura... Felix!... havia dentro de teu

quarto a prova de um crime, como tambem está havendo agora !

— Oh !

— Não comprehendendo ainda o que via ; cuidando que seria um presente da fortuna, bati na porta ; e senti que tu occultavas o objecto que eu acabava de descobrir em tuas mãos : abriste-me a porta, Felix ; e eu te encontrei pallido e desfigurado, como o estás agora !

— Não mais, Octavio !...

— Pedi que me explicasses a tua perturbação ; disse-te, o que eu tinha visto : e tu cahiste a meus pés, implorando compaixão e segredo, e gritando — misericordia !...

— Sim... mas tu tiveste piedade...

— Eu quiz obrigar-te a desfazer o teu crime ; porém, chorando arrependido, disseste que já era tarde ; que outro havia sido considerado o perpetrador d'elle, e como tal castigado : e que ficarias perdido se se descobrisse o fatal segredo : cheio de remorsos, de joelhos a meus pés, abraçado com minhas pernas, tu me pediste que eu escondesse em minha casa a prova de teu delicto, até que um dia te pudesses lavar d'essa vergonhosa mancha... eu hesitei... mas amava-te muito !... levei-a, occultei-a, e tenho-a comigo.

Felix escondêra o rosto entre as mãos, tomado de vergonha e de remorsos. Octavio proseguio.

— Depois eu tive de sahir por muitas vezes do Rio de Janeiro... graves e importantes emprezas commerciaes me tinhão quasi sempre longe d'esta cidade... não te encubro, Felix ; se eu morresse, achar-se-ia entre os meus papeis a salva-guarda de minha honra ; porque a minha honra era só o

que eu não podia sacrificar á amizade. Emfim falleceu meu pai, e hoje, herdeiro de sua riqueza e do seu nome, sou julgado feliz e digno de inveja; e até ha bem poucos dias eu não achava na minha vida de que me envergonhar, senão de ser o depositario de um crime!

— Oh! e para que agora queres ter de que abaixar o rosto?...

— Porque o coração de um moço, Felix, póde mais do que a sua cabeça!...

Octavio enxugou sofregamente o suor, que em bagas lhe corria da fronte; e continuou fallando com ardor e precipitação:

— Tu sabes, Felix, o que é amar loucamente uma mulher?... comprehendes o que é passar dias inteiros pensando n'ella, todas as noites velando por ella, todas as horas por ella suspirando?... eu mesmo não concebo o que é isso, que tem em si essa mulher para fazer-me delirar, e esquecer meus negocios, meus prazeres, meu dever, e até minha honra!... mas eu sei que a amo, como um louco, como um homem perdido!... eu sinto que este amor trás em si alguma cousa de tão abominavel e infernal, que, por essa mulher, se eu fosse rei, me faria abandonar o throno, se eu fosse pai, amaldiçoar meu filho, se eu fosse sacerdote, renegar do meu Deos! Oh! Felix, Felix!... um amor, como este, é horrivel e capaz de tudo! uma mulher, como essa, póde fazer de um homem virtuoso um ladrão ou um sicario! sim: se Honorina me dissesse — mata! — eu creio que iria matar; se ella me gritasse — rouba! — eu penso que iria roubar; ainda que estivesse certo de que um dia depois seria condemnado á morte: mas com tanto

que de cima do patibulo ganhasse um sorriso de gratidão de seus labios!... oh!... pois essa mulher ha de ser minha!... eu a quereria a preço de meu sangue! eu a quero mesmo a preço de meu nome e de minha honra!... eu a quero! eu a quero!...

Octavio, que fallava como possuido de violento delirio, pronunciou as ultimas palavras quasi suffocado.

— Mas é horrivel, Octavio, disse Felix; pretenderes sacrificar-me á tua paixão!

— Eu sei, eu sei; mas já te disse que seria tambem capaz de matar e roubar: tenho tentado tudo inutilmente: cerquei-a de attenções e obsequios... e nem gratidão obtive: procurei mostrar-lhe o como era extremoso e puro o amor que por ella sinto, e nem ao menos pude ser ouvido: expliquei-me mais claramente... fallei-lhe em casamento... e Honorina repellio-me!

— E seu pai?.. porque te não diriges a seu pai?

— Felix, confesso-te com vergonha: ha tres dias que fui ajoelhar-me diante d'elle; pedi-lhe o socego, a paz e a ventura de minha vida, pedi-lhe emfim a mão de sua filha: o Sr. Hugo de Mendonça pareceu inclinar-se a meu favor, sua mãi mostrou alegrar-se ouvindo minhas proposições; Honorina foi chamada... consultou-se sua vontade... e ella disse, que não! não! diante de meu rosto!... e portanto não ha mais esperança por esse lado... a esperança, que me resta, é uma só: em ti a tenho posto.

— Em mim não, Octavio; eu não poderei fazer nada.

— Pódes, pódes muito: eu exijo: e já disse uma

vez, eu imponho! Tu ficaste, ha perto de um anno, administrando, com plenos poderes, a casa de Hugo de Mendonça: eu sei, que o velho e fallecido Raul de Mendonça havia entrado em emprezas arriscadas... tinha parte muito notavel no contrabando de africanos: não podias tu, depois da morte d'este, e na ausencia de Hugo, entreter ainda as mesmas negociações?... para entretel-as não te era preciso contrahir emprestimos?... e não seria emfim muito possivel ser infeliz e perder tudo?... Felix; eu sei ainda, que a casa de Hugo teve prejuizos, e estremeceu... tenho a certeza de que estremece ainda... pois bem: passa-me lettras...

— Octavio!...

Octavio como para vêr-se livre de um peso enorme, continuou, dizendo depressa:

— Passa-me lettras de grande valor... na importancia de quarenta a cincoenta contos de réis... escreve-as com datas atrazadas: que seu vencimento tenha lugar agora... e Hugo de Mendonça estará perdido para sempre, ou dar-me-ha sua filha em casamento.

— E hei de assim, Octavio, pagar a meu bemfeitor a divida immensa, em que lhe estou?...

— Oh! não... não haverá nada: assustal-o-hei apenas; se me der sua filha, no dia das nupcias declararei o nosso crime, e obterei o seu perdão.

— Elle sacrificará primeiro todos os seus bens para pagar-te.

— O Sr. Hugo de Mendonça é muito honrado para querer pagar-me com a herança de seu sobrinho, de sua mãi e de sua filha.

— Mas tem a sua.

— Insufficiente.

— Lançar-me-ha a pontapés para longe de sua casa...

— E eu te receberei na minha.

— Deshonrado!...

— Tu te saberás defender: o contrabando, em que se achava empenhada a casa de Hugo, enriquece e empobrece com a rapidez do raio.

— O Sr. Hugo de Mendonça, quando deixou-me administrando sua casa, ordenou-me, que puzesse termo a todas as negociações da Costa d'Africa, Octavio.

— Sim; mas poderião haver antigos compromettimentos... e em tal caso...

— E como!... como explicar essa perda enorme?...

— Felix, tudo nos auxilia: o velho Raul de Mendonça e meu pai erão socios em semelhantes emprezas: mortos ambos quasi ao mesmo tempo, não é inverosimil, que ficassem ajustes, obrigações que prendessem ambas as casas; sabes que a fortuna me tem sido terrivelmente contraria n'estes dous ultimos mezes; pois bem... explica as tuas perdas pelas minhas... eramos socios... ninguem virá dizer que não, porque eu tenho negociado só por minha conta; e por tanto eramos socios... e tu não fizestes mais, do que cumprir antigas e inevitaveis obrigações... que emfim nós podemos documentar agora em dez minutos.

— Não! não!

— Felix, eu te escrevi uma carta, que poderás atirar-me ao rosto, se eu faltar ao que prometto!

— E' uma infamia...

— Que se lavará depressa.

— Sim, porque tu te desculparás com a paixão, que te céga.

— E tu com o direito, que eu tinha de te impôr condições...

— Será dizer ao mundo, que eu tenho sido infame toda minha vida...

— Não: eu alcançarei o teu perdão, e sepultarei o teu segredo.

— Mas não me livrarás de córar sempre diante de uma familia inteira!

— E' um sacrificio, Felix, eu o sei; porém tu m'o deves...

— Este não... é enorme!...

— E' que tu ainda não pensaste, que me não pódes negar nada!...

— Octavio!...

— Que um homem, que tendo sido como eu, honrado em toda sua vida, que não teve n'ella ainda uma só mancha, e chega a ponto de vir envergonhar-se a teus olhos, não hesitará um só instante em lançar mão dos ultimos meios!

— Octavio!...

— Que um homem que ama, como eu amo, não conhece barreiras, não respeita nada... não se póde lembrar nem dos outros, nem de si!...

— Octavio!...

— E' que tu ainda não pensaste que eu estou dando o derradeiro passo! e que me agarro á ultima taboa! que acredito, que tu pódes ser o instrumento de minha ventura: e que se a isso te negares, eu posso, e hei de vingar-me!

— Mas é que tu não pensaste tambem, Octavio, que a minha quéda trará após si a tua; porque tu me escreveste uma carta, que te deshonra!

— Embora! embora! eu pensei em tudo isso, e em mais ainda: porém já te disse mil vezes, Felix; quem ama, não respeita o mundo, não se lembra da virtude; está louco e perdido; e só póde salvar-se com a posse d'aquella que adora!

— Insensato!

— Eu pensei até na possibilidade de um outro crime, Felix! eu pensei, que tu podias tentar arrancar de minhas mãos a prova de tua desgraça; e sabes, o que fiz?... vim armado... para defender-me!... para salvar a minha esperança!...

— E para talvez matar-me, não é assim?

— Não! matar-te não; porque eu preciso da tua vida: Felix, tu és a carta, que eu jogo; a carta, mercê da qual, devo ganhar a partida.

— Octavio, eu me espanto da tua audacia!...

— Admira antes o amor desesperado que eu tenho!...

— O que tu intentas, Octavio, chama-se um roubo!

O rosto do mancebo tornou-se rubro de colera e vergonha: não podendo soster-se no primeiro momento, agarrou e sacudio com força o braço de Felix, e exclamou:

— Desgraçado! e és tu que fallas em roubo?!

Felix, como fulminado por um raio, cahio sobre a cadeira de braços, da qual ha um instante se tinha erguido.

Onze horas soárão então.

— Ha uma hora, que fallamos em vão, disse Octavio socegando; é necessario acabar com isto: decide-te.

— Estou decidido, respondeu Felix; não.

— Bem: ámanhã haverão de mais dois desgra-

çados no mundo; de manhã tu serás vergonhosamente expulso da casa de Hugo de Mendonça como um vil ladrão; de tarde mostrarás a minha carta ao povo que me cuspirá no rosto.

E dizendo isto Octavio deu dous passos para a porta.

— Pára Octavio! exclamou Felix.

— Queres dar-me as lettras?...

— E onde está a prova de minha miseria?...

— Trouxe-a comigo.

— Juras-me, que se te casares com Honorina, conseguirás o meu perdão, e sepultarás o meu segredo?...

— Juro... pela alma de meu pai.

— Que se não obtiveres a mão d'essa infeliz moça, não sacrificarás a fortuna de seu pai?...

Octavio pensou um momento.

— E então?

— Não juro, Felix; porque eu precisarei vingar-me; porque eu quererei abaixal-a muito para depois levantal-a.

— D'esse modo... repito, que não.

— Pois até ámanhã, Felix...

Octavio encaminhou-se de novo para a porta.

— Piedade! piedade!... compaixão, Octavio!...

— Queres dar-me as lettras?... perguntou o moço voltando o rosto.

— Oh!... tu és muito traidor para ser amigo!...

— Queres dar-me as lettras?

— Octavio... Octavio... isto é horrivel!...

— Em conclusão?...

— Em conclusão, tu és o demonio!...

Felix sahio do quarto e dirigindo-se ao escriptorio, de lá voltou logo com algumas lettras em

branco: fechou-se de novo por dentro com Octavio, e depois de temerosamente correr os olhos em derredor de si, encheu as lettras, as quaes forão assignadas por elle como aceitante, na qualidade de administrador da casa, e procurador bastante de Hugo de Mendonça. Todas ellas deverião vencer-se pouco tempo depois: quando as lettras estiverão promptas, Felix as entregou a Octavio, que sommando-as disse:

— Bem: são quarenta e seis contos de réis.

— E agora, disse Felix abaixando os olhos; o que me pertence?

Octavio tendo guardado as lettras com todo cuidado, tirou do bolso um pequeno embrulho, que deu ao guarda-livros.

Felix arrancou o papel, que envolvia aquelle objecto, e achou uma pequena boceta, forrada de velludo preto.

Abrio a boceta e achou uma cruz cravada de brilhantes.

— E' isto mesmo, disse tremendo.

XXVIII.

Pai e negociante.

Hugo de Mendonça, deixando a bella casinha de Nictheroy, tinha vindo, a instancias de Lucrecia, morar visinho d'ella, n'esse bairo alegre, e aristocratico chamado da—Gloria—, onde a diplomacia e a riqueza tem, no Rio de Janeiro, assentado o throno de seus prazeres.

A elegante casa occupada pelo pai de Honorina ergue-se do meio de um jardim, que, desdobrando-se, primeiro faz frente para essa soberba rua sempre tremula pelo rodar das carruagens, sempre ruidosa pela multidão, que por ella vai caminho; e depois se continúa por outra, que, em compensação, socegada, solitaria e melancolica, se termina breve defronte do mar.

Ante a rua orgulhosa e nobre se ostenta magnifico portão de grades de ferro, que se abre em par prezo a duas elevadas columnas de pedra, ao mesmo tempo, que pela outra solitaria e melancolica se franquea o jardim por um pequeno portico engraçado e modesto, a cujos lados se levantão dous terraços, cada um dos quaes tem no fundo duas portas, que dão entrada a uma saleta de recreio.

Como acima fica dito: no meio d'esse jardim levanta-se a vistosa casa, em que mora o pai de Honorina.

Era um domingo ás nove horas da manhã.

Apezar de ser feriado, como era esse dia, o que tinha seguido a horrivel noite, em que sobre a vergonha passada de um homem levantava outro homem tambem sua vergonha, Felix foi cedo procurar a seu amo para dar-lhe a fatal noticia da triste posição de sua casa; da ruina, que o esperava; ruina eminente... talvez inevitavel.

Emma e Honorina praticavão na sala; emquanto em um gabinete, contiguo a esta, Hugo se occupava em examinar varios papeis e livros commerciaes; quando annunciárão Felix.

O negociante escutou estremecendo o annuncio d'aquella inesperada visita; e com o presentimento de um infortunio, ordenou, que fizessem entrar o mancebo para o gabinete.

Hugo conhecia, que seus negocios não se achavão no melhor pé possivel: elle tinha herdado de seu pai uma casa forte pelo credito, que merecia; manca porém em si mesma pelas grandes dividas, que sobre ella pezavão, e que não podião ser de prompto satisfeitas; pois que não era licito ao hon-

rado negociante dispôr, para pagal-as, dos bens que cabião por herança, a sua mãi, e a Honorina.

O irmão de Hugo, fallecido quasi ao mesmo tempo que seu pai, havia deixado bens consideraveis; morrendo porém sem testamento, e tendo um filho unico, embora ausente, esses bens não devião ser empregados em favor dos interesses particulares de Hugo, que, sempre consciencioso e nobre, zelava a herança de Lauro com um respeito religioso.

E pois Hugo de Mendonça, que, para ficar senhor independente da casa de seu pai, so obrigára a todas as dividas, que a fazião gemer, começára logo a lutar com immensas difficuldades; todavia tendo um nome cheio de brilhante reputação, e uma vida ainda sem mancha, pôde sustentar-se no mesmo pé, em que d'antes vivêra seu pai: obrigado a sahir da côrte para tomar conta dos bens, que longe havião deixado seus parentes, elle pôz os seus negocios sob a direcção de um moço, que, ha dez annos, era o primeiro caixeiro da casa, e que jámais déra azo á menor desconfiança de sua probidade.

Voltando depois de alguns mezes de ausencia, Hugo achou tudo no mesmo estado... a casa se debatia ainda apertada pelos mesmos empenhos... mancava sempre; mas era innegavel, que Felix, que a ficára administrando com amplos poderes, fizera admiraveis esforços para sustental-a.

Quem julgasse a Hugo de Mendonça pelas apparencias, o acreditaria tão feliz, como rico: além de ser o seu genio naturalmente alegre, o negociante, á semelhança da joven loureira, que abatida e amargurada no fundo da alma, ainda assim

levanta orgulhosa a cabeça diante de suas rivaes, fazia por esconder seus concentrados tormentos sob um aspecto de felicidade; mas para contrastar a alegria de seus dias elle passava noites crueis de calculos baldados; noites, que elle gastava em lembrar e sommar suas dividas; em sentir apertar-se-lhe o coração, prevendo, que lhe seria preciso voltar-se para sua mãi e sua filha, e pedir-lhes seus bens para perder tudo, menos a honra.

Foi por isso, sem duvida, que elle estremeceu, ouvindo annunciar a visita de Felix a horas, em que o não devia esperar.

O guarda-livros entrou, e obedecendo á voz de Hugo, sentou-se defronte d'elle.

O mancebo trazia no semblante a expressão de pungente dôr: em seus olhos se estava lendo a vigilia de uma noite inteira.

— Pois bem, meu Felix, disse Hugo forçando um sorriso; eu estou agoirando-nos mal da tua visita.

Felix fez um signal afirmativo.

— E' que temos novas difficuldades a vencer para sustentar-nos... empenhos novos... e quem sabe?... talvez uma grande desgraça...

O guarda-livros fez novo e igual movimento de cabeça: Hugo de Mendonça tornou-se então pallido, como elle.

— Almocemos primeiro, tornou depois de alguns minutos de silencio; procuremos adquirir forças para assoberbar a tempestade.

Felix quiz fallar; porém Hugo de Mendonça, já com muito sangre frio, repetio o mesmo conselho.

— Almocemos primeiro, meu amigo: ha sempre tempo de sobra para o infortunio.

Até á hora do almoço Hugo entreteve agradavelmente a Felix, e ás senhoras, com as quaes se tinhão ido ajuntar em objectos indifferentes.

Finalmente os dous se virão de novo a sós e defronte um do outro no mesmo gabinete.

— Agora, meu Felix, disse Hugo de Mendonça, vamos ao que é mais sério e mais triste: que ha de novo?... falla...

— Senhor... ha uma desgraça... horrivel!...

— Mas emfim sempre acharemos para salvarnos algum meio embora difficil...

— Senhor, disse o moço, o mal é muito grande... é enorme...

— Sem remedio?...

— Talvez... desgraçadamente talvez sem remedio!

— Mas o que será isso, que por ora não comprehendo!... eu me suppunha ao facto de todos os meus negocios!...

Felix ficou frio, como um cadaver; e sentio que as palavras de Hugo de Mendonça retinião cruelmente no fundo de seu coração.

— Felix, continuou o negociante, é preciso fallar... vamos...

— Senhor, respondeu o guarda-livros; eu sempre mereci a mais completa confiança do senhor seu pai; e nunca dei motivo para perder a sua. Recebido e educado n'esta casa, pobre orphão que eu era, eu vos olhava como meus pais, como vós me olhaveis como vosso filho.

— Adiante... adiante...

— Não; tudo é preciso dizer; porque eu commetti um erro, a que se poderá chamar um abuso de confiança; pois que suas consequencias, forão

desgraçadas ; e que se diria uma grande prova de amisade e dedicação, se o seu resultado correspondesse aos meus desejos e esperanças !

— Basta de preambulos, Felix ; eu estou ancioso por conhecer esse infortunio, que tanto te abate.

— Eu o vou dizer : mas assegure-me primeiro, senhor, que eu tenho administrado a sua casa mais como um membro da familia, mais como um filho, do que como um assalariado...

— Sim... todos te fazemos justiça : porém vamos... vamos...

— Eu me explico : é todavia necessario partir de longe : senhor, quando morreu seu pai, eu sabia dos negocios da casa mil vezes mais, do que V. S.: perdoe-me... o Sr. Raul de Mendonça parecia estimal-o pouco ; e por isso o arredava sempre dos seus conselhos...

— Adiante... adiante...

— O senhor seu pai, poucos annos antes de morrer, se havia empenhado em negociações prohibidas, e perigosas ; e, como tantos outros, soffreu revezes : o resultado foi deixar a casa nas difficeis circumstancias, em que passou a seu poder.

— Sabemos d'isso...

— Logo que depois da morte d'elle, a casa ficou debaixo da direcção de V. S., eu, recebendo amplos poderes para, em sua ausencia, continuar com os negocios, recebi tambem ordens terminantes para pôr termo a essas empresas fataes e illicitas...

— Concluamos emfim...

— Alguns dias porém depois da sua partida para o campo, a firma de seu pai me foi apresentada... havia uma promessa, uma obrigação d'elle, contando-se com a qual despezas se tinhão feito, e na-

vios preparado : era um enorme empenho... mas o que podia eu fazer?...

— E' que eu ainda não comprehendi bastante, Felix!...

— Senhor, eu quero dizer que fui obrigado a contrahir novas e grandes dividas para entrar na negociação com a parte a que se obrigára a casa, que eu estava administrando.

— Mas eu tinha o direito de saber tudo, e tu o dever de nada me occultar!...

— Eis o erro, que choro, senhor! porém eu esperava que d'esta vez a sorte nos seria menos adversa; e contava, que poderia apresentar-me victorioso, depois de ter salvado de todos os seus empenhos a casa, que administrei.

— E então?...

— Calculando os lucros sobre uma perda de metade de nossas embarcações, ainda assim teriamos vencido muito...

— E então?... e então?... e então?...

— Oh! ha tres mezes que se tem ido quebrando contra meu coração uma por uma todas as probabilidades, que a nosso favor eu tinha!... cada noticia importava sempre uma desgraça!... a primeira, a segunda, a terceira, todas as embarcações perdidas... tomadas!!... só nos restava a ultima... a ultima, que era tambem a derradeira taboa de salvação para nós; pois bem! hontem a noticia chegou... perdida! tomada, como as outras!

— E por tanto?... perguntou o negociante apertando violentamente as mãos.

— E por tanto tudo está acabado... não ha mais esperança possivel!...

Hugo de Mendonça desabafou um gemido surdo, e doloroso.

— E de hoje a tres dias, senhor, temos de pagar uma lettra na importancia de treze contos de réis.

— Oh!...

— E de hoje a tres mezes uma segunda de quinze contos de réis.

— Felix!...

— E emfim de hoje a seis ainda uma terceira importando em dezoito contos de réis.

— Que todas tres prefazem a quantia de quarenta e seis contos de réis!... disse tremendo Hugo de Mendonça, que estupidamente sommára pelos dedos a divida inexperada.

— É verdade, senhor.

— Sim... ainda quarenta e seis contos de réis que devem ser pagos no mesmo tempo, em que se virá pedir-me outro tanto!...

— Era por isso, que eu julgava esta desgraça inevitavel!...

— Mas ha, Sr. Felix, disse Hugo affectando um tom improvisadamente polido; ha em tudo isto um lado obscuro... inintelligivel!... nenhum administrador occultou assim por tanto tempo negocios de tal importancia ao dono da casa!...

— Sr. Hugo de Mendonça, respondeu Felix empallidecendo involuntariamente; eu tenho e trago comigo documentos, que esclarecem bastante o meu proceder: por elles se póde vêr, em que tempo fui contrahir essa divida na mesma casa, que com a que eu administrava se ia de sociedade empenhar na fatal empreza: n'elles estão marcados, com a mesma data das lettras que assignei, todos e

ainda os mais minuciosos esclarecimentos a respeito das embarcações enviadas á costa d'Africa. E de mais, senhor, conto a meu favor honroso procedimento de longos annos de serviço !... ninguem poderá fazer-me a injustiça de crer, que me enriqueço, fazendo a desgraça da sua casa !...

— Não se lhe disse isso, senhor, tornou Hugo ; mas eu creio que, no estado em que me vejo, deve-se-me tolerar uma queixa !

— Oh ! perdão ! perdão, Sr. Hugo de Mendonça !

— Está bem ; está bem, Felix... deixa-me os papeis, que me sentencêão á miseria.

— Eil-os aqui, senhor.

Felix entregou a Hugo de Mendonça um pequeno maço de papeis: e alguns momentos depois retirou-se abatido e triste, como viera.

O negociante acompanhou com vistas prescrutadoras o seu guarda-livros até vêl-o desapparecer.

No pensamento de Hugo desenhava-se ao pé da lembrança de seu infortunio, uma duvida que o fazia vacillar muito.

A historia, que lhe contára Felix, tinha um não sei que de fabuloso... seria Hugo victima de um trama infernal ?... deveria o seu guarda-livros levantar-se rico e feliz sobre a sua miseria ?...

Mas ao mesmo tempo que taes idéas surgião-lhe n'alma, Hugo lembrava-se de que Felix havia sido um caixeiro exemplar por sua honra e fidelidade ; e a vida inteira do mancebo sem nenhuma mancha, sem a mais leve nodoa, fazia estremecer o negociante arruinado diante da imagem da calumnia.

Emfim elle começou a examinar os papeis ; tudo

estava em ordem... tudo cuidadosa e miudamente documentado... e ainda um novo golpe vinha cahir sobre Hugo de Mendonça; elle era devedor de grande quantia ao mesmo homem, que, poucos dias antes, lhe viera pedir a mão de sua filha, e fôra por ella não acceito!

Horas terriveis se passavão então...

Só, sem nenhum objecto, que o distrahisse, Hugo de Mendonça examinou os seus livros, as suas contas, os seus papeis, pensou em tudo... lembrou-se de sua mãi e de sua filha; e quando ao voltar a pagina de um livro, ou ao combinar um novo pensamento, sentia entrever uma esperança; arquejava immediatamente depois; porque n'essa mesma pagina do livro, e na reflexão d'esse mesmo pensamento elle esbarrava sempre com a idéa fria, horrivel, geladora — impossivel!...

Impossivel! — palavra fatal, que na vida moral do homem significa o perdimento de toda esperança... isto é, a morte do coração!... noite perpetua e escurissima ainda no meio dos mais bellos dias!...

Oh! o negociante habil e honrado, que sente desmoronar-se sua casa, apezar de seus desesperados esforços... que não tem mais uma unica probabilidade a seu favor, uma simples e fraca taboa de salvação, a que se agarre, soffre muito... muito... terrivelmente... parece, que não é possivel soffrer mais; e todavia Hugo era despedaçado ainda por dobradas angustias; porque Hugo era pai...

Quando elle se lembrava de sua filha, o que succedia a todos os instantes; quando sentia o ruido de suas pizadas... quando ouvia o som de

sua voz doce e meiga, e pensava que ella tão linda, tão mimosa, tão acostumada aos regalos, que se gozão no seio da abundancia, ia cahir nos emmagrecidos braços da pobreza, experimentar privações, e...

Não: não se comprehende assim tão facilmente essa dôr indisivel, que vem do fundo d'alma... do amago do coração, queimando-o de vagar e cruelmente, como uma lingua de ferro em braza!... é preciso para bem comprehendel-a ser pai, e ter visto nascer e ir crescendo uma creancinha, que se adora, como a pupilla dos proprios olhos... uma menina bella, filha da mulher, que mais se amou no mundo, que com essa mulher se parece, e que vai crescendo debaixo das vistas desveladas d'elle mesmo, como um lindo arbustinho sob os cuidados de vigilante jardineiro... que emfim já é uma moça encantadora, e virtuosa, que se sonha, que se conta fazer venturosa, e que se vê de repente tombar na miseria!

. . . . . .

Chegárão as horas do jantar.

Hugo de Mendonça, querendo ainda esconder a sua mãi e filha a desgraça, que sobre elles todos cahira, foi sentar-se á mesa fingindo-se alegre e socegado.

Passados alguns momentos porém, quando levava aos labios um calix de vinho, fitou os olhos em Honorina... embebeu-os no rosto docemente pallido d'aquelle anjo de belleza, que em breve seria martyr... e, como para abençoal-a, deixou cahir o calix da mão .. e, não podendo mais sostersse, atirou-se chorando sobre a filha, a quem abraçou com violenta effusão de ternura.

Era impossivel occultar por mais tempo o triste segredo: todo foi revelado.

Meia hora depois Honorina estava ainda nos braços de seu pai, molhando suas faces com as lagrimas, que dos olhos d'elle corrião; animando-o, e chorando tambem.

— Era de prever! disse Emma finalmente; uma grande desgraça tinha de vir sobre nós, pois que havia desapparecido a cruz da familia!... sete annos se passárão... mas eil-a!... eis a desgraça... irremediavel!!!

— Minha mãi!...

— E' preciso vender tudo, Hugo: é necessario pagar essas dividas com os teus, com os meus, com os bens de tua filha...

— Oh! e a miseria para vós!...

— E a riqueza para elle!... embora... não se ha de tocar por modo algum na herança do infame!...

— Minha avó, porque fallar assim?!...

— Pois não é elle, que tem culpa de tudo isto?... elle?... esse Lauro?...

E o rosto da velha tomou uma expressão terrivel de odio, e de vingança; ella ergueu sua mão tremula, e com voz forte exclamou:

— Maldito!... maldito!... maldito seja o miseravel!...

N'esse momento um escravo entrou na sala, e entregou a Hugo uma carta, que acabava de chegar. O negociante a abrio immediatamente e leu a assignatura.

— Lauro!... disse elle.

— Lauro?!... exclamárão as duas senhoras.

Hugo de Mendonça leu alto, o que continha a carta.

« Meu tio. Recebi a carta, em que Vm. rejeita « a doação, que fiz á minha prima da herança que « me coube pela morte de meu pai, e de novo « me convida para ir receber o que me pertence. « Pois bem, meu tio, somos ambos teimosos; mas « agora preciso é, que tambem cedamos ambos, e « transijamos em alguma cousa. Eu conto de- « monstrar, em breve, que me calumniárão, os « que me denunciárão, como perpetrador do furto « da cruz da familia: e pois poderei cedo entrar com « o rosto descoberto na casa de meus pais: em con- « sequencia eu proponho a Vm. o meu casamento « com minha prima Honorina, de quem tenho re- « cebido as mais lisongeiras noticias: se isto lhe « fôr agradavel, exijo, como condição, que Vm. « empregue todo producto da minha herança no « desempenho da casa, que, segundo me informão, « meu avô deixou em difficeis conjuncturas: o « credito do nome, que eu já tive, e que ainda te- « rei, deve ser sustentado por todos nós.

« Cidade da Bahia, setembro .. de 1844.

LAURO. »

Depois da leitura d'esta carta reinou profundo silencio, durante alguns minutos.

Emma havia primeiro pensado que, empregando-se a herança de Lauro, vencer-se-ião as maiores difficuldades, com que lutava a casa; mas para logo abafou esse pensamento, porque, teimosa em tudo, e, sempre inabalavel em todos os seus juizos, ninguem a fazia crer, que podia não ter sido Lauro o roubador da cruz da familia; e ella

jamais consentiria em sacrificar Honorina a um homem sem honra.

Hugo de Mendonça achava a proposição muito conveniente; por sua vez porém recuava ante a idéa de negociar com o coração de sua filha.

Honorina tremia pensando em seu pai, e no Moço Loiro.

Depois de muito tempo de penoso silencio, Emma fallou com voz grave e firme:

— Não: de modo nenhum.

E Hugo de Mendonça, com accento ainda mais firme, com o tom do homem absolutamente decidido, disse:

— Minha mãi, a esta carta só uma pessoa deve com toda a liberdade responder: o — sim — ou o — não — só d'ella partirá. Honorina, tens a tarde, e a noite de hoje, e o dia d'ámanhã para pensar: e nós teremos a noite do dia, que se vai seguir, para receber tua resposta terminante e livre.

XXIX.

Honorina meditando.

A solidão é o espaço encantado, onde o espirito se derrama livremente...

Passa-se n'ella longas horas em uma doce embriaguez de reflexões, engolfado em mystico e jámais interrompido silencio... nullificão-se ahi os sentidos com a mais completa indifferença a tudo, que os rodeia... não se vê, o que existe a dous palmos dos olhos... não se ouve a avesinha que modula na arvore mais proxima... não se sente a aurora, que principia a romper, nem as trevas, que começão a diffundir-se: está levantada uma barreira entre o mundo e a alma; e, mais que nunca dona de si propria, ella rumina o passado... reflecte sobre o presente... sonha de ordinario com o futuro...

Oh !... então é um milagre, quando os labios se sorriem, a não ser com amarga ironia !... porque tambem, para dizer a verdade, o homem tem na sua vida tão poucas cousas de que sorrir-se alegremente !...

Então se está quasi sempre ou sempre sob o dominio da melancolia.

Mas esse estado não se parece nada com o desgosto de si mesmo, que, como o castigo de Deos, enche de fel o coração do máo.

Esse estado é o que convém á imaginação brilhante, que se sente enjoada, e se vinga do mundo de gelo e de cifras, indo, livre dos grilhões da sociedade, derreter-se em arabescos de fogo...

E' o fecundo sonhar do poeta...

E' não dormir, e não velar ; é um viver entre a vigilia e o somno, que se assemelha á hora do crepusculo, que não é dia nem noite.

A natureza parece haver creado aqui e ali sitios moldados a esse ineffavel goso de illusões, como altares erguidos ao espirito no templo da solidão.

E os homens n'isso, como em tudo mais, tem pretendido com a arte arremedar as obras inimitaveis do Senhor.

No jardim da casa occupada por Hugo de Mendonça se encontrava um d'esses lugares silenciosos e melancolicos, que convidão a meditar.

As pequenas salas que davão para os terraços levantados aos lados do portico singelo da rua solitaria, se escondião cercadas por grupos de frondosas arvores, abrindo para o interior do jardim duas janellas, defronte de cada uma das quaes outras tantas palmeiras derramavão seus ramos arqueados.

Pois que essa rua é ainda agora mesmo muito pouco frequentada; em certas horas do dia reinava ahi silencio profundo... solidão completa... e então as pequenas salas desabitadas e sombrias, onde chegava apenas o gemer das ondas, e o ciciar das palmeiras, tinhão inexplicavel encanto.

Honorina, já naturalmente melancolica e contemplativa, e escrava ainda mais do terno segredo de seu amor, desde que viera com sua familia habitar a elegante casa da rua da Gloria, se aprazia em ir passar as ultimas horas do dia n'aquella das salas, que ficava do lado do mar.

Hugo, respeitando os innocentes desejos de sua filha, não só deixou sempre que ella fosse na companhia de Lucia passar as tardes na sala predilecta, como fêl-a movelar com simplicidade e gosto; de modo que, ao aproximar-se a hora do crepusculo, Honorina e Lucia dirigião-se para os terraços; e em quanto esta descançava á sombra das palmeiras, aquella ia, em completa liberdade, pensar no seu amor.

Era portanto ahi que Honorina dividia os seus pensamentos e suspiros pelo Moço Loiro, e pela amiga de seu peito; e era n'esse lugar emfim, que um dia, repassada de angustia, deveria vir chorar desgraça de seu pai... e a posição melindrosa, em que tinha de vêr-se collocada.

. . . . . .

Não havia chegado ainda a seu termo o dia, em que Hugo de Mendonça recebera a noticia de seu inesperado infortunio, e logo depois a carta de Lauro.

O sol começava a moderar o calor de seus raios: uma aragem branda e suave vinha soprando docemente.

Honorina e Lucia encaminhárão-se para os terraços da rua solitaria; e como sempre, Lucia ficou sentada á sombra de uma palmeira, e Honorina subio para a sala do lado do mar.

E ella meditava...

Não lhe restava a menor duvida... a lei do destino, a força das circumstancias a tinhão collocado entre dous terriveis extremos!... dous pensamentos devião ser medidos... um de dous tormentos escolhido:

Ou — a miseria de seu pai,

Ou — o sacrificio de seu amor.

De um lado estava um ancião respeitavel, que a carregára pequenina; que depois de lhe ter dado a existencia, lhe déra ainda tudo mais, que póde dar um extremoso amor de pai; que, nas tristes circumstancias, em que se achava, não ousava offerecer um conselho; não queria o menor sacrificio; não desenhava aos olhos d'ella o painel da miseria, que podia ser para longe lançada com uma unica palavra... emfim, de um lado estava seu pai; seu pai, que ella amava como a mais extremosa das filhas, abatido... magro... desfigurado... enfermo... pedindo compaixão e piedade a sua filha!

E a filha poderia negar compaixão e piedade a seu pai?!!...

Mas do outro lado levantava-se um mancebo, nobre, ardente, e destemido; um mancebo que lhe salvára a vida... que a amava com paixão desmedida, e que era amado com mais paixão ainda: emfim, do outro lado levantava-se o Moço Loiro afflicto... silencioso... que ia passando sem deixar uma só queixa... e que ia indo com o desespero no coração... ia indo...

E para onde se vai quando se tem no coração o desespero ? ! !...

E essas duas imagens, a de seu pai, e a do Moço Loiro se succedião em seu espirito uma á outra tres, vinte, cem, mil vezes sempre as mesmas, sempre do mesmo modo ; como as ondas do mar repetidas sempre !...

Fallava primeiro o amor de seu berço, o amor da infancia, o amor, que votava áquelle, que, pegando-lhe pelas mãos-zinhas lhe tinha ensinado a andar... que se sorrira ao seu primeiro sorrir, e chorára de prazer á sua primeira palavra... fallava primeiro o amor do pai...

Fallava depois o primeiro amor de seu virginal coração... oh ! o primeiro amor !... o eterno sentimento, que ainda quando se não realisão seus anhelos, deixa, para jámais extinguir-se, seu doce e fragrante aroma impregnado n'alma !... o primeiro amor ! almo desperto do somno da innocencia ! chamma abrazadora da joventude... pura, como a joventude ; tão sem vil ambição, como a joventude ; bella e cheia de esperanças, como ainda a joventude !... o primeiro amor ! e fallava então o amor do Moço Loiro...

E depois ella media suas proprias forças...

Ardente e devotada achava-se capaz de ser martyr... não hesitaria em sacrificar pela felicidade de seu pai a sua propria vida... tudo... tudo... oh ! mas aquillo que ella dizia ser—a unica luz, que póde tornar brilhante o caminho da vida para a mulher ? !...

E apenas com dezeseis ànnos, tão moça ainda ! ella olhava para a vasta extensão, que lhe cumpria atravessar no mundo, e tudo se lhe antolhava feio,

perigoso, escuro, horrivel... e não longe, prompto a correr para seu lado, estava um Moço Loiro, que com lampada magica na mão, mudando a face de toda essa scena amedrontadora, promettia leval-a por um caminho de flôres risonha e feliz até o fim da viagem.

Afóra a imagem do Moço Loiro, não via mais nada no campo da vida... tudo era negro... e feio... apenas na outra extremidade do vasto campo podia descobrir a pallida figura do descanço assentada na beira de uma cóva...

Oh!... se ao menos lhe déssem a certeza de não padecer muito... de morrer cedo!...

E de novo lembrava-se de seu pai... não; nunca de seus labios sahiria a sentença da desgraça d'elle... mas o sacrificio de seu amor?!... era muito... muito!...

E Deos não podia amaldiçoal-a por vêl-a hesitando; e o mundo não tinha o direito de chamal-a —ingrata—; porque Deos está vendo a sorte, que os homens prescrevem á mulher; e o mundo deve, antes de tudo, córar de si proprio!!!...

A verdade é esta: á mulher só tem na vida — o amor —; sacrificar seu unico bem é perder tudo... é deixar-se morrer de um modo cruel.

Porque ou seja vicio de educação, ou de qual causa estimarem dar, a sorte da mulher é apoucada e mesquinha.

Na divisão dos direitos e deveres coube-lhe um papel, sem duvida respeitavel e nobre debaixo de um ponto de vista; porém em tudo mais secundario e chimerico: a mulher chega a ser mãi de familia... e mais nada.

Primeiro felizmente adormecida no doce capti-

veiro de seus pais, acorda com um gemido para passar ao de seu tutor; ou se sorri, recebendo as cadêas que lhe lança seu marido: sujeita desde que nasce... sujeita até que morre, tem sempre ao pé de si um homem para pensar, e desejar por ella; para pelo prazer d'elle medir o seu... é uma criança, que sempre se vigia... um cégo, que se leva pela mão: ou, ao muito, quando consegue ser amada, uma escrava, que se prende em um altar, uma divindade que se tem em ferros, e a quem se dá o nome de senhora!...

E a mulher ha de por força sujeitar-se á lei, que os homens lhe tem imposto: se alguma tentasse rehaver... exercer direitos muito nobres e legitimos, que Deos lhe concedeu, e o mundo lhe arranca; se alguma ouzasse dizer—eu sou livre!—teria horriveis tempestades a assoberbar, e por fim succumbiria; porque o mundo entende, que só ha dous caminhos para a mulher; o da escravidão e o da vergonha.

E ainda quando ella sentindo-se insultada, gritasse — calumnia! calumnia!... — o mundo rir-se-ia... e responderia sempre — vergonha!... vergonha!... —; porque sómente o homem tem o direito de fazer face á opinião dos outros... e a mulher não póde ser, senão aquillo que o mundo quizer que ella seja...

E apertada no estreito circulo dos deveres domesticos, a mulher não terá nunca outras honras, outra gloria a desejar, senão aquellas que se devem á fidelidade da esposa, á extremosa maternidade, ás virtudes domesticas emfim; e quando uma desgraça cahir sobre ella, e sobre a sua familia; ella, a quem se não permitte outro cuidado, outro

culto, que não seja o de sua familia, e o de si, isto é, ella, que está apertada no estreito circulo dos deveres domesticos, é mais que o homem lamentavel.

Porque o homem tem o commercio... as armas... a politica... muito mais ainda... e emfim a mulher.

E a mulher tem unicamente — o homem.

Ora, se elle, que póde ser distrahido por tantos interesses diversos, no tão vasto campo que se lhe abre para dar pasto a seu espirito, ainda assim é digno de lastima, quando desposa uma mulher, que não ama; ella, se abafa uma paixão, em que se esperançava, e liga sua vida inteira a um estranho, a quem jura obediencia, e amor eterno, consuma o maior de todos os sacrificios, apaga assim — a só luz, que lhe póde tornar brilhante o caminho da vida.

Por consequencia ninguem deve exigir de uma mulher o sacrificio de seu amor.

Porque a unica esperança, que ella póde ter na vida, é amar e ser amada.

Porque o unico direito, que se lhe concede no mundo, é (ás vezes) o de aceitar ou não um noivo.

Porque é justo, que ella escolha entre todas as cadêas, que lhe offerecem, aquellas que menos pesadas julgue, e mais bem douradas parêção a seus olhos.

Porque emfim é necessario que a mulher ame a seu marido; para que possa ser esposa feliz, e mãi estremosa.

E sem o querer, sem o pensar, Hugo de Mendonça pede a sua filha o sacrificio de seu amor tão terno e tão doce; pois ainda que elle tenha dito — responde livremente — não póde dar-se verdadeira liberdade em Honorina, que a todo momento vê diante de seus olhos a imagem da pobreza nua...

desgrenhada... dolorosa... estendendo emmagrecidos braços para prender entre elles a seu pai.

E portanto terá Honorina de ser uma nova martyr, que vá augmentar o numero já tão crescido d'essas outras nobres martyres, que ahi vão passando pela vida... pallidas... silenciosas... e que muita gente as julga felizes; porque ellas, sempre generosas, sabem abafar seus suspiros... engulir seus gemidos... e esconder seus tormentos de um mundo egoista, e sem piedade, no qual a mulher é quasi sempre uma victima!...

Mas a meditação da moça foi interrompida por Lucia, que entrou na sala.

— Sra. D. Honorina! disse ella.

— O que é, mãi Lucia?... respondeu a joven, levantando a cabeça, que tinha poizada sobre uma mão.

— Um pagem, que não conheci, chamou-me da porta do jardim, e dizendo-se escravo do Sr. Jorge, entregou-me esta carta que da parte da Sra. D. Rachel lhe é dirigida.

— Oh!... a minha Rachel!... dá-m'a... mas esse pagem, mãi Lucia?...

— Retirou-se immediatamente.

— Embora... é uma carta da minha Rachel... que virá talvez animar-me um pouco.

Honorina ficou outra vez só, e abrio logo a carta: havião, além de um curto bilhete, algumas paginas escriptas em separado...

A moça leu primeiramente o bilhete com violenta commoção.

« Honorina. Eu sei tudo! a casa do Sr. Hugo de « Mendonça vai desmoronar-se... e um homem se « offerece para sostel-a: a esperança de teu pai

« está toda concentrada em ti... pende de teus la-
« bios; e tu salvarás o auctor de teus dias, e a fa-
« milia do nome que tens, aceitando a proposição
« de teu primo. Oh!... e que filha resistiria ao as-
« pecto da desgraça de um pai?!... Se eu fosse
« rico!... se eu fosse rico iria de joelhos despejar
« meus thesouros a teus pés; mas tão pobre!...
« que importa que meu amor seja ardente e des-
« medido? de que vale, de que serve o amor de
« um pobre?... E' por tanto preciso esquecer...
« apagar para sempre a memoria do passado;
« mas, Honorina, se esta minha paixão tão desgra-
« çada... se esta, que eu morro morte do coração
« póde merecer alguma piedade, aceita, recebe,
« recebe essas paginas do livro de minh'alma!!!...
« a derradeira esperança, que me resta, é, que
« ellas serão lidas por teus olhos, e que finalmen-
« te, queimando-as junto de ti, vêl-as-has torna-
« das em cinza feia e negra... negra, como o fu-
« turo do pobre... como o meu futuro! aceita-as
« pois, e adeos!... sê feliz... esquece-me... »

Terminando a leitura do bilhete, a moça misturou duas lagrimas brilhantes com um sorriso acerbo, cheio do fél da ironia, e murmurou tristemente:

— Como todos estes homens, a quem eu amo, desconhecem o meu coração!... como é que meu pai pôde dizer-me — fallarás livremente! — como é que este homem animou-se a escrever-me — de que vale, de que serve o amor de um pobre!... — então este... este me comprehende ainda menos do que meu pai!...

E depois começou a ler as paginas do livro d'alma do Moço Loiro.

XXX.

Ao crepusculo.

A' luz dos ultimos raios do sol, lia Honorina as paginas escriptas do livro de amor do Moço Loiro: uma profunda melancolia, ás vezes acerba, estava em quasi todas ellas derramada.

Julgava-se o Moço Loiro verdadeiramente infeliz? ou sua tristeza era ainda fingida, como a que affectára na noite do saráo de Thomazia?... exprimia n'aquelles papeis uma dôr terrivel, e real; ou n'elles jogava sua derradeira carta para vêr se ganhava a partida?...

Longo e afadigador fôra acompanhar a filha de Hugo de Mendonça na leitura, que começára; parece talvez melhor transcrever aqui apenas o que fôr sufficiente para dar uma idéa d'essa pessa,

que, em summa, é tão vã e inconsequente, como qualquer outra do mesmo genero, como qualquer carta de amor.

No entanto, por deferencia a seu auctor, conservaremos o titulo e a epigraphe, com que se orna.

Era pouco mais ou menos o seguinte:

LIVRO DE MINH'ALMA.

. . . . . *Je t'aime!*
Et te le dire ici, c'est le bonheur suprême!...

V. Hugo.

I.

Eu vi uma mulher verdadeiramente bella.

Seus cabellos são negros e luzidios como o azeviche: seus olhos grandes, pretos, e ardentes dardejão vistas de fogo tão penetrantes como os raios do sol.

Sua fronte branca, elevada e lisa é o throno do mais nobre socego: seu rosto pallido, melancolico e doce, o assento da graça mais arrebatadora; seus labios encarnados, virginaes e puros, a fonte das mais angelicas delicias.

E abaixo de seu collo garboso, como o da garça, ha um mar de leite, que quando ella suspira, se agita... se inquieta... e... então lutão ahi de mistura pudor e desejos; innocencia e amor; candideza e voluptuosidade!... e então quem a está olhando, sente... anhela... arde.

Seus braços são alvos e torneados; e suas mãos delicadas e finas: seus dedos dir-se-ião brandas hastes de crystal, cada uma das quaes fosse coroada por uma petala de rubra rosa.

Seu pizar é subtil como o da pomba... o volver de seu vulto engraçado como o fugir da sombra... o seu fallar meigo e harmonioso como a melodia de um anjo.

Ella tem a gentileza da aurora; a frescura do favonio; a suavidade e pureza do arroio do deserto.

. . . . . .

Um olhar de amor de seus olhos, uma palavra de amor de seus labios, e um suspiro de amor de seu seio deve ser o complemento de todas as felicidades, que se podem dar cá na terra...

Porque emfim... ella é uma mulher verdadeiramente bella.

II.

E antes de vêr essa mulher, já eu a amava muito; porque já a tinha ouvido.

Era uma noite serena e fresca: eu passeava melancolico e abatido á borda do mar, quando de repente uma voz — ah! uma voz como outra igual nunca d'antes me havia soado!... suave, meliflua, e tocante, que entrando por meus ouvidos ia até a medulla de meus ossos, até o amago de meu coração; que se entranhava por minh'alma!... — entoou um hymno á innocencia.

Debalde o canto acabou... debalde; porque eu o estava ouvindo sempre, e dentro de mim mesmo... e ali fiquei estatico, entre o céo e a terra, entre a consciencia do meu nada, de minha pobreza, de minha degraça; e essa voz fascinadora, que pôde fazer-me crêr, que é possivel a felicidade cá em baixo, quando se vive toda uma vida com os olhos

embebidos nos olhos, com os ouvidos perto dos labios d'esse anjo, que canta assim.

O signal da meia noite arrancou-me do meu encanto... lembrei-me então que sobre a minha cabeça, debaixo de meus pés, e em derredor de mim havia mundo, e miseria: porque até essa hora eu tinha esquecido tudo... tudo... occupado sómente com duas idéas que erão a omnipotencia de Deos e a existencia d'essa mulher.

A lua estava clara e brilhante... vi, a curta distancia, aberta a porta de um jardim, e no meio d'este erguer-se uma frondosa mangueira de debaixo da qual tinha sahido a voz, que me arrebatára. Entrei... um braço invisivel e forte me arrastava para ahi... eu queria, ao menos, beijar as pisadas d'essa mulher.

Avancei alguns passos... a claridade da lua mostrou-me dous vultos de moças recostadas em uma janella: senti dentro de mim um desejo invencivel de ouvir o que dizião as duas moças; de julgar de sua belleza, se possivel fosse...

Não as vi tão bem, como anhelava..

Mas o que eu ouvi não me esquecerá mais nunca!...

. . . . . .

Meu Deos!... meu Deos!... vós não sentis, que a sensibilidade é o maior dos tormentos do homem pobre?... não é bem verdade que os pobres deverião poder viver sem coração?...

Pois o que ha de fazer o homem pobre, quando ama?...

Abafar o seu amor?

Eis ahi portanto um enorme tormento: esse fogo intenso que se suffoca lança chammas devo-

radoras, que fazem caminho rasgando... queimando o coração: esse amor, que se concentra, e se faz por afogar, é um raio d'alma, que brilha no meio de horriveis ruinas... de calabouços medonhos! porque pois a luz, se a luz vem fazer sentir tão grande miseria?!!...

Pretender o objecto amado?...

Como?... e para que?... —Como, se essa mulher encantadora e bella, cercada sempre por uma multidão de galantes mancebos, ricos, espirituosos, alegres, lisongeadores, que sabem dizer tão bonitas cousas, e olhar com olhos tão ardentes, não poderá vêr nunca o homem pobre, que só tem para lhe offerecer um coração cheio de lagrimas!... que não se animará nunca a balbuciar uma phrase de amor!... que não ousará jámais levantar seus olhos uma só linha acima dos pés da mulher amada?!... —E para que?... para ser correspondido?... para ganhar gratidão, e depois dar para comer a esse anjo, que se adora, um pedaço de pão amassado com o pranto de seus olhos?... para repartir com essa mulher a miseria que padece... a vida de tormentos que arrasta?!... para padecer o dobro vendo-a padecer tambem?!...

Oh! não!... não, meu Deos!... o homem pobre não deve amar; não!

. . . . . .

E então porque fui eu escrever aquelle bilhete, e deixal-o debaixo da vidraça de sua janella?... porque me atrevi a jurar-lhe um amor de poeta e de fogo?...

Oh! foi porque a voz d'essa mulher prendeu para sempre meu destino a seus labios!...

E portanto não me é possivel duvidar mais da natureza de meus sentimentos... eu amo!...

Qual será o resultado d'esta paixão, que me hallucina!... que futuro me estará esperando?... porque novas provações terá de passar a minh'alma?...

Meu Deos!... meu Deos!... vós não sentis que a sensibilidade é o maior dos tormentos do homem pobre?... não é bem verdade que os pobres deverião poder viver sem coração?...

III.

Emfim, graças ao céo!... eu pude, sem ser visto, vêl-a de perto... observal-a... admiral-a!

Ha no mundo só uma cousa, que arrebata ainda mais, do que a voz d'essa moça; é o semblante d'ella mesma.

Já me não arrependo de tel-a ouvido, e visto: já não sinto haver amado: soffrerei todos os tormentos possiveis com valor e serenidade... chegarei mesmo a bem-dizel-os: pois estou convencido, que por gratidão eu devia amar tão encantadora creatura.

Devia! porque ella fez desabrochar em minh'alma, sempre tão arida e tão esteril, uma flôr; a flôr da crença na possibilidade de ventura cá na terra, flôr bella como o rosto, suave como o canto, balsamica como o halito de Honorina!...

Devia! porque ella fez bruxolear no horisonte de minha vida sempre tão escuro, tão em trevas, tão tempestuoso uma aurora... a jucunda aurora do amor, aurora brilhante como o

olhar, bonançosa como o sorrir, fascinadora como o arfar dos seios de Honorina!...

E eu pois a amo! amo-a, qual ama o naufrago a derradeira taboa do navio despedaçado, a que se prende para escapar á morte!... amo-a, como um homem reprobo amaria o anjo de salvação, a cujas azas se podesse ter agarrado!

Amo-a como a pomba a seus pombinhos inda implumes; como o heliotropio ao astro do dia; como a mais extremosa mãi ao mais extremoso filho!

. . . . . .

Mas é bem possivel que essa mulher angelica não se lembre nunca d'este homem que a adora tanto!

E isso qu'importa?... é a sorte do mundo. Todo homem encontra sempre em sua vida um coração de mulher, que o não attende, e outro coração de mulher que por elle soffre! é a sorte do mundo.

D'aqui a pouco verei chegar a joven S... pobre menina!... creio, que tambem é infeliz... supponho, que me ama... e que se resente de minha indifferença...

Se Honorina um dia me dissesse: « Senhor!... como póde maltratar assim uma mulher que lhe ama?... »

Eu acredito que me atreveria a responder-lhe: « E' uma compensação, senhora! E' preciso que uma mulher experimente os tormentos, que outra mulher me faz soffrer! »

E' a sorte do mundo.

IV.

. . . . . .

Esperança!... esperança!... esperança!...

Porque não posso eu ser amado por Honorina?... o que pede ella ao céo?... um amor de poeta e de fogo: pois bem; eu tenho mil volcões no coração, desde que a amo: ame-me ella, e terei uma cabeça de poeta.

. . . . . .

E onde deve despontar o almo sol da esperança, senão no sereno horisonte da joventude? onde com tanto viço, com tão copiosa exhalação de perfumes se estenderá a rosa da esperança, como no jardim fecundo da idade dos amores?

A luz da vida — o facho, com que o homem se guia na longa viagem d'este mundo — a fonte inexgotavel, d'onde o pensamento tira as tintas côr de fogo para pintar formosos arabescos no painel do futuro — a balança encantada, em que o homem se equilibra entre os males que experimenta, e os bens que almeja — eis a esperança!...

Ninguem, ninguem vive sem esperança: porque pois não a terei eu tambem?... oh!... ainda que seja uma illusão... eu a quero!...

A esperança é o alimento do espirito... a alma do coração.

. . . . . .

V.

Tenho sido tão ousado, como feliz! em meus somnos de mancebo jámais sonhei gozar tantas delicias, como m'as tem dado a realidade d'este amor.

Escreverei aqui a historia da minha vida, desde que me fiz cabelleireiro, até que fui velho pescador

. . . . . .

. . . . A minha sempre-viva cahio dentro de sua camara... a seus pés!... sua mão ia talvez lançal-a fóra, quando valeu-me o zephyro da manhã... e portanto esse zephyro será sempre para mim — o sopro de Deos!

. . . . . .

Salvei-a!... salvei-a!... como me encho de orgulho!... como me considero coberto de gloria!... é um homem pobre... desvalido... sem amigos, só no mundo, que se enthusiasma por ter arrancado das garras da morte a obra mais perfeita do Creador!...

Eu receio estar commettendo um sacrilegio... eu tenho medo, de que o céo me castigue... porque ouso pensar, que sou amado!...

Meu Deos! se isso não é verdade, deixai-me ir gozando meus dias embalado por tão doce mentira...

Já agora viver sem essa deliciosa illusão é um impossivel; é o unico sacrificio, que eu não faria a Honorina.

. . . . . .

VI.

O que seria do homem sem o amor da mulher?

Ir até o fim d'essa longa viagem da vida, que se começa chorando, e se acaba com um gemido; contar tantos annos, em que algumas horas de ventura são suffocadas pela corrente immensa d'esses dias de infortunios, fôra certamente impos-

sivel, se não houvessem desejos n'alma, e esperança no coração do homem.

E a mulher é a fonte das mais doces esperanças, e o objecto dos mais ternos desejos.

Deos tinha previsto que a vida com tantas tempestades se tornaria desagradavel, enfadonha ao homem; que o mundo tão semeado de abysmos seria um perigo para a virtude; e assoprou na alma do mesmo homem uma chamma sagrada, que alimenta a virtude; — é a esperança da eternidade: — e plantou-lhe no coração um sentimento generoso e nobre, que sabe prendel-o á vida: — é o amor da mulher.

. . . . . .

E o homem deve ser para a mulher, como o favonio da aurora ou o orvalho na noite são para a flôr; porque tambem ella é para o homem, como a flôr para o prado, a fragrancia para o zephyro, o sorriso para os labios, e a ventura para o coração.

. . . . . .

VII.

. . . . . .

. . . . . .

VIII.

A desgraça veio sobre mim imprevista, inexperada, como o raio; furiosa, terrivel, como o tigre.

Não ha mais esperança para mim.

Estou outra vez, no que era d'antes: estou de novo nas trevas; e minha posição é agora dobradamente cruel; porque a luz já tocou meus olhos...

e por tanto posso avaliar o bem que tenho perdido!...

Ah!... o homem que nasce cego é menos infeliz do que aquelle que cega depois de ter visto: o primeiro não goza nada... mas tambem não conhece o valor d'aquillo que não goza!...

Para que ouvi eu a voz, vi o rosto, e comprehendi a alma d'essa mulher-anjo, que nunca poderá derramar vistas de amor sobre meu rosto?

Pobre de minha illusão!... foi como o sonho da noite, que se esvae ao romper d'aurora!... desfez-se ante a força da realidade semelhante a esses lagos encantados de orvalho, que se veem nas invernosas manhãs de Junho e que pouco depois se derretem sob a influencia dos raios do sol!

. . . . . .

Impossivel!... impossivel!... impossivel!...

Maldito seja o homem, que primeiro inventou essa palavra infernal, que exprime uma blasphemia!...

E todavia eu a estou ouvindo a todo instante dentro do coração!... oh! é horrivel!... vêr o homem perto de si uma mulher bella... amal-a, e suppôr que é tambem amado... não conceber sem ella felicidade n'esta vida, e sentir o homem, o homem que tem direito de procurar ser feliz, sentir, que o destino vai levantando entre ella e elle uma barreira insuperavel!... que a desgraça vai murmurando aos ouvidos d'elle e d'ella nunca!... nunca! impossivel!... impossivel!... oh!... é muito horrivel, meu Deos!

. . . . . .

E o que poderá fazer essa interessante moça, que vê as lagrimas de seu pai, e presente sua mi-

seria?... o que, se não ceder ás inspirações da virtude?...

Por tanto tambem a mesma virtude se oppõe ao amor, que me abraza!... e eu que me achava com forças de disputar a posse de Honorina ao mundo inteiro, devo, e hei de abaixar a cabeça á filha do céo!...

Não ha nada, não; não ha meio nenhum!... em minha propria imaginação eu não encontro um unico remedio!...

Um só... talvez... se eu fosse rico!...

Oh!... tenho-me lembrado de sahir por essas ruas, gritando — quem quer comprar um homem de honra?... — mas ninguem daria por mim tanto, quanto é preciso para salvar o pai de Honorina!... e, com tudo, existe no meu coração um amor generoso e nobre que vale mil vezes mais, do que todos os thesouros do universo...

Meu Deos!... meu Deos!... como ha de ser a minha vida de agora por diante?!

. . . . . .

No primeiro instante turvou-me o espirito a idéa do suicidio... mas logo depois a imagem de Honorina veio apagar o sinistro pensamento: foi ella o anjo de minha guarda que arrojou para longe a tentação do demonio... foi como um vento benigno e saudavel que desfez a nuvem negra prenhe de tempestade e de horrores...

Agora só me ficou o coração cheio de agonia profunda... incuravel... que não ha de acabar, nem diminuir nunca: se eu vivesse ainda cem annos, no dia que completasse um seculo teria ahi a mesma agonia, com a mesma intensidade, profunda... incuravel sempre, como ha cem annos antes.

Mas porque desejar a morte? o mimoso sentimento, que fez a minha ventura de alguns dias, nem soffreu a injuria de um despreso, nem a injustiça de uma ingratidão; cedeu ao imperio de um dever... duro, porém sublime. O sacrificio d'este amor é a demonstração de sua pureza e santidade!...

Minha alma repassada de dores apparece no meio de suas angustias innocente e candida, como o formoso e angelico semblante de uma virgem christã, que morre pela fé, brilha com os raios da divina graça por entre as chammas da fogueira do martyrio...

Ha tambem orgulho na desgraça não merecida; e esse orgulho deve ser capaz de animar-me nos dias de torturas, porque vou passar, como a esperança da eternidade infunde coragem no homem injustamente condemnado, que de cima do patibulo diz o adeos derradeiro ao mundo...

Sim!... devo viver, para que minha alma provada na abnegação e nos tormentos se ostente com seu amor mais que nunca puro, immenso e radioso, semelhante ao perilampo que tanto mais brilha, quanto mais negra e obumbrada é a noite; semelhante ás plantas aromaticas, qne tanto mais rescendem, quanto mais as pizão, e macérão...

Devo viver, porque pobre... desgraçado... miseravel e rude, o unico objecto que eu tenho para offerecer, e votar a Honorina, é a minha vida; e quem sabe, se um dia o triste presente não poderá ser apreciado?... n'este mundo desleal e insano a mulher, que emquanto menina é sempre um anjo que se sorri; e quando chega a senhora é ás vezes uma victima, que chora; tem tantos perigos a cor-

rer, tantas borrascas a assoberbar, que lhe deve ser grato contar com um homem prompto a morrer por ella.

. . . . . .

Possa a dedicação de minha vida ser tão bem aceita por Honorina, como deve têl-o sido pela virtude o sacrificio do mais ardente amor!...

E o lugar, que no meu coração era occupado pela esperança do amor de Honorina, seja hoje consagrado a uma nova esperança... a de morrer por ella.

. . . . . .

Arrastemos os dias pois...

Até que emfim, se no caminho da vida de Honorina estiver aberto um abysmo, e além d'elle lhe seja preciso ir, passe-o ella segura, e salva, por cima do meu cadaver, como sobre a taboa de uma ponte.

Mas se ainda esta derradeira esperança tem de ser tambem a minha ultima illusão; se a vida deve finalmente deixar-me, evaporando-se pouco a pouco no esquecimento de alguma cabana solitaria; então, na hora da extrema agonia, farei com que o arranco doloroso do passamento se transforme em um hymno de saudade votado á mulher, que adorei com tanta paixão.

E como o cysne, que canta assentado na beira do sepulchro, em que vai cahir, eu pisarei no umbral da eternidade, e saudarei o aspecto da morte entoando um canto de amor!

. . . . . .

. . . . . .

FIM.

Quando Honorina terminou a leitura das paginas de amor, apertou-as fortemente contra o coração; e depois, reclinando-se sobre a cadeira de braços em que se achava sentada, fechou os olhos...

Parecia querer assim cerrar as portas de sua alma a todos os objectos, para embeber-se exclusivamente n'uma unica idéa, em um unico sentimento — n'aquelle amor ardente e sublime que lhe votava o Moço Loiro.

Nos longos cilios de suas palpebras cerradas se vião pendendo lagrimas brilhantes... no arfar vehemente de seus seios adevinhava-se uma luta de nobres affectos travada em seu coração...

Tão enlevada ficou no seu meditar, que talvez fosse uma corrente de ternos pensamentos, a que se estava deslisando por diante de seu espirito.

Era já começo da noite: a brisa meigamente brincava com os anneis das madeixas de Honorina, que, vestida com um simples roupão branco, cujo corpinho folgado deixava em perigosa liberdade insinuarem-se as mais encantadoras fórmas, e, sentada perto e defronte de uma janella, por onde vinhão alguns raios da lua clara e luzente derramar-se sobre ella, mostrava-se pallida.... phantastica... e mais que nunca formosa...

Alguns minutos se passárão... depois as lagrimas cahirão dos cilios de Honorina, e não fôrão novas dependurar-se n'elles... serenou a tempestade que agitava o seio da virgem... e ella sempre em silencio... immovel... respirava apenas.

Tinha involuntariamente adormecido.

Alguns momentos mais... e na porta de um corredor, mercê da qual se communicavão as duas

saletas pelo lado do jardim, deixou-se vêr a figura de um mancebo loiro... engraçado, e alegre...

Era elle.

O Moço Loiro foi pé por pé, cuidadoso, e de manso ajoelhar-se junto de Honorina; e ficou breves minutos em encantada contemplação com os olhos embebidos no rosto da virgem, como um peccador aos pés de uma santa...

Depois curvou-se até o chão... beijou com apaixonado gesto a barra do vestido da idolatrada moça, e olhando-a ainda uma vez radioso de ternura e felicidade, retirou-se tão de manso, como viera; e sumio-se pelo corredor...

Quasi ao mesmo tempo Lucia appareceu na porta da entrada da saleta, e despertou a Honorina.

XXXI.

Imposição.

Honorina não pôde dormir um só instante durante toda noite.

O bilhete, e ainda mais o livro d'alma do Moço Loiro, tinhão vindo augmentar os soffrimentos da infeliz joven; porque, além da expressão viva e terna de um amor ardente e nobre, como o que ella pedira n'outro tempo ao céo; amor de poeta e de fogo; ahi apparecia uma idéa melancolica, amarga, arrancada talvez da intima e dolorosa convicção de quem a enunciava: era o profundo sentimento da miseria do pobre.

E essa idéa despotica, terrivel, apoderou-se da imaginação de Honorina, pôl-a em torturas longas horas de uma noite, desenhou-se com mil

fórmas diante de seus olhos, e pesou sobre seu coração de um modo cruel.

Estimulada por seu amor, levada da nobreza de sua alma, escrava de sua imaginação fervente, Honorina córou, acreditou-se muito abaixo de si propria, não achou uma desculpa para suas hesitações do dia que acabára; e, uma vez desassocegada, possuida de convulso tremor, sentou-se no leito, e com os olhos luzentes, ella um pouco febril, e superexcitada, lançou para trás, com as mãos, as soltas madeixas, e sacudindo a cabeça, como se delirasse, exclamou:

— Nada de mascara!... não!... nada de mascara!... sinceridade ao menos. E' preciso confessar que eu sou do vulgo, e captiva do meu seculo!... seria uma vergonha aceitar a defeza, que me offerece aquelle, que eu me ufanava de amar, quando diz que a minha generosidade me sacrifica; quando pensa, que eu sou uma martyr. Não!... nada de illuzões!... o caso é simples: ponhamol-o bem transparente. Eu disse a mim mesma que amava a um homem, e esse homem é pobre: meu pai sente estremecer sua casa, está a ponto de perder tudo, e meu primo, que é rico, se offerece para salvar-nos a preço de minha mão; isto é: temos de um lado um homem pobre, e do outro um rico; temos n'uma das conchas da balança — amor — e na outra — oiro — !... temos ali um mancebo, que me ama, e que me salvou a vida; acolá um outro que não póde amar-me, e que quer comprar a minha mão por alguns contos de réis; e aqui emfim temos uma mulher, que diz que ama, e hesita na escolha; que diz que despresa o oiro e tem pensado em se deixar vender por elle!... Não!... ainda uma vez nada de mas-

cara!... nada de falsas interpretações! o que quer dizer aquelle que escreve a um pai estas palavras — toma esse dinheiro; mas dá-me tua filha — o que quer dizer?... fallemos claro; é exactamente o seguinte — queres vender-me tua filha? eu dou-te tanto.

Copioso suor banhou a fronte de Honorina, que proseguio com dobrado fogo.

— Isso quer dizer, que se negocia com o coração de uma mulher!... que a alma, que ama; a alma, que é dom do céo; a alma, que é espirito; a alma, que é de Deos; póde comprar-se com o oiro dos homens!... oh!... e quando se tem um pai, como eu tenho, que não é tyranno, que é amigo extremoso, que é emfim digno do sagrado nome de pai; quando elle me está dizendo — filha!... respeita a flôr de teu coração! filha não te sacrifiques!... filha não cases, com quem não amas!... filha decide-te com toda liberdade! — pensar eu, um instante só, em sacrificar-me!... O que é a desgraçada, que para não ser pobre liga-se para sempre ao homem que mal conhece, trahindo um outro, que tem dominio sobre seus pensamentos, que é o objecto do mais puro amor?... o que é?... é uma mulher que se vende! não é uma mulher, não: é uma escrava, ou, ainda melhor, a alfaia delicada, que um homem regatea, e compra!...

Honorina estava realmente bella n'esse monologo febril, em que ella deixava fugir-lhe d'entre os labios as proposições atrevidas de seu exagerado raciocinar, como centelhas brilhantes de um vivo fogo, em que internamente estivesse ardendo. Mas arrastada por sua imaginação, continuou ainda:

— E como me desculpo eu?... digo, que hesito;

porque me lembro do quanto soffreráõ meu pai, e minha avó nas garras da pobreza, que os ameaça!... sinto isto no coração; porém, meu Deos, a pobreza, a miseria poderáõ causar maior dôr a meus pais, do que o aspecto da minha desgraça?!... não será enormissima crueldade, que uma moça se faça infeliz por suas mãos casando-se com um homem, a quem não ama, quando sabe que sua desdita, sua vida de martyrio vai ser um tormento incessante, eterno, despedaçador do coração de seu pai?... E, de mais, o que faz a mulher, que abafa suas ternas affeições para sacrificar-se a um noivo, que não poderá amar nunca?... de duas uma: ou é má, e suspira por um véo de viuva; ou é victima, e com o rosto em lagrimas, com o padecimento na face, faz o tormento do marido, que a infelicita, e finalmente o atraiçôa n'alma; porque, mesmo contra a vontade, pensa no seu primeiro amor.

Depois de um instante de silencio, a filha de Hugo de Mendonça, proseguio.

— E eu então que outr'ora bradava—é um horrivel sacrilegio ir um homem ajoelhar-se aos pés do altar, receber a benção do sacerdote, estender a mão para uma triste mulher, com os olhos em seu rosto, e o pensamento no seu dinheiro!...—eu então como devo bradar agora?... oh!... pela ultima vez, nada de mascara!... não!... sinceridade ao menos!... esse ente, que tenho ouvido dizer, que é muito bello, e que começo a experimentar, que é muito desgraçado; a mulher, que esquece o amor pelo oiro, que entrega sua mão a um homem com as vistas em suas riquezas, procede dobradamente peior! sim, porque a mulher vale muito, vale tudo pelo amor; e sem elle perde o seu brilho, todo o

seu merecimento; sim, porque o amor é o perfume, o encanto da mulher; sim, finalmente, porque a mulher, que vai junto aos altares jurar amor eterno a um homem, que não ama; jurar por Deos, o que não póde cumprir, é mil vezes sacrilega!... fecha com suas proprias mãos as portas da salvação!... pois bem, não serei sacrilega!... não serei sacrilega!... e quando meu pai me perguntar — o que decides?... — eu lhe direi bem alto — não!...

Mas no meio do ardor, e da vehemencia de seus pensamentos, mesmo quando acabava de pronunciar a palavra — não! — parece que uma idéa sinistra surgio na alma da virgem; pois que ella soltando um gemido, exclamou com a expressão da mais dolorosa angustia:

— E meu pai!... e meu desgraçado pai!...

E deixou-se cahir no leito, como quem tivesse esgotado todas as suas forças.

. . . . . .

Pelo correr das dez horas do dia o curso de suas reflexões foi interrompido por Lucia, que entrou no quarto.

Honorina ao sentil-a chegar, ergueu-se para atirar-se nos seus braços; mas recuou espantada, vendo alegre sorrir derramado nos labios de Lucia.

Oh!... é mais que impiedade; é talvez um insulto, que aquelle, a quem estimamos venha rir-se no rosto de nossa dôr!...

— Estás bem alegre, mãi Lucia! disse a moça em tom de amarga queixa.

— Eu pensava que a senhora tambem o estaria!

— E' porque eu sou bem venturosa, não é assim, mãi Lucia?!

— Ah! eu vejo pois que me enganei: ouvia a Sra. D. Emma repetir-me o conteúdo da carta que hontem se recebeu do meu querido filho, e vinha alegrar-me com a outra minha filha... é que eu tinha para mim, que a maior felicidade que me podia ainda vir no mundo, era vêr unidos os dous entes, que alimentei com o meu leite...

— Tambem tu, mãi Lucia! exclamou a moça chorando amargamente.

— Mas eu não entendo porque a senhora está chorando assim...

— Ainda bem!... ainda bem que o não entendes!...

— Devo crer, que é por não desejar casar-se com seu primo; pois por elle respondo eu: o senhor Lauro não é capaz de abuzar de sua posição...

— Mãi Lucia!

— Parece-me porém que se a senhora chegar a vêl-o, ha de mudar de opinião... olhe, menina, não se parece nada com o outro...

— Com o outro?... que outro? perguntou estremecendo Honorina, que tinha sempre o pensamento no Moço Loiro.

— O outro que cá veio, ha poucos dias pedil-a em casamento, que foi pela senhora mal aceito, e que apezar d'isso, não sei porque teima em voltar ainda...

— Pois elle tem voltado?...

— Está ahi agora a praticar com o Sr. Hugo de Mendonça, e com a senhora sua avó.

— Mãi Lucia, disse Honorina levantando-se e enxugando os olhos, eu quero ouvil-os.

— Nada é mais facil: a porta, que dá para o gabinete de seu pai está aberta.

— Pois vem comigo.

Um momento depois Honorina e Lucia apertadas contra a porta do gabinete de Hugo de Mendonça ouvião tudo, o que se passava na sala.

Ainda uma vez tratava-se de Honorina.

Estavão ahi tres pessoas: Emma, Hugo de Mendonça, e Octavio.

Octavio não tinha tido a paciencia precisa para esperar pelo dia do vencimento da primeira lettra: com toda a sofreguidão de um homem apaixonado, sob o pretexto de vir anticipar a Hugo de Mendonça aquillo mesmo, de que nenhum negociante honrado se póde esquecer, apresentou-se na casa d'elle.

Travou-se em breve entre os tres uma polemica forte e animada. Octavio mostrou-se sabido do estado dos negocios de Hugo, e imprudente, sem duvida, offereceu-se para salval-o á custa da mão de Honorina, aceitando como dote da moça, a divida de Hugo de Mendonça: em summa Octavio impoz.

Emma, que já tinha defendido as pretenções de Octavio; e que agora temia vêr sua neta casada com o moço, que detestava, sustentou na presença d'aquelle a conveniencia do casamento que lhes vinha propôr; e exasperada pela opposição de seu filho, declarou a Octavio, que contasse com sua approvação.

Hugo de Mendonça emfim, em quem a desgraça parecia haver creado resolução e força, respondeu com dignidade á imposição de Octavio, e ao empenho de sua mãi.

— Senhor, exclamou o negociante olhando para Octavio, não chegou ainda nenhum dos dias, em que se vencem as lettras, que lhe devo pagar, e lhe

pagarei : só então se eu faltar aos meus devéres, lhe será licito vir impôr-me condições.

— Senhora, continuou dirigindo-se a sua mãi, eu me espanto da parte animada que minha mãi toma em favor das pretenções do Sr. Octavio ; mas minha mãi sabe, que primeiro arrastarei a miseria do que consentirei, que minha filha sacrifique seu coração á minha fortuna !

— Senhor ! disse elle ainda uma vez a Octavio : dentro de dous dias eu conto que estarão terminados todos os negocios, que entre nós se achão pendentes ; no entanto espero que se convença, de uma vez para sempre, que eu não considero minha filha uma lettra de cambio, nem uma mercadoria, com que possa negociar ; que eu não vendo minha filha por nenhum preço ; que jámais consentirei em vêl-a sacrificada ao homem, que não póde amar !

Escutando semelhante conclusão, Octavio despedio-se vivamente agitado ; e foi com accento de concentrado despeito, que elle disse sem apertar a mão de Hugo :

— Até depois d'ámanhã !

— Sem duvida, respondeu o negociante vendo-o sahir, até depois d'ámanhã !

Honorina apenas vio a sós seu pai, e sua avó, ia de novo recolher-se á sua camara, quando se suspendeu á voz de Hugo que se dirigia a Emma.

— Minha mãi, disse o filho ; parece, que me não deve ser occulta a razão, porque tanto se mostra empenhada a favor do homem que acaba de sahir d'aqui.

— Ha duas razões, disse a velha com rapidez.

— Posso eu sabel-as ?...

— Sim; eu vejo prestes a cahir a casa, que tanto trabalhámos por levantar: essa quéda trará a vergonha de todos nós: e o casamento que se propõe é um meio de prevenil-a tão facil, como decoroso.

— Mas minha mãi devia lembrar-se que Honorina já disse uma vez que — não — a iguaes proposições d'este mesmo homem.

— Honorina hade dizer que sim, quando pensar que é esse o unico meio de salvar sua familia.

— Mas o pai de Honorina, não hade consentir semelhante sacrificio! eu sei, que se ella ouvir a minha mãi, responderá chorando — sim —; fique porém minha mãi sabendo, que o pai de Honorina dirá por sua vez — não!

A velha fez um movimento de colera, que não escapou aos olhos de Hugo de Mendonça.

— Socegue, minha mãi; bem vê, que se está tratando de minha filha. Vamos á segunda razão.

— A segunda razão, disse Emma com despeito, é que este casamento impediria que se concluisse o outro que projectas: faria com que tu não fosses entregar a unica pessoa que me prende ao mundo, a um homem miseravel e infame!

— Minha mãi, Lauro pedio a mão de Honorina para quando provasse, que essa infamia não tem sido mais que uma calumnia!

A velha soltou uma risada sarcastica.

— E quem já assegurou, continuou Hugo de Mendonça, que minha filha se casará com Lauro?...

Emma olhou espantada para seu filho.

—Por ventura, Honorina já nos disse que sim?...

—E se ella o não disser, que esperança te restará, Hugo?...

— Minha mãi, a mesma que me restava hontem de manhã.

— A deshonra.

— Não: a miseria.

— Sim... tudo sacrificado...

— Tudo; respondeu friamente Hugo de Mendonça.

— E depois darás a tua filha a vida das lagrimas, e das privações; rir-te-has diante de seu pranto; e dirás triumphante: — ao menos não é esposa de Octavio!

Nas palavras de Emma estava derramado todo o fel da mais acerba ironia.

— Não, minha mãi, respondeu o filho; trabalharei noite e dia por minha filha: irei ser um humilde caixeiro, um simples escrevente de cartorio, o que primeiro puder ser emfim; mas trabalharei sempre, e muito... dormirei menos duas horas... vestir-me-hei mal... serei capaz de pedir uma esmola; mas quando trouxer a Honorina o pão comprado com o suor do meu rosto, eu exultarei, minha mãi; porque no meu coração estarei dizendo a mim mesmo — ao menos não sacrifiquei-a!

— Sim! sim! sim! exclamou a velha despeitada; e quando d'aqui a um anno, a dous, ou tres pagares o tributo de tua vida, tu a deixarás no mundo só, miseravel, nua, faminta, com um pé na miseria, e o outro na deshonra; mas do fundo do sepulchro teus ossos estarão dizendo: — ao menos não sacrifiquei-a...

— Minha mãi! é uma impiedade estar assim redobrando meus tormentos!...

— E' que tu estás cavando um abysmo debaixo dos pés de tua filha!

— Eu... nós já lhe demos a educação e os exemplos da virtude...

— Mas ahi está o mundo...

— E sobre o mundo, minha mãi, está Deos...

A velha entendeu, que era tempo de calar-se: e Hugo de Mendonça, que já se achava vestido e prompto para sahir, tomou o chapéo.

— Minha mãi, devo sahir, disse elle; tenho ainda papeis a vêr, passos a dar, e talvez factos a averiguar. Eu lhe peço, que não diga uma unica palavra a Honorina a respeito do que se tem passado: devemos querer, quero, que ella tome uma resolução definitiva, sim; mas quero tambem, que o faça livremente: trata-se da felicidade ou da desgraça de toda sua vida; e já que a seu pai não é dado lêr no futuro, faça-se ella feliz ou desgraçada por suas proprias mãos.

Um instante depois Emma ficou só na sala; e Honoria foi de novo abrigar-se no silencio de seu quarto.

XXXII.

Lucrecia.

A causa que pleiteavão no coração de Honorina a natureza e o amor, continuava indecisa; porque a sentença tinha sempre de ser um martyrio para o juiz. Os litigantes combatião-se mutuamente com as armas da generosidade; e, talvez a proprio despeito, quando querião ceder o campo, ainda mais avançavão.

O pai dizia á filha: — não te sacrifiques!

O amante dizia á amada: — salva a teu pai, e esquece-me!

E se ao morrer de um dia uma carta do Moço Loiro, na qual elle parecia renunciar a esperança de felicidade, era justamente o que mais em seu favor argumentava, e plantava na alma de Hono-

rina novos direitos a essa esperança; na manhã do outro a prática havida entre Hugo e sua mãi; o voto solemne, que fez o extremoso pai de não só não querer, como tambem de não consentir o menor sacrificio do coração de sua filha, apezar da pobreza, e da desgraça, que o esperavão, dava dobrada força, enchia de interesse e de ardor a causa da natureza.

E pois Honorina hesitando sempre, lembrou-se, como tantas vezes, da sua fiel amiga; e acreditando, que seus conselhos lhes erão mais que nunca necessarios, escreveu-lhe depressa estas poucas palavras:

« Rachel: eu preciso de ti ao pé de mim, como « um peccador moribundo precisa ter junto de si « um padre compassivo e sabio: faze por vir vêr- « me quanto antes: dize a teu pai, que eu estou « muito doente, ou dize o que melhor te parecer: « eu quero pedir-te conselhos, contar-te muitas « cousas tristes, e fallar-te a respeito... d'elle. »

Honorina tinha errado; porque não comprehendia, o que tambem se estava passando no coração da sua amiga; se Honorina não tivesse concluido o seu bilhete com as palavras — fallar-te a respeito... d'elle —, abraçaria sem duvida a Rachel muito depressa; porém para ouvir fallar a respeito... d'elle, é duvidoso que Rachel se apresse.

No fim de duas horas Lucia foi entregar a Honorina a resposta, que tinha chegado de Rachel.

A moça abrio o papel e leu tristemente: « Honorina: eu estou doente; é-me impossivel ir vêr-te agora: verei, se o posso fazer á noite. »

— Pobre Rachel! disse Honorina; mãi Lucia, é porque ella está na verdade doente.

— Mas emfim, como promette vir á noite...

— Comtudo, esperar até á noite é muito para quem se vê no meu estado!

— Eu pensei que a primeira carta da Sra. D. Rachel havia-lhe consolado um pouco...

— A primeira carta?...

— Sim; aquella que hontem lhe entreguei na saleta do terrado.

— Ah! sim... é verdade: a primeira carta... pois exactamente por causa d'ella precisava eu ter junto a mim uma amiga, que me aconselhasse...

— Então... eu...

— Mãi Lucia... tu és um pouco suspeita; quando em qualquer questão apparece o nome de meu primo...

— Paciencia, Sra. D. Honorina.

— Oh! paciencia?... de paciencia careço eu, e de muita, porque, com effeito, é terrivel a minha posição!... eu sinto andar-me a cabeça á roda... tenho no coração uma anciedade inexplicavel... eu preciso fallar... dizer o que soffro a alguem que me estime, e que me aconselhe... oh!... como é bom ter uma amiga ao pé de si! n'este momento Rachel!... uma amiga seria a meu lado, como um anjo!

— Mas eu creio que batem palmas na escada...

— Se fosse Rachel!... mãi Lucia, vê quem é...

Uma escrava bateu de manso na porta do quarto de Honorina e annunciou a Sra. D. Lucrecia.

— D. Lucrecia!... exclamou a moça.

— Que a vem visitar, disse Lucia.

— Quando eu pedia ao céo uma amiga!...

— A senhora não quer ir recebel-a?...

— Não, mãi Lucia, Lucrecia não é de ceremonia; faze-a entrar para aqui.

A bella viuva chega a proposito: Braz-mimoso, que viera comprimentar, pouco antes, as senhoras, voltára assustado com o aspecto melancolico de Emma, e para logo fôra dar conta do que observára, á sua interessante protectora.

Lucrecia correu immediatamente ao posto que lhe convinha: as lagrimas de uma rival agradão e muito ao paladar da mulher ciumenta; e de mais, quem sabe se a despeitada viuva não poderá tirar partido da posição de Honorina?...

Lucrecia não hesita, e se apressa a descobrir campo.

Apenas entrada no quarto, ella aperta Honorina em seus braços e exclama:

— Meu Deos!... tu tens chorado, D. Honorina!

— Muito! muito, D. Lucrecia; porque eu sou bem desgraçada!

— Oh! mas tu me devias ter feito chamar para consolar-te... por ventura não te tenho eu pela minha melhor amiga?... aposto que mandaste buscar D. Rachel?...

— E' verdade... mas perdôa.

— Perdôo-te de todo o meu coração, pois que sois amigas da infancia: é tão doce uma amisade dos primeiros annos!... eu tambem amo muito a D. Rachel; porém onde está ella?...

— Não pôde vir... desgraçadamente se acha doente...

— Oh! jámais se está doente para acudir a uma amiga que chora!...

— D. Lucrecia, Rachel não mente!

— Esqueçamos isso, continuou a viuva: não veio ella, mas aqui estou eu: vamos, D. Honorina, que querem dizer essas lagrimas?

Honorina estremeceu; como sempre, appareceu no espirito da moça a desconfiança, que lhe inspirava Lucrecia: havia no coração de Honorina talvez um presentimento, de que aquella mulher lhe seria falsa; mas ao mesmo tempo esse coração estava tão cheio de magoas, esse espirito tão repleto de temores, de duvidas, de amor, e de piedade, que por força tinhão ambos de esvasiar-se no seio de alguem.

Portanto, depois de muito tempo de hesitação e de vivas instancias da viuva, Honorina, abaixando os olhos, disse:

— Antes de tudo, tu me deves perdoar uma falta, D. Lucrecia.

— Uma falta? perguntou a viuva fixando na moça vistas perscrutadoras, e qual é?...

— Eu não te tenho dado toda a minha confiança... até agora te occultei o meu unico segredo.

— Eu o sabia... eu o adevinhava...

— D. Lucrecia.. eu amo... ha muito tempo...

— Sim... bem... e então?

Honorina derramou toda a relação de sua innocente paixão no seio da viuva, como um licor doce e cristalino, que gota a gota se deixa cahir em um vaso impuro.

Lucrecia escutava attentamente a historia d'aquelle amor já tão adiantado, e tão terno, e que ella mal tinha suspeitado na noite do canto á sombra da mangueira, e na seguinte tão tempestuosa e terrivel. Oh! a vaidosa viuva teve inveja d'esse amor de homem mysterioso e devotado, que se metamorphoseava em tantas figuras, que apparecia inopinado em tantos lugares, que velava tantas noites, que assoberbava a mesma morte por uma

mulher; ella sentio que esse homem valia mil vezes mais do que Octavio; e ouvio, com inveja ainda, essas doces e immutaveis palavras de seus singulares escriptos: palavras que semelhavão um mote guerreiro inscripto no escudo de amoroso cavalleiro da prisca idade.

Honorina não esqueceu nada: tudo quanto com ella se passára e se estava passando confiou á falsa amiga: as pretenções de Octavio, a sua resposta, os desejos de sua avó, o proposito de seu pai, as cartas de seu primo, tudo foi revelado.

E quando terminou sua tão longa narração, Honorina respirou mais livremente, e como esperando um conselho, levantou os olhos, e os fitou no rosto de Lucrecia, que, pensativa, tinha os seus esquecidos sobre o tapete, que se achava estendido aos pés do leito da moça.

Em que pensava ella?... já uma vez o dissemos: a mulher não detesta a sua rival pelo amor que póde ter ao seu amado; mas antes pelo amor que lhe vota elle: merecer mais que ella é o crime: e embora não deseje, não faça por merecer, o supposto crime existe, e o castigo se forja.

Tambem já uma vez o dissemos:— vença-mo-la! — é o grito de guerra de uma rival.

Lucrecia não tinha, mesmo ouvindo na confissão de Honorina, o quanto esta despresava Octavio, esquecido seus desejos de vencel-a rebaixando-a... pondo-a, se possivel lhe fosse, ainda abaixo de seus pés diante do homem, que d'ella se esquecêra por Honorina.

Estudando a relação que acabára de ouvir, Lucrecia tinha ante seu espirito tres pretendentes á mão de Honorina: nada d'isto, nenhum d'elles lhe

agradava : a mulher que se casa nunca se rebaixa : o casamento é sempre um triumpho da mulher ; por tanto era preciso afastar a moça de todos elles.

A miseria de Hugo de Mendonça já era alguma cousa ; mas não tudo : Honorina podia ficar nobre e virtuosa mesmo nas garras da miseria : e Lucrecia comprehendia perfeitamente que uma moça bella e sempre virtuosa no meio das privações da pobreza é como uma flôr do céo cahida na terra, como um pensamento de Deos perdido entre os homens... é a verdadeira angelica virtude.

Depois de muito reflectir, o costumado e doce sorriso de seus labios appareceu : dir-se-ia que a viuva tinha achado uma taboa de salvação para Honorina ; e ella havia sómente entrevisto um caminho que a podia levar a profundo abysmo.

— E então, D. Lucrecia !... pensas, que já não ha esperanças de felicidade para mim ?...

— Oh !... não : eu estava pensando em outra cousa : lembrava-me de uma scena, que se passou comigo, quando tratárão de casar-me, e que se parece muito com o que succede comtigo ; queres ouvil-a ?...

— Se o julgas conveniente...

— Quando quizerão casar-me, eu tinha dezeseis annos... era pois da tua idade : não contava como tu pai e avó ; mas em compensação tinha mãi e tio : amava em segredo a um moço, como tu amas : pois bem ; minha mãi e meu tio descobrírão o meu amor, não o approvárão, e para melhor combatel-o, fingírão ignorar sua existencia ; quem sabe, D. Honorina, se te succede o mesmo ?...

— Não... não.

— Tambem eu não digo que sim : mas escuta.

Um dia, veio um senhor pedir-me em casamento... comprehendes, que eu fiz, como fizeste, disse que não: vês como se tem assemelhado nossos destinos?...

— Sim... prosegue.

— Passado algum tempo minha mãi se me apresentou afflicta e chorosa... leu-me a sentença de um tribunal que lhe fazia perder metade, ou quasi todos os seus bens em favor de um primo meu... esse primo amava-me tambem, e exigio ou a minha mão, ou o que lhe pertencia... ora não vês como continuão a parecer-se nossas historias?... ha apenas uma tróca de papeis; porque comtigo é teu primo, que apparece como salvador, e comigo succedeu, que foi o meu primeiro pretendente, quem escreveu a minha mãi offerecendo-se para salvar-nos...

— E depois?...

— Estava o tal meu primo disputando na sala com minha mãi e meu tio, e uma escrava d'isso me avisou: fui escutal-os: meu tio defendia as pretenções de seu sobrinho, e minha mãi jurava, que antes queria vêr-se reduzida á miseria, do que obrigar-me a casar com esse meu primo, a quem eu tambem já havia rejeitado: esta é uma pequena dessemelhança entre nossas historias...

— E finalmente?...

— Lembrou-se o meu primo pretendente... meu tio gritou contra elle, minha mãi fallou a seu favor; mas jurou que nem com esse me obrigaria a casar: depois pintárão a miseria com horriveis côres... minha mãi, D. Honorina, fallou como teu pai... estava chorando; quando eu cahi em seus braços, e para salval-a da pobreza, esqueci meu

amado, e casei-me com o homem, de quem hoje sou viuva.

E por tanto...

— Espera, disse Lucrecia interrompendo a moça; ainda não acabei a minha historia: tres dias depois do meu casamento conheci, que tinha sido victima de uma traição: não havia sentença contra nós; meu primo se tinha conciliado amigavelmente com minha mãi em obsequio a meu marido, de quem era amigo: para servil-o, ajudára a tramar a intriga... fingindo querer casar comigo; e tres dias depois veio a nossa casa beber um cópo de vinho á saude dos noivos.

— E tua mãi, D. Lucrecia?...

— Minha mãi queria tornar impossivel assim o meu casamento com o homem, que amava em segredo.

— Oh! D. Lucrecia, tambem n'isso differem nossas historias, porque meu pai nada suspeita de meu amor, e ainda que tudo soubesse, tal não era capaz de fazer; porque meu pai é meu pai.

— D. Honorina, tambem minha mãi era minha mãi.

— Mas o que tu pareces querer fazer-me pensar é uma injuria que eu não soffrerei que se faça a meu bom pai e a minha avó!...

— Meu Deos! D. Honorina; eu não te quero fazer pensar cousa alguma contra teu bom pai e tua avó: eu não fiz mais do que contar-te a historia do meu casamento.

— Que tanto assemelhaste á minha, D. Lucrecia!

— Isto não partio de mim: é filho do acaso.

— Mas eu te pedia conselhos... e tu me contaste uma historia.

— D'onde podias tirar bons conselhos, D. Honorina.

— Outra vez?...

— Eu não sei dizer ás minhas amigas, se não a verdade, embora cruel: eu vejo que te pretendem fazer victima de uma intriga...

— D. Lucrecia!

— Não comprehendo como se possa ser na praça um rico e feliz commerciante, e em casa um negociante fallido!

— Basta!... eu não devo, eu não quero ouvir o que a senhora diz!...

— Pois bem! eu cumpro meus deveres de amiga: tu, D. Honorina, sacrifica-te! escuta tudo o que te fazem ouvir de detrás de uma porta... entrega-te ao homem que te indicarem... a esse Sr. Octavio, ou ao outro, que de longe te requesta, e te persegue sem te vêr, sem te amar... e no entanto esquece aquelle que tanto te idolatra...

— Oh! basta, pelo amor de Deos!...

— Esquece aquelle que por ti vive e vela sempre... aquelle que te ama com um amor tão novo, tão singular, e tão bello... que por ti expôz sua propria vida...

— D. Lucrecia... compaixão para mim!...

— Não! não! compaixão para elle!... para elle, pobre moço, que tudo devia confiar de tua constancia, e que em breve terá de marcar o teu nome, como ainda um novo exemplo da volubilidade do nosso sexo!...

— Mas quando eu digo que o amo, que o adoro!

— E que amor é esse, D. Honorina, que não é capaz de nenhum extremo, de nenhum sacrificio pelo objecto amado?... que chamma é essa que cede a tão fraco sopro?...

— Que cede a tão fraco sopro?... D. Lucrecia, sabes o que é ser, ou fostes o anjo querido do teu pai?...

— Nossos pais!... nós lhe devemos tudo certamente; mas talvez que, cégos por seu amor, temerosos por nosso futuro, todos elles nos julgão muito imbecis para escolhermos um esposo; e quasi sempre suppõe indigno de nós, o objecto de nosso amor; queres exemplos?... ahi tens a vida, o destino da totalidade das mulheres; aqui me tens a mim; e finalmente ahi te tens a ti.

Honorina vio o rosto de Lucrecia animado e cheio de fogo; e, ingenua que era, não comprehendeu que ha tambem enthusiasmo no crime.

E Lucrecia, habil e astuta, soubera ferir a corda sensivel do coração da moça, que atraiçoava: tocando no seu amor, mostrando-se inflammada e viva na defeza do Moço Loiro, tinha roubado a attenção, e prendido o espirito de Honorina: com a eloquencia e finura que lhe havião dado o trato e a vida cortezã, foi levando a innocente moça passo a passo, até o ponto onde queria dar-lhe o ultimo golpe: encheu até as bordas um copo de horrivel veneno, que lhe deveria deixar para beber: só quando tinha esgotado os mais capciosos argumentos, os mais detestaveis e perigosos sophismas, foi que, fingindo-se fatigada, calou-se, e respirou arquejando.

— Mas em conclusão, perguntou Honorina, que devo eu fazer?... o que me aconselhas?...

— E para que um conselho, se não estás disposta a seguil-o?... se ainda ha pouco me mandaste calar?...

— Perdôa; porém eu não podia ouvir fallar contra meu pai.

— Pois então obedece-lhe em tudo.

— Oh!... mas isso é uma impiedade!... quando eu te peço um auxilio de amisade.

— Pois bem... eu acho um meio.

— Dize-o.

— Ouve: das duas uma: ou tu és victima de infernal trama, ou não: ha um recurso, mercê do qual podes escapar á intriga, e não perder a estima publica.

— E qual?...

— O seio de Deos.

— Eu não comprehendo...

— Julga-se sempre mal de uma mulher que foge de seu pai para entregar-se aos cuidados de outro homem; mas ninguem póde maldizer a que se arranca da casa de seus pais para abrigar-se á sombra dos altares do Salvador do mundo.

— E então... eu tremo!...

— Cumpre fugir e entrar em um convento.

— Fugir de meu pai?...

— Deos está acima dos pais...

— Fugir de meu pai?!...

— Sim; mas para entrar logo em um convento.

— O que tu me aconselhas, D. Lucrecia, se assemelha muito a um crime!...

— Crime, buscar a casa do Senhor?!! D. Honorina, tu desarrasôas. Ouve-me: sahindo da casa de teu pai, tu lhe deixas uma carta, em que lhe declaras a resolução que tomaste, e o lugar,

onde foste procurar um abrigo: ahi, se foi uma cillada, que contra ti forjárão, e teu pai te ama, esperas o seu perdão, e sahes depois nobre, candida e pura, como entraste, para ser esposa do teu interessante e mysterioso amado; e se é uma realidade, o que se passa aqui, tu ficas no convento, e nem te sacrificas, nem te tornas pesada a teu pai.

— Não, D. Lucrecia, fugir de meu pai, não! não!...

—Oh! pensa bem no que vás fazer, minha querida amiga; lembra-te que, com a inconstancia d'este mundo, podem em pouco tempo estar mudadas todas as scenas que hoje tão tristes se apresentão: é possivel, é mesmo provavel que o Sr. Hugo de Mendonça se rehabilite no commercio; não seria nenhum milagre vêrmos esse Moço Loiro apparecer inopinadamente rico, feliz e alegre; a fortuna é assim, inexperada, imprevista sempre!... vê pois, o que te cumpre, D. Honorina: pensa que para esperar a fortuna se faz preciso fugir d'esta casa: aqui ha perigo... aqui tu não terás força para resistir ás lagrimas de teu pai!

O veneno ia pouco a pouco escoando-se pelos ouvidos de Honorina: a pobre moça escondeu o rosto entre as mãos, e derramando torrentes de lagrimas, exclamou por entre soluços:

— Não! D. Lucrecia; fugir de meu pai, não!... não!...

— Pois bem, faze o que te convier, D. Honorina; sacrifica-te... com teu sacrificio immola... mata esse pobre moço, que te salvou; porque é preciso dizer, que um homem que ama como elle, não sobrevive á morte de seu amor!

— Oh!... D. Lucrecia...

— No entretanto eu cumprirei o dever de amiga : se te resolveres a seguir os meus conselhos, escreve-me esta simples palavra — sim ! — eu farei o resto : ás dez horas da noite em ponto esperar-te-hei em uma carruagem a vinte passos do portão d'esta casa, e do lado da minha ; conduzir-te-hei ao convento, para cuja entrada darei com o maior segredo todos os passos esta tarde : se me não responderes até ás duas horas, voltarei a vêr-te : Adeos !... pensa e resolve-te !

Lucrecia levantou-se e despedio-se de Honorina que, ao vêl-a sahir do quarto, exclamou ainda :

— Não !... D. Lucrecia, fugir de meu pai, não ! não !...

A's duas horas da tarde uma escrava de Lucrecia entregou-lhe o pequeno bilhete, que fôra trazido por um pagem, que logo se retirára sem cuidado de resposta.

A viuva abrio com impaciencia o bilhete, e sem poder occultar infernal prazer, que lhe transluzia no semblante, murmurou arrastando-se por cada uma syllaba das frazes :

— Vingo-me !... venci !...

No bilhete estava escripta uma unica palavra :

— Sim.

XXXIII.

Felix.

Em quanto afflicta, e gemebunda a innocencia lá se achava exposta aos laços da perfidia, e chorava sobre seu amor e sua piedade; o crime não espremia essas lagrimas impunemente.

E' falso! não ha impunidade para o crime: Deos, sabio e providente, prevenio a ignorancia e a fraqueza dos homens: quando estes não condemnão, ahi está a consciencia do criminoso que o tortura. A consciencia é a voz de Deos, que brada dentro do homem: o écho de seus brados vai soar na eternidade.

O malvado, que se avesou ao crime, que o perpetra como por habito, não passa ainda assim impune: isso, que vós chamais habito, é já o deses-

pero da salvação ; é a prévia condemnação eterna, que o punge, que o dilacera tanto, que o faz desafiar a cada instante a cólera do Juiz Supremo, desejoso de ir soffrer a pena terrivel, não podendo mais esperar por ella : porque se esperar o bem é um prazer que se frue de longe ; esperar o inferno, é já estar no inferno : a consciencia nunca se calleja : no sceleratо, o que ás vezes se apaga, é a esperança de salvação : a nimia malvadeza é como uma loucura, pela qual o homem chega a julgar mais elevada a enormidade de seus crimes, do que a misericordia de Deos.

E aquelle, cuja alma se resente ainda de sua origem celeste ; aquelle que commetteu pela vez primeira um delicto, recúa, córa diante de sua consciencia, como o mancebo enamorado aos olhos de sua bella, por quem foi convencido de um momento de infidelidade. E' cruel estar o homem convicto, de que praticou uma acção torpe : desde o instante da convicção, nunca elle está só, nem no solitario leito ; ahi mesmo, e em toda parte tem diante de seus olhos, dentro de seu craneo, e sobre seu coração... a consciencia do crime.

Esta pena terrivel e sublime, que é conhecida do menino e do velho, a estava soffrendo Felix : elle tinha sido condemnado diante do tribunal infallivel : seu processo, seu juiz, seu castigo, e o executor d'esse castigo, era sómente a voz de Deos, que fallava dentro d'elle. Não havia ahi dizer — sou innocente ! — a convicção estava com elle : a convicção era a pena.

Felix havia pois commettido um crime, que ainda não está para nós bem patente ; mas que o

estava para Octavio, que d'elle se servio afim de leval-o á perpetração de outro.

O guarda-livros se tranzia por tanto com a consciencia de que era um falsario, um infame, um ladrão! — E não é tudo ainda: o homem, a quem elle tinha deixado roubar, era um de seus bemfeitores: por consequencia havia um outro crime: a ingratidão.

E os resultados?... se Octavio levar a effeito seu indigno plano, quem sacrifica o coração da pobre moça?... quem reduz á miseria e é a causa dos horrores, que ella fará soffrer a Hugo de Mendonça?...

Semelhantes idéas, pungidoras certamente, tinhão torturado a Felix durante duas noites: o segundo dia correra tão cruel para elle como o primeiro, e ao chegar o fim d'essa tarde, em que Lucrecia recebera o sim, porque suspirava, o guarda-livros de Hugo de Mendonça despedio-se dos caixeiros, e contra antigo costume, subio antes da noite para seu quarto.

Apenas entrado fechou-se por dentro; e estirou-se sobre o leito, onde passou meia hora arquejando anciado: depois elle ergueu-se de repente, correu á sua carteira, tirou d'ella a carta que Octavio ha tres dias lhe lançára por baixo da porta, e apertando-a na mão, exclamou como em delirio:

— E' a minha salva-guarda!... somos dous infames que nos daremos o braço mutuamente!... o mundo cuspirá no rosto de ambos; não o fará sómente no meu!...

N'esse momento batêrão na porta do quarto: Felix guardou rapidamente a carta no seio, e com voz alterada perguntou:

— Quem está ahi?...

E conheceu a voz de um servente, que lhe respondeu:

— Um homem já velho e doente quer fallar-lhe: diz que tem importante negocio a tratar, e recommenda que deve fazêl-o n'este mesmo quarto, em segredo.

Felix estremeceu todo inteiro.

E que homem é esse?...

— Ninguem o conhece lá embaixo.

— D'onde, e de quem vem?...

— Não o disse.

— Como se chama?...

— Respondeu que não tem nome.

— Pois que se vá embora: não quero vêl-o.

— Já o despedimos dez vezes.

— E então?...

— Diz que quer fallar-lhe por força, e em segredo; porque vossa mercê não desejará que elle falle muito alto.

— Póde fazêl-o entrar.

E pallido e temeroso ficou o guarda-livros com a cabeça fóra da porta, e o ouvido attento: ao ruido das pisadas do servente, que se retirava, succedeu o ruido das do homem que vinha. Felix o vio approximar-se vagarosamente de seu quarto, e entrar sem dizer palavra.

Era um homem de estatura ordinaria; magro, de cabellos que começavão a embranquecer, e que por longos cobrião-lhe as orelhas, e uma parte da fronte e das faces: trazia dous parches, um sobre o olho esquerdo, e outro que lhe escondia completamente o nariz: vinha com calças e collete de panno preto já usado, e vestia uma longa sobre-

casaca verde-escura, que lhe tocava a curva das pernas: tendo entrado no quarto, tomou uma cadeira, e sentou-se defronte de Felix com a maior sem-ceremonia do mundo.

— O senhor queria fallar-me... disse Felix.

— Sim... respondeu com voz aspera o homem.

Felix o encarou, e vio fito, pregado em seu rosto o olho direito do desconhecido: e sentio que esse olhar era penetrante como um dardo, ardente como o raio, terrivel como o tigre.

O guarda-livros teve de abaixar a cabeça, e só então pôde dizer, um pouco agitado:

— Pois eu estou prompto para ouvil-o.

— Convém antes, disse o homem, que aquella porta seja fechada...

E como para poupar a Felix uma resposta ou algumas passadas, elle mesmo ergueu-se e fechou a porta do quarto.

— Bem, disse Felix, que involuntariamente tremia, e agora?...

— Agora, tornou o homem; escute-me.

— Escute-me?... o senhor falla, e pratica de um modo, que...

A personagem desconhecida interrompeu o moço, e começou a fallar em voz baixa, mas terrivel.

— Eu sei uma historia, Sr. Felix, que vossa mercê vai ouvir, e ha de córar ouvindo-a; provavelmente, porque o seu melindre e a sua virtude se envergonharão do infame papel que representou o heróe d'ella.

— Mas eu penso que o senhor me não veio incommodar para contar-me historias...

— Ouça sempre. Em certa cidade... (não importa onde) havia um negociante honesto e hon-

rado, cujos negocios não estavão no melhor pé possivel: obrigado por fataes circumstancias a retirar-se por mezes para o campo, deixou elle administrando sua casa um mancebo, que era o seu guarda-livros...

— Se o senhor quer fallar de mim...

— Quando o negociante voltou, appareceu a seu lado uma filha sua, joven, e bella, que até então estivera occulta pelo véo dos cuidados de sua familia, como uma violeta entre suas folhas; essa moça foi amada por grande numero de mancebos, e no numero d'esses houve um, a quem eu darei o nome de Octavio, que a pedio em casamento, e foi repellido por ella.

— Mas... senhor...

— Sem generosidade e sem nobreza Octavio quiz tentar obtêl-a á força: para isso achou um meio: o moço, que servira de administrador da casa do negociante tinha um segredo fatal, que o podia perder, e que era por elle sabido: Octavio abusou d'esse segredo, e foi vendêl-o ao antigo administrador a preço de mais de quarenta contos de réis em lettras passadas contra a casa do negociante. O antigo administrador cedeu!... vendeu seu patrão.

— E' falso! balbuciou Felix, cahindo aterrado sobre o leito: é falso! é falso!...

— Em uma noite os dous trocárão infamia por infamia, as lettras pelo segredo. Octavio deixou o joven guarda-livros, o antigo administrador, e com tres importantes lettras na mão foi impôr ao negociante, ou o seu casamento com a bella moça, ou a miseria d'ella, e quéda da casa.

— Oh!...

— E o guarda-livros ficou só... e na mão com que tinha dado as falsas lettras estava uma pequena caixa de velludo preto.

— Senhor !. . senhor !...

— D'ahi a pouco abrio uma carteira, como esta, que eu vejo ali, Sr. Felix, e dentro d'ella... no fundo de um escaninho de segredo escondeu essa caixa de velludo negro, que devia tambem estar escondendo a prova de um crime ainda mais negro !...

E o desconhecido avançou para a mesa, onde estava a carteira de Felix ; mas para logo teve de parar diante do moço, que possuido de um violento tremor, pallido como um finado, lançando bolhas de espuma pelas commissuras dos labios, collocou-se entre aquelle e a sua carteira, e com voz sepulchral balbuciou :

— Nem mais um passo.. ou grito... que me querem roubar... que...

— Não ha de gritar, Sr. Felix ; não ha de mesmo abrir a boca ; ou fal-o-ha sómente para implorar-me piedade ; nem se moverá d'ahi, ou se der um passo, será para cahir de joelhos a meus pés !...

— Senhor... senhor !...

— Porque se quizer chamar alguem, eu bradarei bem alto — dentro d'aquella carteira existe a prova de um crime, uma caixa de velludo preto ! — e então o senhor pedirá que me cale... que não diga nada...

— Silencio !... silencio !... balbuciou o guarda-livros.

— Porque se ainda quizer dar um só passo, eu continuarei gritando — e dentro d'essa caixa forrada de velludo preto está uma cruz cravada de

brilhantes!... — e então o senhor hade cahir de joelhos a meus pés implorando piedade ..

Felix cahio com effeito de joelhos, e abraçando-se com as pernas do desconhecido, exclamou:

— Compaixão... piedade!... não me perca pelo amor de Deos!...

O desconhecido, desprendendo-se das mãos de Felix, foi de novo sentar-se na cadeira, que pouco antes occupára; e encarando o misero guarda-livros, disse com um sorrir desdenhoso e terrivel:

— Compaixão!... piedade!... não perdêl-o pelo amor de Deos!... oh!... como é miseravel e cobarde o crime.

— Perdão! perdão!... murmurou Felix.

— E posso eu perdoar-lhe?... não! não!... é esse um direito que deve ser exercido por muita gente, já que muitos são os offendidos: ouça-me! sabe quem eu sou!...

— Não... ou é o meu juiz...

— Eu sou um homem, que deve tudo ao Sr. Lauro de Mendonça; que conhecendo a desgraça do meu bemfeitor, jurei demonstrar sua innocencia, e demonstral-a-hei! sou o braço do offendido... eu sou a vingança!...

A voz d'este velho desconhecido era como o trovão, e seu olhar cruelmente embebido no rosto de Felix, era como uma lingoa de fogo, que lhe ia até o coração; elle disse:

— Ha sete annos, uma cruz cravada de brilhantes desappareceu da casa de Hugo de Mendonça: Lauro não tinha, nem podia ter parte em semelhante acontecimento; o senhor o sabia; e o senhor o denunciou como perpetrador do furto d'essa

cruz: primeiro crime — a calumnia. Só uma pessoa póde perdoar-lh'o; é Lauro de Mendonça.

Felix quiz fallar; porém o desconhecido o não deixou fazer, e proseguio.

— Mas essa cruz cravada de brilhantes, que pertencia á filha de Hugo de Mendonça, havia com effeito desapparecido; e o senhor foi o miseravel, que a furtou: segundo crime — o furto. Uma outra pessoa ha, que só lh'o póde perdoar: é Honorina.

Felix fez de novo um movimento; e ainda o desconhecido o suspendeu, continuando:

— E a maldição, que sobre Lauro lançárão seus avós e pai?... e os soffrimentos d'esse mancebo?... e a morte de sua extremosa mãi?... quem, Sr. Felix, quem lhe ha de perdoar tudo isso?... só elle, que foi o offendido, só elle, que herdou a bondade do coração angelico de sua mãi; só Lauro.

O guarda-livros desabafou um surdo suspiro: e o velho disse ainda:

— Agora, Sr. Felix, o que é essa infernal trama, cujo resultado terá de ser a miseria de uma familia inteira?... como se chama tão nefando crime?... basta-lhe, diz tudo o nome de — ingratidão?... — na palavra — ingratidão — poderá ser abrangida a falsidade, a traição, a infamia de um homem, que com sua mão fere de morte o chefe de uma familia, a quem deve tudo?... de um guarda-livros, que vende com tamanha vileza o seu patrão?... E por qual chão tão escabroso arrastará o senhor o rosto para ir implorar perdão a todos esses, que tem o nome de Mendonça?..

Felix estava soffrendo todos os tormentos do inferno.

— Oh!... exclamou o desconhecido; não era

possivel que, por mais tempo, continuasse a calumnia a manchar a virtude: é preciso convir de uma vez para sempre, que não ha véo sufficientemente denso para esconder o crime. Deos castiga a maldade no proprio coração do máo com as torturas do remorso; mas não basta isso: Deos quer ainda que a innocencia depois de perseguida, e insultada pela aleivosia, appareça emfim bella e pura, como os raios do sol, passada a hora de um eclipse, brilhão de novo luminosos e ardentes!... por tanto, para o senhor, houve desde sete annos, uma pena justa e terrivel, que lhe azedou talvez todos os seus dias, que o acompanhou nos seus prazeres, que fez o martyrio de suas noites; havia o remorso!...

— Sim! sim!... disse Felix erguendo-se pallido e desfigurado; sim! eu tenho padecido horrivelmente!...

— E para Lauro abrio a fortuna os braços; e em quanto socegado dormia o somno da innocencia, ella derramava sobre elle as riquezas e a felicidade. Era porém necessario ainda mais: era necessario que o filho repellido entrasse de novo na casa de seus pais puro e nobre, com a face descoberta, e dizendo — eis aqui a demonstração de minha innocencia!... eu fui calumniado! — pois bem! esta demonstração, que hoje póde apresentar, deve-o tambem á sua virtude.

Felix em pé defronte do velho, se conservava immovel, estatico como um epileptico, com os olhos fitos no rosto d'esse homem terrivel, que com sua voz aspera e grave continuou dizendo:

— Lauro de Mendonça, Sr. Felix, sentindo-se protegido pela fortuna n'essa bella e generosa ci-

dade da Bahia, creou para si uma familia, de quem se fez protector; uma familia, cada membro da qual era um pobre, de quem elle se tornava pai, um misero enfermo, a quem elle amparava e soccorria. Entre muitos havia uma mulher, que a sorte tinha arrojado das riquezas na miseria: essa mulher, que era minhã parenta... minha mãi... minha irmã... não importa o que; essa mulher, digo eu, morava a tres legoas da cidade, a algumas braças de distancia do mar, e perto da povoação de Itapoã: ella estava lazara... um unico homem tinha verdadeira piedade de seus soffrimentos, ia mil vezes consolal-a... soccorrel-a... sem cuspir junto d'ella: era Lauro. E a lazara foi escolhida pela Providencia para rasgar o véo do crime!...

O desconhecido respirou um instante, depois proseguio:

— Ha pouco menos de um anno, acabára um dia; alta ia uma noite de medonha tempestade: a morphetica estava só: um filho que tinha, havia ido na manhã d'esse dia á cidade, e não podéra voltar com tão tormentoso tempo: á meia noite batem á porta, e pouco depois, um mancebo todo molhado e ferido, cahe exhausto de forças nos braços da morphetica. Uma embarcação carregada de algumas centenas de miseros Africanos sossobrára n'esse dia; e o dono d'ella, esse mancebo, elle só, luctára vinte horas dentro de um pequenino batel contra a furia dos ventos e do mar: finalmente, conseguindo chegar á praia de Itapoã, podéra ir bater na porta da lazara, e cahira nos braços d'ella, pedindo misericordia.

Passada uma hora, o naufrago sentio-se abraza-

do por terrivel febre... houve um momento em que teve medo de morrer... pedio um padre, e não achou quem o fosse chamar; e então elle, joven, bello, rico, cahio de joelhos aos pés de uma mulher morphetica, e arrasou um segredo infame!...

— E quem era esse mancebo?... perguntou Felix tremendo.

— Esse mancebo disse á lazara: « Senhora! eu tenho parte n'um crime, e quero salvar meu nome da deshonra: sinto que vou morrer... eu deixei entre meus papeis uma carta que explica meu procedimento a respeito do que vou dizer: mas é possivel que a carta desappareça; e por tanto, ouça-me: Senhora; da casa de um negociante do Rio de Janeiro, de nome Hugo de Mendonça, furtou-se, ha seis annos, uma cruz cravada de preciosos brilhantes; imputou-se tal crime a um moço chamado Lauro... não foi elle: essa cruz existe em meu poder; mas o ladrão, tambem não fui eu, não! não!... o ladrão chama-se Felix, é o guarda-livros do mesmo negociante: escreva, senhora, o que eu estou dizendo, e em todo caso salve o meu nome da deshonra... »

— Traidor!... traidor!... balbuciou Felix.

— No outro dia, Sr. Felix, Octavio achou-se inexperadamente melhor; e apenas pôde levantar-se, partio para a cidade, rogando com fervor á lazara, que não divulgasse o segredo que lhe confiára; mas esta, que ouvira espantada o nome de seu bemfeitor envolvido n'aquella estranha confissão, guardou para todos o segredo, menos para elle. Foi a Providencia, exclamou o velho, sim! foi a Providencia, que patenteou o crime, e o criminoso!...

— Basta! disse Felix.

— Lauro, proseguio o desconhecido, determinou para logo demonstrar sua innocencia: não podendo porém deixar a cidade da Bahia tão cedo, pôz a sua causa nas mãos de um parente da lazara; nas mãos de um homem fiel e resoluto, nas minhas mãos, emfim!... Vim eu, Sr. Felix, e meus olhos o tem seguido em toda a parte, ha dous mezes; agora, graças ao céo, a prova de seu crime vai apparecer; e Lauro de Mendonça, que cedo chegará, hade entrar na casa de seus pais nobre e puro, como sempre foi, e com a cabeça levantada acima das de seus inimigos, e esmagando com seus pés a serpente da calumnia!...

Frio glacial se havia apoderado de Felix: a noticia da proxima chegada de Lauro o enchia de terror indisivel.

— E portanto, vamos, Sr. Felix!... é preciso que a cruz de brilhantes appareça, e que o senhor se prepare a seguir-me com ella...

— Eu?... e para onde? perguntou automaticamente Felix.

— A' casa de Hugo de Mendonça, para confessar o seu crime, e pedir o perdão d'elle.

— Oh!... nunca... morrer antes!

— Prefere então que o publique eu mesmo?... que eu vá d'aqui proclamar pelas ruas a sua vergonha?... perguntou o velho com voz terrivel.

Uma chamma infernal luzio nos olhos do guarda-livros: em seus labios estremeceu um sorrir nervoso... satanico... feroz... sua mão tremula abrio a carteira, em que devia estar guardada a pequena caixa forrada de velludo preto; mas em vez d'ella, brilhou na mão de Felix um punhal...

— Miseravel!... exclamou o desconhecido re-

cuando dous passos, e engatilhando uma pistola, que tirou do bolso da sobrecasaca; miseravel!... eu preveni tudo!...

Felix, que no primeiro instante tinha ousado avançar, sentio escapar-lhe o punhal da convulsa mão; e elle mesmo cahio outra vez de joelhos aos pés do velho, balbuciando:

— Perdão!... não me mate!... não me mate pelo amor de Deos!...

Com insolente movimento de despreso, o desconhecido empurrou com a ponta do pé o punhal para baixo da commoda, e disse:

— Desgraçado!... eu preciso da tua vida: quero que a innocencia do meu amigo seja proclamada pela boca do proprio calumniador: vamos pois!... a cruz de brilhantes!...

Felix olhava espantado para o velho. No rosto do guarda-livros estava derramada uma expressão de estupidez do idiotismo: como que não comprehendia, o que se exigia d'elle. A fraqueza, a cobardia do infeliz moço não erão só devidas á consciencia de seu crime; havia tambem um poder desconhecido, uma força inexplicavel no olhar ardente e penetrante d'aquelle homem singular.

O estado, em que se achava, era tão horrivel, sua fisionomia se mostrava tão dolorosamente decomposta, que o mesmo velho teve piedade d'elle, e disse com accento menos duro:

— Vamos, Sr. Felix, a minha missão é de paz e de piedade; desfeita a calumnia, que nodôa o meu amigo, deixarei o resto ao seu arrependimento: confio, que não consentirá que caião na miseria os seus bemfeitores... e tambem nada tenho com Hugo de Mendonça... vamos pois!... a cruz de

brilhantes, e saiamos; eu lhe obterei o perdão de Lauro, e lhe asseguro o de Honorina, e o do pai, e da avó d'esta.

— Perdão para mim?... perguntou o moço com uma alegria desregrada e delirante.

— E ainda mais; o esquecimento d'esse crime.

— O esquecimento...

— Sim: e tudo á custa de duas unicas palavras.

— E quaes são?... quaes são, senhor, essas duas palavras?...

O desconhecido ia sem duvida responder, quando sentio, que batião na porta do quarto: então, com extraordinaria promptidão, com vivacidade propria do mais agil mancebo, elle abrio o guarda-roupa de Felix, e agachando-se dentro, disse antes de contra si fechar as portas d'elle:

— Póde receber a sua intempestiva visita; mas olhe, que se tentar atraiçoar-me... eu não terei mais piedade de seus tormentos.

O guarda-livros movendo-se, como uma machina, foi abrir a porta, e achou-se cara a cara com um mocetão muito nosso conhecido, e que era, sem mais nem menos, o incomparavel Manduca.

XXXIV.

Manduca.

O desconhecido ao sentir que batião na porta, pensando talvez que era Hugo de Mendonça ou alguma outra personagem para elle incommoda, quem vinha a taes horas procurar Felix, espremeu-se dentro do guarda-roupa d'este, e ahi se escondeu, bem semelhante ao D. Carlos do Hernani de Victor Hugo, occulto no armario da casa de D. Sol; mas vendo qual era a inesperada visita, e lendo-lhe no physico a recommendação de seu juizo; mais por curiosidade, do que por conveniencia, deixou-se estar no guarda-roupa, apezar da penosa posição, em que era obrigado a conservar-se.

Agora duas palavras sobre o recem-chegado.

A visita de Manduca era nada menos do que o

fructo de longas lucubrações: todos nós sabemos que este homem pertencia á classe dos ultra-pensadores.

Manduca, por ser dos taes que gastão mezes inteiros em requestar uma moça sem que ella de tal se aperceba, nem por isso achava bom e justo que lhe fizessem por casa, o que elle praticava por fóra; e pois, ouvindo de sua irmã, no dia da disputa conjugal, que tão mal acabou para elle, pensamentos que demonstrárão o adiantamento das relações de Rosa com seu primo; e demais, um pouco tocado da idéa da possibilidade de uma paixão de Felix por Honorina, fez para logo voto de pensar n'isso com madureza.

Desgraçadamente teve tempo de sobra; porque, ficando derreado por amor de seu pai, não se pôde levantar da cama, se não depois de alguns dias. Thomazia poz em campo a medicina a favor de seu filho; e, pelo sim, pelo não, vinha de manhã um medico allopatha, que o sangrava geral e parcialmente, e de tarde um homœopatha, que lhe embotia no estomago uma nihilidade de qualquer cousa: depois de longos oito dias, as dores forão emfim diminuindo, e Manduca sentio-se capaz de dar alguns passos sem gemer.

Mas ao menos n'esses oito dias Manduca pensou, tornou a pensar, e finalmente concluio, que o melhor partido a seguir era procurar a Felix, e pedir-lhe miuda conta das pretenções que nutria sobre sua irmã.

Assentado de pedra e cal n'este proposito, no primeiro dia em que conseguio levantar-se, dispoz-se a esperar pelas horas de descanso de Felix, e apenas vio anoitecer, foi procural-o. Como era co-

nhecido, os caixeiros da casa de Hugo deixárão-o entrar, e elle, um instante depois, bateu na porta do quarto de Felix.

Quando a porta se abrio, e Manduca entrou, os dous primos recuárão boqui-abertos, e ficárão espantados um do outro.

Havião seis dias que Felix não via Manduca; ora, a enfermidade e a medicina tinhão-se dado as mãos para pôr o pobre rapaz com um physico de espantar creanças.

Pallido, descarnado, com os olhos encovados e sombreados por duas notaveis olheiras roxas, com o grande nariz, que de seu pai tinha herdado, tão afilado como luzente, com enormes mãos cahidas esquecidamente das mangas da casaca, com as pernas muito finas, em uma palavra com todo o corpo dançando largamente dentro da roupa que vestia, Manduca semelhava uma mumia.

Felix, no estado de exacerbação em que se achava, pouco sentio faltar-lhe para crer-se na presença de uma alma do outro mundo; mas, em compensação, Manduca teve tambem de que espantar-se.

Felix, estava ainda mais pallido que seu primo: seus olhos possuidos de indisivel expressão de terror vagavão incertos e espantados em derredor d'elle; convulsivo tremor quasi que o não deixava soster-se em pé, e, querendo encobrir sua perturbação, o moço espalhava á força em seus labios um sorrir insipido, e mal fingido, que estremecia terrivelmente obedecendo á convulsão dos musculos labiaes.

Depois de um momento de admiração silenciosa, Manduca rompeu o silencio:

— O que é isto?... o que tens, primo?...

— Nada, balbuciou Felix, absolutamente nada... eu soffri... um ataque nervoso... minhas loucuras... tinha passado uma noite em claro... em orgia... depois... um dia inteiro a trabalhar...

— Então, porque não vem o medico?...

— Não!... nada de medicos: tudo está acabado: estou bom; perfeitamente bom...

— Sim... mas...

— Mas é que tambem estás muito abatido, primo, soffrestes muito então?...

— Apenas hoje pude levantar-me.

— E vieste logo vêr-me; obrigado... nós nos estimámos sempre muito...

— Porém a minha visita de hoje não era puramente de amisade; eu vinha fallar-te sobre objecto muito grave.

— Muito grave?... perguntou Felix estremecendo tão violentamente, que se agarrou á cadeira, onde se sentára; muito grave?... e para quem?...

— Para ti, e para...

— Para mim!!!

— Todavia, acho-te em estado tão cruel, que julgo melhor deixar para ámanhã...

Felix pensou um instante; em sua vida só havia um crime; esse crime era absolutamente conhecido do homem que occulto os estava ouvindo: por tanto, não teve receio de que Manduca fallasse; o que o podia envergonhar já não era mysterio para aquelle; de nada mais se accusava Felix: além d'isso, se era de seu crime, que vinha seu primo occupal-o, fazia-se preciso conhecer, quanto os outros sabião d'esse segredo fatal, para mais acertadamente prevenir as consequencias.

— Meu primo, disse pois Felix, convém não

demorar, o que é importante; eu estou prompto para ouvir-te.

— E se, o que eu vou dizer, te fizesse mal!...

— Não; nada mais soffro: falla.

— Pois como insistes, lá vai.

Manduca dispoz-se a começar; mas esteve bons cinco minutos a preparar um exordio para seu discurso; o pobre rapaz, que tinha suas vontades de ser orador, esquecia-se de que o gosto da época e do paiz, quanto a discursos, não se dá muito, nem com fórma, nem com materia, nem com regras; o que se quer é fallar, e fallar muito: a belleza do discurso está na razão directa do tempo que se gasta em pronuncial-o; embora se diga muita cousa vã, futil, e intempestiva.

Graças á sua pouca habilidade, Manduca convenceu-se, de que não arranjaria um exordio capaz nem em quinze dias; e pois começou ex-abrupto, dizendo:

— Meu primo, tu sabes, que eu sou irmão de minha mana Rosa...

Em outras circumstancias Felix teria interrompido a seu primo com uma risada; mas na triste posição, em que se via, contentou-se com dizer:

— Eu sei.

— Pois que a mana Rosa é minha irmã, segue-se que eu devo ter todo cuidado n'ella.

— Sem duvida.

— Ora, acontece que anda-me ella de cabeça á roda por tua causa...

— Por minha causa?...

— Que tu a tens entretido com esperanças de casamento, sei eu muito bem.

— Está bom, primo, pensei, que querias fallar

de outro objecto: trataremos d'isso ámanhã, ou depois: temos muito tempo.

— Nada: agora já que principiei hei de acabar: sim, senhor, como ia dizendo... com que... o que dizia eu?...

— Primo, fallaremos d'isso em outra occasião

— Peior é essa, meu primo: já te disse, que hei de acabar o que comecei. Estava eu dizendo, que tu lhe tens dado esperanças de casamento...

— Sim... e depois?...

— E' que aqui não temos depois; o que se ha de fazer ámanhã, faz-se hoje... o que se promette, cumpre-se.

— Manduca... está-me doendo a cabeça.

— O negocio tambem não é para tanto; acaba-se tudo com um — sim, ou com um — não; isto é, com o — sim — ficamos arranjados.

— E com o — não?...

— Has de dizer-me o porque.

— E se eu disser — póde ser?...

— Eu cá não me entendo com — póde ser —. A mana Rosa já está em idade de casar, e é de crer, que não tenha vontade de esperar muito tempo. Além d'isso...

— Além d'isso o que?...

— Ha um celebre novelleiro, que anda espalhando boatos pouco agradaveis...

— Boatos?... perguntou Felix estremecendo de novo.

— Sim: um tal nosso amigo, o Sr. Braz-mimoso, a quem se metteu em cabeça requestar a filha do Sr. Hugo de Meadonça, e que para espantar do lado d'ella os homens de merito, que a possão pre-

tender, atreve-se a dizer, que ella é uma... namoradeira...

Manduca interrompeu-se, ouvindo certo ruido semelhante ao de uma porta que se abre de vagar.

— Que é isto?... parece, que nos escutão... disse Manduca observando.

— Não... não ha aqui ninguem... seria o vento... ou alguma outra cousa...

Isto dizendo, Felix olhou para o guarda-roupa, e vio uma das portas meia aberta, e pela fresta o olho do homem desconhecido.

— Mas, como ia contando, continuou Manduca, o tal Sr. Braz-mimoso arrojou-se a dizer, que tu és um dos apaixonados de D. Honorina...

— E' falso... é uma calumnia!

— Ora isso não fez muito bom cabello, nem á mana Rosa, nem a mim mesmo: um dia... houve lá em casa o diabo a quatro...

— Meu primo...

— Qual meu primo: se tu estivesses lá, verias como se pôz a mana Rosa: olha que quando se enfesa, é uma vibora; tambem tirando d'isso é uma pomba sem fel.

— Está bem... está bem...

— Pois a mana Rosa acreditou tudo, quanto lhe quiz dizer o Braz-mimoso; pôz a boca no mundo contra a pobre D. Honorina, e te desandou uma descompostura de tirar coiro e cabello: eu que vi o caso mal parado, protestei que o negocio havia de acabar bem, e aqui vim hoje, por não ter podido vir ha mais tempo.

— Mas... meu primo...

— Espera, primo Felix, devo confessar-te, que tambem tenho interesse na questão: eu estou per-

dido de amores pela filha do Sr. Hugo de Mendonça, e concebo minhas esperanças de alcançar a posse de seu coração: ideei um plano vastissimo: estou cabalando para ser deputado provincial, e apenas encartar-me na assembléa, e tiver pronunciado o meu primeiro discurso, que hade durar sessão e meia, apresento-me á moça... e tu bem sabes, que uma fisionomia de deputado é sempre sympathica; por consequencia... mas que diabo ia eu dizendo?...

— Tu ias dizendo... ias dizendo...

— Ah... por consequencia é preciso decidir-te: levarei o teu sim á mana Rosa, e então toda a nossa familia trabalhará de accordo commum para o meu casamento.

— Pois bem, primo; fico sciente do que exiges de mim, e pensarei para responder-te.

— E' que tudo já devia estar pensado ha muito tempo...

— Como?...

— Digo, que deverias ter pensado sufficientemente, quando principiaste a fazer-te de engraçado com a mana Rosa...

— Manduca!

— Ora vê lá, se queres negar a mim mesmo: então a mim, que tantas vezes servi de páo de cabelleira!

— Com tudo... quando se trata de um casamento, ninguem se resolve de repente...

— Mal vai o negocio, meu primo: e se eu te perguntar qual era por tanto o teu proposito, quando te punhas a piscar os olhos para mana Rosa?...

— Eu nunca lhe pisquei os olhos.

— Piscavas... e fazias mais; pizavas-lhe no pé por baixo da meza; e quando jogavas o diabrete com ella, ficavas sempre burro sem vergonha nenhuma...

— Primo... está bom: já te disse que me decidirei.

— Pois vamos lá... resolve-te.

— D'aqui a quinze dias.

— Não estou por isso.

— De hoje a oito dias...

— E' muito: para esse tempo já a mana Rosa deverá estar casada.

— Isso é uma loucura!

— Loucura é andar desinquietando as filhas dos outros!

— Não posso responder agora; estou doente...

— Nada... já estás muito melhor; vamos ao caso.

— Tenho a cabeça em fogo.

— Não me importa isso: tambem em fogo anda a cabeça da mana Rosa: vamos... vamos...

— Pois queres obrigar-me...

— Se tanto fôr necessario...

— Meu primo!

— Anda... anda... vamos depressa, que a mana Rosa me está esperando.

— Tu és um louco.

— Sim, ou não?...

— Isto é insupportavel!... exclamou Felix.

— Sim, ou não?...

— Meu primo!... deixa-me!... deixa-me!...

— Sim, ou não?...

— Meu primo! isto chama-se abusar!...

— Sim, ou não?... gritou Manduca.

— Não!... não!... e não!...

— Pois então, disse Manduca com o maior sangue frio, vamos ao morro de Santa Thereza pôr termo ás nossas duvidas.

— Um desafio?...

— Sem duvida.

— Estarei ás suas ordens ámanhã todo o dia... agora é impossivel... é noite.

— Nada: hade ser agora mesmo; eu não tenho medo de errar o tiro.

— A'manhã... ámanhã sómente.

— Não, senhor, n'essa não caio eu; sei bem como se arranjão as cousas para chegar uma denuncia aos ouvidos do chefe da policia...

— Senhor!...

— Agora se está com medo... é outra cousa...

— Não! vamos!... já que o quer.... saiamos!...

— Felix, exasperado, dava um passo para sahir, quando as portas do guarda-roupa se abrirão, e o desconhecido saltou entre os dous.

— O Sr. Felix não póde sahir, disse elle.

Felix tornou a cahir sobre sua cadeira, emquanto Manduca espantado perguntou:

— Onde estava o senhor mettido?...

— Dentro d'aquelle guarda-roupa: respondeu ingenuamente o desconhecido.

— E então diz que meu primo não hade sahir comigo?...

— Sim: e digo ainda mais, que elle o vai satisfazer promptamente.

— Como?...

O desconhecido voltou-se para Felix:

— Sr. Felix, a sua vida por hoje me pertence;

portanto, não a póde ir assim parar no jogo de um duello: façamos porém por concluir isto amigavelmente... e tanto mais que o senhor seu primo tem que fazer comigo esta noite.

— Eu?...

— Sim, senhor; em breve fallaremos. No entanto, o Sr. Felix vai responder-me sem duvida: é certo que deu á senhora sua prima a esperança de com ella casar-se?...

Felix não respondeu; elle tremia mais que nunca; porque o riso do sarcasmo, o riso insultante da ironia, estava nos labios do desconhecido: Felix tremia de medo... e de raiva.

— E' certo?... repetio o desconhecido levantando a voz: verdade, Sr. Felix, verdade; é certo?...

— Sim... balbuciou o infeliz moço.

— Pois, senhor, disse o desconhecido voltando-se para Manduca; póde assegurar a sua irmã, que seu primo está prompto para cumprir o que disse: não é assim, Sr. Felix?...

— Sim...

— Será possivel!... exclamou Manduca espantado; porém que diabo de homem é o senhor?...

— Um intimo amigo de seu primo: não é assim, Sr. Felix?...

— Sim...

— Pois, senhor, fico-lhe muito agradecido pelo obsequio que acaba de fazer-me: e como desejo ir já levar a resposta á mana Rosa, espero que me diga, qual é o negocio que tem comigo esta noite.

O desconhecido tirou o relogio, e depois de examinar as horas, disse:

— A's nove horas da noite esteja o senhor junto á igreja da Lapa do Desterro.

— Posso saber para que?...

— Basta saber que é para salvar de um perigo eminente a Sra. D. Honorina... armão-lhe terrivel laço.

— Quem?...

— Um homem chamado Braz...

— Por alcunha — o mimoso?...

— Exactamente.

— Estou prompto: lá estarei: adeos, meu primo; senhor, até ás nove horas da noite.

— Junto á igreja da Lapa do Desterro.

Manduca sahio. Apenas se vio só com Felix, o desconhecido o segurou pelo braço, e levantando-o da cadeira:

— Agora a cruz de brilhantes!... disse elle.

Felix dirigio-se á carteira, abrio-a... descobrio um escaninho de segredo, e d'ahi tirou uma boceta forrada de velludo preto: abrio depois esta, e o desconhecido vio uma cruz cravada de brilhantes.

— O senhor acha-se vestido... tome a casaca, e saiamos.

— Para onde?... perguntou Felix.

— Para ir á casa de Hugo de Mendonça entregar a cruz de brilhantes a Honorina.

— Oh!... não!... senhor!... eu não posso!...

— Hade ir: eu lhe prometti que seria por elles perdôado: disse-lhe que bastarião duas unicas palavras.

— Será possivel?...

— Eu lh'o prometto de novo pela minha honra.

— Mas a quem direi essas palavras?...

— A Honorina.

— E quaes são essas palavras?...

— Peça-lhe de joelhos, que ella obtenha o per-

dão e o esquecimento de seu crime... diga-lhe que só uma pessoa no mundo foi capaz de obrigal-o a ir restituir-lhe a cruz de brilhantes, e a provar assim a innocencia de seu primo Lauro de Mendonça; mas que essa pessoa exige d'ella, que lhe perdôe, e que faça com que sua familia perdôe tambem, e esqueça o seu delicto... Honorina lhe perguntará, quem pôde fazer tanto; e o senhor responderá que foi... note bem, senhor, aqui vão as duas palavras...

— Diga-as...

— O Moço Loiro.

XXXV.

Jorge e Rachel.

Ha uma dôr aguda e profunda que punge como nenhuma outra; uma dôr, para a qual não ha medicina possivel — é o amor sem esperança.

Os que dizem que o tempo faz esquecer um amor não retribuido, não fazem mais do que repetir uma blasphemia que ouvirão; e o primeiro homem que o disse, o blasphemo, pensou ter amado sem que verdadeiramente amasse; e quando procurou o amor, e achou vasio o coração, julgou que o tempo o tinha extinguido, semelhante áquelle que, despertando de um sonho, buscasse a seu lado o objecto com que sonhava. Ama-se uma só vez na vida; e esse amor, o verdadeiro, é aroma do coração, que nunca se evapora de todo; é cham-

ma do espirito que nem se extingue, nem se abranda.

E pois o amor sem esperança é o martyrio extremo d'alma; é a dôr terrivel... inexplicavel... incuravel... eterna.

Aquelle, a quem morreu a formosa amada, soffre muito... muito; mas ainda soffre menos, que o amante infeliz; porque na vida de lagrimas, que vive, tem a lembrança do amor, que gozou; soão a seus ouvidos as doces palavras que ouvio; tem a saudade com sua agri-doçura tão maviosa; tem o espirito repleto de imagens e de recordações; tem o coração cheio de vida, de lagrimas...

Mas quem ama sem esperança, não tem nada no mundo... tudo é feio... esteril... negro; hontem... hoje... ámanhã... sempre tudo feio... esteril... negro: ou então tem diante de seus olhos a belleza da mulher insensivel, fazendo o seu cruel martyrio: tem a felicidade dos outros risonha, e galante defronte de sua desgraça carrancuda, e feia; tem a vida dos outros desenhada em alegre painel ao pé de seu quadro de horrores; tem tudo bello fóra... longe... alheio... dos outros; e tem em si sómente a noite n'alma... a morte no coração.

E ainda n'este, como em todos os soffrimentos moraes experimenta a mulher dôr mais desabrida, que o homem; porque principalmente no martyrio, de que fallamos, além da dôr, que é commum a ambos os sexos, e que provém do ardor d'esse desejo de ser amado, e da impossibilidade de realisal-o; da murchidão d'essa esperança de amor, sem a qual não ha felicidade possivel; ha de mais, e em particular para a mulher, um golpe profundo em seu amor proprio; ha o sopro frio, glacial

sahido da boca de um homem apagando no rosto d'ella a luz de seu prazer... e de sua gloria... o anhelo de agradar.

Mas é preciso ser mulher, ou ter ouvido fallar a uma com a verdade, com que se falla de joelhos aos pés de um padre, para conceber o penetrante segredo d'esse golpe!... é preciso, sim, para que se possa comprehender o quanto soffre a mulher, quando está vendo pizar... retalhar... moer... extinguir sua ambição de ser amada... sua interessante e perdoavel vaidade!...

Havia por tanto uma afflicção ainda mais acerba, do que aquella que consumia Honorina; porque a filha de Hugo de Mendonça não tinha sentido murchar a flôr mais perfumada e bella de sua alma de mulher — a esperança de agradar ao homem amado.

E essa afflicção desmedida... extrema... a estava provando uma moça cheia de encantos e de virtude... Rachel.

Honorina pois era, apezar da posição cruel, em que se via, menos desgraçada do que a sua amiga: porque no rosto d'ella não, e no rosto d'esta sim, o sopro frio, glacial, sahido da boca de um homem, apagára já a luz do prazer e da gloria da mulher.

Como porém o amor de Rachel não é para nós um mysterio; como a angelica alma d'essa moça nos foi já, uma vez, patente, e ahi lemos a relação de seu padecer, e sua abnegação; a historia do affecto, que sentia pelo Moço Loiro, e da amisade, que votava a Honorina, nós nos forramos do trabalho de desenvolver a mesma materia.

Rachel continuava a viver em sua silenciosa agonia; supportava uma a uma todas as suas tor-

turas sem soltar um unico gemido: no entanto, fazendo sempre votos pela ventura de sua amiga, fugia de encontrar-se com ella, para não augmentar suas mágoas; e estava sempre só, ou com seu pai.

Na corrente de suas interminaveis reflexões, levada da força de seu muito e tão longo padecer, Rachel pensava ás vezes que era victima de um castigo do céo por haver outr'ora desrespeitado o grande sentimento, que vivifica a natureza; ella se recordava então, quasi horrorisada de si propria, d'aquelle pensamento de gelo, que em uma noite ouzára exprimir, dizendo: « amor é uma vã mentira! amor não é mais, que uma das muitas chimeras, com que a fantasia nos entretem na vida, como a bonéca que se dá á creança para conserval-a quieta no berço... o amor não é mais, que a flor de um só dia, que abre de manhã, e antes da noite está murcha... » e tambem então, sorrindo-se com ironico e terrivel sorrir, ella dizia a si mesma: pois bem!... eis-aqui no meu coração a mentira... a chimera... a flor de poucas horas!...

Mas ao pé de Rachel, ao pé de sua angustia vinha todos os dias sentar-se um ancião respeitavel, que ficava horas inteiras triste... abatido... silencioso olhando para ella. Era seu pai.

A antiga e mutua confiança de Jorge e Rachel; aquella transparencia do coração da filha para os olhos do pai, parecia haver desapparecido. D'antes jámais Rachel sentia um simples dissabor, do qual Jorge não conhecesse para logo a causa; d'antes nunca a filha experimentava uma affeição innocente, ou tinha no espirito uma duvida qualquer, que o pai não fosse buscado para oriental-a

em ambas com os conselhos de sua experiencia. E agora Rachel geme, e não vai pedir a Jorge um remedio para sua dôr; e agora o pai ouve gemer a filha, e não a interroga sobre a origem de seus gemidos.

Oh!... era porque ella sabia, que seu pai não acharia um remedio para dar-lhe; e porque elle tinha comprehendido, que já era tarde; que o mal de sua filha já não podia ser curado pelo amor, e conselhos paternaes.

Entretanto Jorge cercava Rachel de cuidados, e desvelos; e vendo despresadas todas as festas, todas as distracções, que lhe offerecia; ao menos, para vêr se n'ella despertava os adormecidos caprichos de moça, não deixava passar um dia, em que lhe não trouxesse novos enfeites, joias custosas, e magnificos brilhantes.

E todavia Rachel era sempre a mesma, padecendo em silencio, não movendo uma só queixa, e passando a maior parte do dia abrigada na solidão de sua camara.

Jorge se havia determinado mil vezes a exigir de Rachel a relação completa de seus soffrimentos: para isso entrava todos os dias no quarto d'ella; mas vendo-a pallida e immovel, sentada deleixadamente em seu leito, como esquecida de si propria; o pai não tinha animo de quebrar o silencio da filha, de sondar aquelle segredo doloroso, temendo vêr redobrar tantos tormentos á menor pergunta; como certos polypos, que se ensanguentão logo que são tocados, elle suppunha aquella mudez semelhante á camada de cinza que envolve a braza ardente... e por tanto, Jorge ficava defronte

de Rachel horas inteiras pensativo... melancolico... silencioso, como ella mesma.

O coração de Jorge devia pois estar tambem violentamente amargurado: um dia emfim elle se resolveu a penetrar a todo o custo o segredo de sua filha, e dirigio-se para isso á camara d'ella; foi na manhã em que Rachel tinha recebido o ultimo bilhete de Honorina.

Jorge encontrou a triste moça na mesma posição e no mesmo estado, em que constantemente a achava. Como receando perder o animo, se olhasse para seu rosto, o pai sentou-se, e desviando os olhos do leito, onde estava Rachel, disse:

— Minha filha, o que é isso?... o que tens?...

A moça levantou os olhos para seu pai; mas logo depois os abaixou córando fortemente.

— Outr'ora tu depositavas todos os teus innocentes segredos no meu seio: tu me fazias confidente de tuas passageiras tristezas, e longas alegrias; tu me dizias o que sentias; tudo o que pensavas; porque pois não continúas a praticar o mesmo?... já te fiz arrepender da doce confiança, que em mim tinhas?... não sou sempre o teu amigo?... Rachel!... minha Rachel!... já deixei eu de ser pai?...

A triste senhora ouvindo esta ultima pergunta de seu pai feita com voz pungente e quasi desesperada, saltou do leito, e suffocada em soluços, soltando um diluvio de lagrimas, que presas estavão ha muito tempo, cahio de joelhos aos pés de seu bom velho, e abraçou-se com elle ternamente.

— Rachel!... minha Rachel... não chores assim!... tem piedade de teu pobre pai!...

— Meu pai!... balbuciou a infeliz levantando-se nos braços de Jorge.

E os dous ficárão ahi docemente abraçados... chorando ambos... misturando seu pranto de pai e de filha, que se combinava tão bem: quando bastantes lagrimas tinhão corrido, e elles sentirão menos pesados, os corações... sem córar de seus soluços... desatando-os sem tentar comprimil-os, sentárão-se defronte um do outro.

— Rachel, disse Jorge; eu sei que tu amas...

— Sim, meu pai, eu amo.

Pelo modo com que lhe respondeu sua filha, Jorge conheceu que tudo lhe ia ser relatado; que a mutua e antiga confiança se restabelecera.

— Pois então, minha filha, continuou Jorge, porque esconder-me tanto tempo esse doce sentimento?... quem póde furtar-se a essa mimosa lei da natureza?... a escolha de teus olhos deverá ser por força digna de teu coração...

— Eu creio que sim, meu pai; é um moço nobre, e destemido...

— Sabe elle que tu o amas?...

— Não, meu pai; nem o saberá nunca.

— Como não o saberá nunca, minha filha?... se tu o amas, se elle é digno de ti, poderei eu querer que chores assim toda a vida, que não sejas venturosa ao lado d'elle?...

— E' porque meu pai não sabe que ha uma barreira enorme, que para sempre me sepára d'esse homem!...

— Seria possivel, perguntou Jorge confuso, que minha filha amasse um homem casado?...

— Eu penso com razão, que elle é solteiro.

— Que te falta pois?...

— O amor d'elle, respondeu amargamente Rachel.

— Rachel... não te faltão encantos.

— Meu pai, ha outras mais bellas do que eu.

— E's rica...

O rosto de Rachel tornou-se rubro de vergonha: ella que já amava, comprehendeu então facilmente a verdade que Honorina exprimira a semelhante respeito: « é torpe! é um horrivel sacrilegio negociar um homem com a desgraçada sympathia que lhe tributa uma mulher!... é torpe! é um horrivel sacrilegio ir um homem ajoelhar-se aos pés do altar, receber a benção do sacerdote, estendendo a mão para uma triste mulher, com os olhos no seu rosto, e o pensamento no seu dinheiro!... »

— Honorina tinha bem razão!... murmurou ella baixinho.

Depois voltou-se resoluta para seu pai, e disse:

— Meu pai, eu vou dizer-lhe tudo; a verdadeira causa de meus tormentos não está no amor, está no desespero.

— No desespero?...

— Eu não posso esperar ser amada.

— E porque?...

— Eu não devo trabalhar para sêl-o.

— Mas qual a razão?...

— Tenho um unico partido a seguir... chorar em segredo.

— E' que eu não comprehendo...

— Meu pai vai saber tudo.

Então Rachel passou a referir a Jorge todas as circumstancias de seu amor: sem esquecer uma só d'ellas, disse tudo; a amisade e confiança que merecia de sua amiga; o amor do Moço Loiro por

ella: a scena passada em casa de Sara... tudo emfim.

Jorge escutou attento e admirado a estranha relação que lhe fazia a filha: no fim d'ella, deixou-se ficar mudo, pensando no misero estado de sua pobre Rachel, e na mysteriosa existencia d'esse moço, que podia mover tanto amor e tantas lagrimas.

— E então, meu pai?... perguntou Rachel tristemente.

— Tu tens razão, minha filha, respondeu Jorge abatido, e frio.

— Posso eu esperar ser amada?...

— Não.

— Devo eu trabalhar para sêl-o?...

— Não.

— Não é verdade, que o só partido que me resta a seguir, é chorar em segredo?...

— E' derramar tuas lagrimas no meu seio, minha filha!...

— Oh!... é bem terrivel ter de chorar sempre!...

— E quem te disse que hasde chorar sempre?...

— Mas se eu não tenho esperança alguma, meu pai!...

— Um amor desgraçado, minha filha, póde ser curado com outro amor mais feliz.

Rachel, por unica resposta, sacudio a cabeça; ella tinha razão: um coração nobre não ama duas vezes.

— Rachel, continuou Jorge, é preciso amar a outro; desterra essa tristeza: vamos de novo aos saráos, ás festas, ás assembléas; na multidão dos mancebos, que lá se encontrão, talvez um chegue a agradar-te: qualquer que elle seja, com tanto

que a infamia ou o desregramento o não manche, dize-m'o... e rico ou pobre, pequeno ou grande, será teu esposo.

— Não haverá para mim outro, como elle, meu pai. E' melhor que eu fique, como estou, chorando sem contrafazer-me a seus olhos, e derramando o meu pranto no seu seio, do que tenha de esconder minhas lagrimas de um marido, que eu não ame, nem possa nunca amar.

— Rachel, disse Jorge levantando-se para sahir, eu te deixo: modera tua afflicção, ao menos por minha causa; e quando tiveres necessidade de um companheiro para chorar e gemer comtigo, vem para junto de teu pai!

Os dous se abraçárão de novo ternamente, e d'ahi a um instante Rachel estava só.

Jorge tinha deixado sua filha se não menos desgraçada, todavia mais animada, e capaz de resistir á crueza de seu destino; achar um companheiro para gemer commosco, para commosco fallar do mal que sentimos, não é um remedio, mas é sempre uma consolação. Rachel tinha achado um companheiro em seu proprio pai.

Não que as ultimas palavras que d'elle acabára de ouvir lhe desenhassem um fagueiro iris de esperança no horisonte de sua vida; não: Jorge havia dito que um amor desgraçado póde curar-se com outro amor mais feliz; porém Rachel, que devendo responder sempre com respeito a seu pai, sacudio apenas negativamente a cabeça, Rachel repellia dentro de si semelhante idéa, como offensiva á pureza de seu coração.

A bella joven, que nunca amára antes de vêr o Moço Loiro, até então tinha sua alma livre d'essas

impressões ardentes, como um vaso virgem e delicado, onde jámais se lançára nenhum liquido: o primeiro, que ahi se depositasse, devia por força entranhar-se nos póros d'elle, e deixar para sempre arraigado seu perfume. O Moço Loiro appareceu... sua imagem preencheu um vacuo, que havia no coração de Rachel, sem que ella o presentisse... tomou parte na sua vida... ficou senhor de seus pensamentos... ganhou emfim o amor de Rachel... o primeiro amor... o unico verdadeiro e eterno.

Rachel ergueu-se, e pela primeira vez, depois de quize dias, dirigio-se para seu toucador: emfim, ella era mulher... queria vêr como se achava o seu rosto... o seu thesouro... ella vio e recuou!...

O fogo de seus olhos estava quasi extincto... fôra substituido pelo languor da melancolia: as rosas de suas faces havião murchado... desapparecido, e cedido o seu lugar aos brancos jasmins do soffrimento: seus labios não se amoldavão mais ao gracioso sorrir dos dias de ventura: o bello anjo de prazer se trocára pela sombra graciosa da saudade! Rachel recuou espantada de si propria, dizendo:

— Como estou mudada!... meu Deos!... eu causo medo!...

E todavia jámais Rachel poderia ter-se mostrado tão bella aos olhos de um joven poeta!... ella tinha no seu rosto toda a sublime e interessante belleza da dôr mysteriosa.

Fugindo de seu toucadôr, Rachel foi de novo cahir no leito, e outra vez entregou-se a seus tristes pensamentos: duas longas horas se havião já passado assim n'esse viver de eloquente silencio, apenas interrompido por suspiros, quando ella sentio

os apressados passos de alguem, que para sua camara se dirigia.

Rachel levantou-se promptamente, e vio entrar seu pai, pallido e agitado.

— Meu pai, exclamou Rachel correndo para elle, o que succede? ..

— Uma desgraça, minha filha, um acontecimento fatal!

— Então o que é?...

— Amigos nossos, que se achão perdidos!...

— Quem, meu pai, quem?...

— Hugo de Mendonça... sua familia inteira.

A desgraça de Hugo já era conhecida na praça: não se sabia quem espalhára a terrivel noticia... fôra talvez Octavio... ou talvez uma previsão, porque, assim como parece que ás vezes o povo adevinha funestos acontecimentos politicos... ou se espalha em uma cidade a perda de uma batalha, que longe se dá... sem se saber d'onde veio tal nova, ou quem a trouxe; assim tambem no commercio, adevinhão-se os apuros de um negociante, prevê-se uma quebra, conta-se com um infortunio.

— Mas, meu pai, então o que ha?... perguntou Rachel assustada.

— Uma quebra: a casa de Hugo vai cahir; e sua familia tombará na miseria.

— Oh! minha boa Honorina!... exclamou a moça com violenta expressão de sentimento.

Jorge encarou com prazer indizivel aquella dôr aguda, que sentia a filha pela desgraça de sua rival.

— Meu pai, disse Rachel, então ha enormes dividas?...

— Que sobem talvez a mais de cem contos de réis!

— E o Sr. Hugo não achará nenhum meio de salvar-se?...

— Se no mez que corre, podesse conseguir a terça parte d'essa quantia, ainda poderia sustentar-se por algum tempo... para cahir mais tarde...

— E então?...

— Não haverá por tanto quem se atreva a expôr a uma perda quasi certa tão avultada somma, indo offerecel-a a Hugo; e Hugo mesmo rejeitaria, porque conhece, que não poderá pagal-a.

— O que lhe resta pois?...

— Ir, como homem honrado, entregar tudo o que possue aos credores.

— Oh! minha boa Honorina!... exclamou outra vez Rachel.

E correndo para seu toucador, abrio uma gaveta, e tirou d'ella seu coffre de joias, que despejou sobre o leito: devorou então com os olhos os antigos, e os novos e numerosos presentes de seu pai; contou um por um seus braceletes, adereços, brincos, bandós e flores de brilhantes; contou um por um todos os seus aneis, todas as suas joias emfim, e depois, apontando com o dedo para a riqueza de seu toucador:

— Meu pai, disse ella, o valor de tudo isto?...

— E' grande, sem duvida muito elevado.

— Poderia chegar para salvar o Sr. Hugo de Mendonça de suas primeiras difficuldades?...

— Seguramente!... respondeu o velho admirado.

Rachel cahio de joelhos aos pés de Jorge, e com lagrimas nos olhos, com voz commovida exclamou:

— Meu pai!... meu pai!... se me tem amor, permitta que eu faça alguma cousa pela minha amiga!...

Havia na acção, que praticava Rachel para salvar a sua propria rival, aquella que era amada pelo homem, que ella amava; havia na dôr d'essa moça, no offerecimento de suas joias um não sei que de tão nobre, de tão grande, e generoso, que Jorge pretendeu debalde fallar... e começou a soluçar, chorando abraçado com o seu querido anjo.

Porque Rachel tinha na verdade uma alma de anjo.

XXXVI.

A cruz da familia.

O desconhecido e Felix sahirão da casa de commercio de Hugo de Mendonça ás sete horas e meia da noite, e subindo ambos para uma sege, que esperava esse homem mysterioso, que se nomeára simplesmente — o Moço Loiro — forão caminho do bairro da Gloria.

Segundo as ordens que recebeu, o boleeiro fez levar a sege a galope, e deixando atrás de si diversas ruas tortuosas e feias da nossa cidade velha, e depois o largo da Ajuda, o Passeio-publico, o largo da Lapa, e o cáes da Gloria, entrou finalmente na rua diplomatica, e foi parar exactamente defronte da casa de Hugo de Mendonça.

Toda a curta viagem se fizera em completo si-

lencio entre os dous ; e só, quando parou a sege, foi que o desconhecido, saltando para fóra, e ajudando a Felix a descer, disse-lhe, apontando para uma arvore frondosa, que ficava dentro do jardim, e a alguns passos da casa de Hugo:

— Ali vou eu esperal-o : no meu rosto poderá o senhor lêr o proposito, em que estou de me não deixar illudir ; vá pois... cumpra o que prometteu, e receba o perdão, de que carece.

E conduzindo a Felix pela mão, até o corredor da entrada da casa de Hugo de Mendonça, o desconhecido empurrou-o para dentro, e foi collocar-se debaixo da arvore como firme sentinella.

Felix, sempre tremulo e irresoluto, arrastou-se até chegar á escada, e ahi, apoiando-se sobre o corrimão... demorou-se por minutos.

N'esse instante os sinos das igrejas derão o signal das oito horas da noite.

Havião luzes na casa de Hugo de Mendonça, porém todas as vidraças estavão cerradas.

E por detrás de uma das vidraças desenhou-se uma sombra de mulher, que se voltou para o lado da arvore, e que desappareceu immediatamente, percebendo ali um homem, que agitou no ar seu lenço branco.

Esse movimento teria sido feito por acaso, ou era um signal de antes ajustado?...

Como o resto do dia tinha corrido para Honorina, é facil de pensar ; mas o que não é por demais explicavel, depois d'aquelle — sim — escripto á viuva, — sim — á primeira vista tão simples, como bem comprehendido prenhe de terriveis consequencias, era o socego, que a moça mostrava na sua dôr.

Honorina suspirava, gemia sempre, porém em uma especie de inercia: nem fallava, nem mais lamentava o seu estado, como se de uma vez certa, de que não estava em sua mão remediar o mal, que soffria, não quizesse tambem dar-se a inuteis reflexões: ella suspirava, gemia sempre esperando a noite, que devia ser a de seu ultimo julgamento; semelhante a um relogio, que vai em sua marcha, gastando o tempo, que lhe foi marcado até a hora em que irrevogavelmente deve parar, se a mão de alguem não fizer andar de novo a mola de sua vida.

Hugo de Mendonça continuára frio e resoluto, como homem que havia tomado um partido, que julga o unico possivel... o unico: se de seus olhos escapava alguma lagrima, pertencia ella toda inteira á filha de seu coração.

Emma não pronunciára mais uma só palavra em todo resto do dia: ella conhecia, que sua influencia já pouco podia no animo de seu filho, no estado em que se achavão os negocios da casa; e sobre tudo, lembrando-se da má vontade que sua neta mostrára a Octavio, temia cada vez dobradamente ver ultimado o projecto, que a fazia córar, o casamento de Honorina com Lauro.

Emma, com Hugo de Mendonça, ignorava, que Lauro tinha um rival poderoso n'esse homem sem nome, que á sombra da noite ou do mysterio velava por Honorina, e em troca d'isso fazia entranhár sua imagem pela álma d'ella.

E assim como Felix estremecera e se apoiára no corrimão da casa de Hugo, este, sua mãi, e sua filha estremecêrão tambem ouvindo, que os sinos marcavão oito horas da noite.

Porque Hugo de Mendonça avisára a sua filha, de que a essa hora lhe viria ella dar a resposta... a decisão... a sentença.

Honorina ergueu-se, deixando seu quarto, dirigio-se e entrou para a sala, onde a esperavão seus maiores.

Honorina estava pallida e melancolica; mas em seu rosto lia-se a expressão da coragem: seu porte tinha tomado um não sei que de magestoso e grande, que assombrou a Emma, e a Hugo de Mendonça: ella trazia nos labios triste e brando sorriso... dir-se-ia um sorrir de martyr votado em despedida ao mundo.

Honorina obedecendo a seu pai, sentou-se entre elle e sua avó.

— Minha filha, disse Hugo, pensaste bem?...

— Estou determinada, meu pai.

— E o que decides?... perguntou o pai com espantador sangue frio.

— Decidi confessar-me a meu pai, respondeu a moça, dizer-lhe tudo o que comigo se tem passado, e se está passando, e pedir-lhe que me aconselhe como amigo.

— A decisão deve partir de ti, minha filha.

— E o conselho de vós, meu pai.

— Falla pois...

No instante mesmo, em que Honorina ia começar, ouvio-se bater na escada, e uma escrava annunciou o Sr. Felix.

— Que entre: disse Hugo.

— Uma nova desgraça!... exclamou Emma.

— Não, minha mãi, tornou o negociante, não ha mais desgraça possivel para nós, á excepção do martyrio d'esta menina.

Felix entrou na sala. A fisionomia do moço demonstrava por quantas torturas lhe fazião passar a vergonha, e os remorsos: a fisionomia de Felix espantava!... era um condemnado, que se mostrava de cima do patibulo horrorisado... covarde... Hugo de Mendonça temeu vêl-o cahir no assoalho, e correu para elle, levando-lhe uma cadeira...

— Que é isto, Felix?!

O moço, sem responder, deu alguns passos para a frente da sala, e lançando os olhos para o jardim, atravez da vidraça vio o desconhecido, estatico e firme, debaixo da arvore fronteira.

Emma, Hugo, e Honorina estavão em derredor do infeliz mancebo.

— Que é isto, Sr. Felix?!

— Perdão!... perdão!... perdão!... exclamou elle cahindo aos pés da filha do negociante.

Hugo de Mendonça e as duas senhoras recuárão de sorpresa e espanto: só depois de alguns minutos foi que o negociante fez assentar e socegar o seu guarda-livros.

— Felix, disse-lhe emfim, tu nos estás assustando; deves explicar-nos o que é, que se passa, e que tanto te perturba: ouvimos que pedias perdão a minha filha... falla: tens razão de sobra para contar com a bondade do coração de Honorina.

— Sr. Hugo de Mendonça, o que eu vou fazer é a relação de uma infamia!... relação que os senhores me juraráõ, que não hade passar d'aqui...

— Mas uma infamia, de quem?...

— Minha! minha só.

E dizendo isso, Felix trancou por dentro as portas, que davão entrada para a sala.

Os tres continuavão estupefactos do que viño, e

ouvião. Felix parecia haver adquirido força admiravel comparativamente com o estado de prostração que mostrára ha pouco: era como o vigor, e aspecto animado de um febri-fugo no maior accesso.

— Os senhores me promettem inviolavel segredo?...

— Sim · disserão os tres.

— Pois bem, eu o vou dizer, e dito seja em castigo de meu crime: possa a minha vergonha lavar a mancha, que me nodôa... quanto ao meu perdão... no fim eu o conseguirei de joelhos!...

— Tu augmentas nosso espanto, Felix!

— Ouvi-me, senhores, disse Felix, eu fui ainda bem creança recebido por vós, creado e educado como se fôra vosso filho: tive para camarada de meus passatempos, para collega de meus estudos, para companheiro nos meus trabalhos um moço pouco mais ou menos de minha idade, que me estimou como seu melhor amigo: foi o Sr. Lauro de Mendonça. Esse moço porém era do vosso sangue, tinha pais, e por tanto recebia mais desvelos que eu: ainda mais, a natureza lhe havia dado talento, espirito, imaginação, coragem, e nobresa de acções; valia pois o dobro de mim: semelhante certeza me torturava, e eu, que devia tudo á familia d'esse mancebo, eu, que era por elle tratado como irmão, senhores, eu tinha inveja do Sr. Lauro de Mendonça!... eu o detestava!...

— Felix!...

— Oh!... se vós, senhores, soubesseis o que é a inveja!... se tivesseis sido invejosos uma só hora na vida!... mas não, não! vós não podeis comprehender o que é sentir dentro do coração esse demonio, que agiganta o merecimento alheio, e com

isso nos tortura; que nos consome, nos rouba o socego, o prazer, a saude, e nos vai mirrando... nos vai enchendo a alma de amargor, de veneno, de raiva, de malvadeza!... que nos ensina a mentira e a calumnia... a intriga e a traição!... que nos promette a paz a troco de uma acção indigna, e nos illude depois... e depois de nos tornar infames, nos aperta ainda com suas garras, e nos conserva tão desgraçados, tão miseraveis como d'antes!... oh!... era esse demonio que eu tinha no coração!... cada triumpho do talento do Sr. Lauro era um golpe doloroso que eu recebia; cada raio de seu espirito me lançava o desespero n'alma; os arroubos de sua imaginação, o ardor de sua coragem, a grandeza, a galhardia de suas nobres acções erão para mim um tormento cruel!... doloroso... incessante!...

— Felix! Felix!...

— Uma consideração unica me animava: eu conheci, que os avós d'elle, que o fallecido Sr. Raul de Mendonça, e que a respeitavel viuva, diante de quem fallo, pouco se interessavão por Lauro. A viveza, e o talento do moço accendidos nas chammas dos novos principios, nas inspirações do seculo, desagradavão a seus avós arraigados aos costumes e idéas das passadas éras: fingi-me pois inimigo das innovações, e das novas instituições... ganhei assim a confiança dos chefes da familia, ao mesmo tempo que o Sr. Lauro perdia tanto, quanto eu lucrava. Todavia isto não era tudo: eu soffria sempre os tormentos da inveja; porque o Sr. Lauro era feliz... tinha uma mãi, que o amava!... Um dia...

Felix interrompeu-se estremecendo.

— Um dia... disse Hugo.

— Senhores; nos planos e nos desejos, que me inspirava a inveja, eu esperava, eu contava achar um meio de perder para sempre na opinião de seus parentes ao Sr. Lauro de Mendonça: um dia...

O infeliz guarda-livros hesitou de novo.

— E' preciso concluir, Felix!

— Eu concluo, senhores, tornou o moço animando-se: um dia... foi ha sete annos pouco mais ou menos, a Sra. D. Honorina acabava de contar nove annos de idade: houve um bello jantar de familia, ao qual eu fui presente; findo elle a Sra. D. Emma de Mendonça chamou sua neta para junto de si, convidou-nos a ouvil-a, e contou uma historia de uma cruz de familia, cruz milagrosa, que por direito pertencia á Sra. D. Honorina, desde o dia em que fizesse nove annos de idade: consequentemente a cruz appareceu riquissimamente preparada, cravada de preciosos brilhantes...

— Ahi esteve o primeiro erro... disse Emma.

— Deixe-o continuar, acudio Hugo.

— A Sra. D. Honorina, creança como era n'aquelle tempo, demonstrou com todas as graças infantis o prazer que sentia por possuir a bella cruz: então o Sr. Lauro, que amava e muito a sua prima, e que gostava de mover suas respostas, com ella gracejando, disse-lhe — eis uma bella cruz para ser furtada... tem ricos brilhantes, que se podem vender... — e foi a Sra. D. Emma, quem lhe respondeu, dizendo: — Lauro, tu és um louco: não se graceja sobre um objecto sagrado.

— Foi assim, disse Emma; eu me lembro de tudo isso.

— Nós nos demorámos até á noite: uma salva

contendo a cruz foi deposta sobre um aparador no quarto da Sra. D. Honorina; ás dez horas da noite a joven-zinha dormia: então o Sr. Lauro foi pé por pé, entrou no quarto, e quiz acordar sua prima... depois, vendo-a nos braços do mais socegado somno, arrependeu-se do que ia fazer... e retirou-se sem acordal-a, e depois de beijal-a nos labios...

Honorina córou até a raiz dos cabellos.

— E a cruz de brilhantes?! perguntou Emma.

— A cruz de brilhantes?! exclamou Felix; a cruz de brilhantes?!... ouvi-me até o fim, senhores. Um homem, que ouvira a historia d'essa cruz, e o gracejo do Sr. Lauro, introduzio-se furtivamente no quarto da menina: já estava ahi, quando este entrou, querendo acordal-a: esse homem escondeu-se: e depois, tendo sahido o Sr. Lauro, elle apoderou-se da cruz... e sahio cuidadosamente. O Sr. Lauro entrára n'esse quarto, como homem honrado que era, e pois, mais de dous olhos o virão tambem sahir: o outro entrou como um ladrão... e, com as precauções de um ladrão, retirou-se sem ser percebido.

— Meu Deos! exclamou Emma levantando as mãos.

Hugo e Honorina estavão tão silenciosos, como estupefactos.

— Quando se procurou a cruz... ella tinha desapparecido: a principio julgárão todos, que o Sr. Lauro a havia escondido por zombaria... elle jurou que não, mas algumas pessoas assegurárão têl-o visto entrar no quarto... elle o confessou tambem... finalmente, os senhores o sabem: o Sr. Lauro de Mendonça foi expulso d'esta casa, como um homem infame!...

— Tu o denunciaste!... bradou Emma exasperada.

— Eu fui um miseravel calumniador!...

— E o ladrão?...

— O ladrão?!... o ladrão?!... o ladrão?!... exclamou Felix com voz lugubre; o ladrão fui eu!!

— Maldito!... gritou Emma levantando a mão como querendo amaldiçoal-o.

— Miseravel!... bradou Hugo.

— Desgraçado!... disse Honorina.

Terriveis tormentos devião estar dilacerando o coração do infeliz guarda-livros.

— Tudo isso!... maldito!... miseravel!... desgraçado!... maldito, sim: porque fui capaz de ceder a essa influencia satanica do demonio da inveja! maldito, porque manchei a minha vida! maldito porque commetti um crime infame, e denunciei a um innocente como perpetrador d'elle!... miseravel; porque soffrendo torturas indiziveis, remorsos despedaçadores, nunca tive animo em sete annos, que são passados, de vir aqui ajoelhar-me, confessar o meu crime, e obter o meu perdão!... desgraçado, sim, oh! muito desgraçado!... porque as penas que tenho soffrido, que soffro, e que soffrerei, são ainda maiores do que meu proprio delicto!...

No entanto, Emma arquejava exasperada!... seu semblante deixava adevinhar que havia no fundo da sua alma uma dôr cruel: Hugo o percebeu, e cuidadoso lhe fallou:

— Que tem, minha mãi?...

— Arrependimento tambem!... elle era innocente!...

— Eu o pensava, minha avó!... disse Honorina.

— E a cruz?... e a cruz?... exclamou a velha voltando-se de repente para Felix.

O guarda-livros arrancou do seio a caixa forrada de velludo preto, e de joelhos aos pés de Honorina:

— Só a ella!... disse, só a ella, que me hade perdoar!...

— Nunca!... nunca!... bradou Emma, arrancando a caixa da mão da neta.

— Perdão!... perdão!... perdão!...

— E' ella!... é a mesma!... a cruz sagrada!... a cruz da familia!... exclamou a velha beijando a santa reliquia com enthusiasmo.

— Perdão!... perdão!... perdão!...

— Possa meu primo perdoar-lhe, disse Honorina, como eu de todo o meu coração lhe perdôo...

— Nunca!... nunca!... sai d'esta casa!... disse Emma.

— Minha mãi! acudio Hugo; elle deve estar bem arrependido!...

— Nunca!... nunca!... bradou a velha afastando-se até o fundo da sala, como horrorisada.

Era tal a commoção, que experimentava Emma, que Hugo a seguio ao sofá, onde ella acabava de cahir soffocada.

Felix aproveitou esse momento, e fallando a Honorina:

— O meu perdão!... disse elle.

— Eu já lhe perdoei de todo o meu coração, respondeu ella.

— Oh! mas é preciso conseguir para mim o perdão de sua avó e de seu pai! eu podia esconder para sempre o meu crime; uma pessoa porém, por amor da senhora talvez, uma unica pessoa no mundo me arrastou a face pela vergonha, e me obrigou

a vir aqui! não ha pois virtude no que fiz!... confesso-o; eu estava arrependido; mas o medo... o medo só de um homem pôde fazer tanto: e é em nome d'esse homem que eu exijo tambem da senhora o meu perdão! e que faça com que sua familia me perdôe e esqueça o meu delicto!... não sou eu!... é elle quem lhe restitue a sua cruz, quem prova a innocencia de seu primo, quem exige que eu seja por todos perdoado!... é elle!... elle só!...

— E quem é elle?... perguntou Honorina admirada.

— O Moço Loiro!...

Honorina não pôde esconder o prazer immenso, que sentia: sorrir bello e divino espraiou-se em seus labios... abrio a boca para exhalar um longo suspiro... e soltou um grito...

Hugo e Emma acudirão medrosos.

— Minha avó!... meu pai!... exclamou a virgem fóra de si, o perdão!... o perdão d'este homem pelo amor de Deos!...

Minutos depois Felix descia as escadas de Hugo de Mendonça, perdoado por toda aquella familia.

Antes que o guarda-livros acabasse de descer a escada, outra vez desenhou-se atrás de uma das vidraças uma sombra de mulher, que se voltou para o lado da arvore, debaixo da qual ainda estava o desconhecido; mas d'esta não foi elle, mas sim a mulher quem agitou no ar um lenço branco.

Por tanto não era acaso, era um signal de antes ajustado.

Quando Felix chegou á rua, o desconhecido aproximou-se d'elle e disse:

— Sei tudo: o senhor cumprio a sua palavra, e foi perdoado. — Adeos!

Um momento depois Felix caminhava apressadamente para o lado da casa de commercio, onde morava, e um pouco atrás d'elle o desconhecido descia pelo cáes da Gloria.

A's nove horas da noite dous vultos se aproximárão um do outro junto á igreja da Lapa do Desterro.

XXXVII.

Carlos.

Felix entrou em seu quarto, n'esse quarto em que pouco antes se havião passado scenas para elle acerbas, e atirou-se sobre o leito vestido como estava, sem lhe importar mais trancar a porta por dentro.

Erão pouco mais de nove horas da noite, e posto que já estivesse o armazem fechado, ainda nenhum dos caixeiros e serventes deveria dormir.

Afflicto ainda com o que tinha occorrido; porém sentindo-se livre d'esse peso enorme que por sete annos lhe esmagára o socego, Felix pôde emfim ordenar suas idéas, e pensar no vôo d'esses acontecimentos inexperados, na representação improvisada d'esse drama vergonhoso, em que lhe coubera o mais triste papel.

Havia um ponto que Felix não podia explicar sem accusar a Octavio como traidor : de que meio se valêra esse desconhecido para saber até o lugar onde elle tinha escondido a cruz de brilhantes?...

Estava pois entregue a taes pensamentos, quando, ao voltar uma vez os olhos, vio em pé, com os braços cruzados defronte de seu leito, um joven de dezeseis annos, caixeiro da casa.

Esse menino era bello, alegre, e esperto, e mostrava-se então abatido, e melancolico.

— Que fazes ahi, Carlos?... perguntou Felix sem mostrar-se enfadado.

— Eu o estava observando, Sr. Felix, estava colhendo no seu rosto, os pensamentos que o occupão.

— Tu és um importuno, por aqui teres vindo sem motivo algum, e és um tolo, pelo que acabas de dizer.

— Eu não sou importuno, Sr. Felix, porque foi uma forte razão, quem aqui me trouxe : e não sou tolo, porque em verdade sei, a respeito de que estava o senhor pensando.

— Então a respeito de que?... perguntou Felix ensaiando um sorriso.

— O senhor estava pensando, disse o menino sem hesitar, como é que um homem desconhecido e estranho pôde ter inteiro conhecimento de um contrato criminoso, effectuado em alta noite e sem testemunhas, entre o senhor e Octavio.

— Carlos !...

— Estava pensando, em quem poderia ter confiado a esse desconhecido as menores circumstancias d'essa scena criminosa, em quem poderia ter dito, que o objecto que Octavio lhe deixou em tro-

ca dos que levou, fôra escondido no segredo de sua carteira.

— Meu Deos!... meu Deos!... exclamou Felix escondendo o rosto.

— Estava emfim pensando que fôra o seu proprio amigo, quem atraiçoára o seu segredo.

— Sim!... é isso mesmo!... disse Felix erguendo-se e encarando o rosto do menino: é isso mesmo!... e então?...

— Não foi Octavio quem o trahio.

— E por tanto quem foi?...

— Para o dizer, Sr. Felix, é que me acho aqui a esta hora.

— Bem... bem...

— O Sr. Felix vai ouvir a minha historia.

— Carlos! que me importa isso?

— Mais do que pensa.

— E o nome?... o nome do traidor antes de tudo!

— Mas é preciso ouvir a minha historia.

— E' longa?...

— Fal-a-hei breve.

— Pois conta-a, disse Felix sentando-se no leito.

— Sr. Felix, perguntou o menino, conhece, sabe quem é o desconhecido, que aqui veio esta noite?...

— Diz-se um amigo de Lauro de Mendonça.

— Bem, tornou o menino depois de pensar um instante, bem: é isso mesmo: agora vou começar a minha historia.

Felix esperou um momento, mas notando que o menino não fallava, olhou para elle e disse:

— Anda, falla.

Ora, Carlos, era eminentemente sanguineo, e

alguma cousa, que o devia fazer córar obrou sobre elle de fórma, que seu rosto se tornou de repente côr de escarlate.

— Ha, Sr. Felix, um velho costume de que a sociedade não se emenda, e que todavia é uma injustiça... uma infamia. Quando uma mulher é illudida, e ultrajada no que tem de mais nobre, a sociedade não fecha suas portas ao homem, que a illudio e ultrajou; cospe porém no rosto da mulher, que se deixou perder em um instante de desvario, ou que foi, apezar seu, brutalmente ultrajada.

— E o que vem isso ao caso, Carlos?...

— Perdôe-me, Sr. Felix, eu começo immediatamente. A algumas legoas de distancia da cidade da Bahia, vivia ha seis annos um abastado fazendeiro, tão honrado como altivo, e que parecia concentrar todas as suas affeições n'uma filha que tinha: chamava-se esta Paulina. Bella, a virtuosa Paulina tocava os seus trinta annos ainda solteira, e tendo já rejeitado grande numero de pretendentes: ella passava seus dias ao lado de seu velho pai, e, naturalmente melancolica e acanhada, raras vezes se deixava vêr: alguem havia com tudo, que merecia de seu coração a mais extremosa amisade, era um pobre menino de dez annos, que fôra na sua casa engeitado: era eu.

Travesso, talvez engraçado, com as minhas meiguices infantis, era eu a unica pessoa que ganhava um sorriso de Paulina: para todos os mais ella se mostrava a mesma: triste... muito triste: dir-se-ia que no fundo de sua alma existia um agudo espinho, que a feria de continuo.

Na opinião de seu pai, no entender de todos, um unico remedio podia dar-se para cural-a d'aquelle

eterno abatimento, que se parecia bastante com o que se chama desamor do mundo: era fazel-a amar.

Pois Paulina amou. Um estrangeiro, que para perto veio morar, ganhou, o que por tantos havia sido debalde pedido; ganhou seu coração: foi esse um amor, Sr. Felix, ligeiro e ardente como a chamma... eu tinha tão pouca idade, que não me lembro de nenhuma de suas circumstancias: sei porém que quasi milagrosa deveu ter sido a impressão produzida por este mancebo em Paulina; e recordo-me bem, que muitas vezes ella me abraçava, me beijava, dizendo-me: « eu vou casar-me, meu Carlos! » e orvalhava-me o rosto com suas lagrimas.

E com effeito elles ião casar-se; o moço a pedira a seu pai, e como fosse rico, e estrangeiro, a tinha sem difficuldade obtido: o dia do casamento estava marcado: esperava-se um negociante da Bahia, que deveria ser o padrinho: só tres dias faltavão para chegar o dia da celebração das nupcias; e Paulina chorava sempre abraçando-me.

O negociante que se esperava não pôde vir; mas em seu lugar mandou o seu primeiro caixeiro munido de competente procuração; este primeiro caixeiro, Sr. Felix, chamava-se Lauro.

Além de Lauro, uma outra personagem tinha tambem vindo da cidade, que devia perturbar os prazeres que anticipadamente se gosavão na casa: essa personagem era uma moça: viera só, sem pai, nem irmão, nem marido, nem creada: e era bella: chamava-se, oh!... lembro-me bem de seu nome, chamava-se Hipolita.

Hipolita pedio uma conferencia particular a Pau-

lina: esteve com ella duas horas, e retirou-se: Paulina appareceu mais pallida do que nunca: todo o seu corpo tremia convulsivamente, e dirigindo-se a seu pai, disse que não queria mais casar-se.

Mas o pai era altivo e arrogante, e o noivo miseravel e ambicioso: apezar dos gemidos da victima, e das supplicas do Sr. Lauro, Paulina ia sendo arrastada da sala para o oratorio, quando na porta appareceu Hipolita.

— Parai! gritou ella.

Todos parárão: eu estava presente, e chorava; mas pude vêr no rosto d'essa mulher todo o fogo infernal do ciume em delirio.

— Parai! e ouvi-me!

Todos se voltárão para ella, á excepção de Paulina, que acabava de desmaiar nos braços do Sr. Lauro.

— Esse homem que caminhava para o altar, disse ella, amou-me, prometteu desposar-me, e enganou-me: eu quero saber, se se consentirá depois do que acabo de expôr, que elle se case com aquella senhora.

— E' uma louca... uma mulher perdida... disse o noivo.

— Lancem fóra d'aqui esta mulher! gritou o pai de Paulina aos escravos, que o acompanhavão.

Suspendei! exclamou Hipolita; ainda um instante, e eu parto. Senhores, eu sou filha de uma parteira!...

— E' louca, ou não?... acudio o noivo.

— Ha dez annos passados, continuou a mulher sem se dar com o que acabava de ouvir, ha dez annos passados, essa moça, que vai ser levada ao

altar, foi passar alguns mezes na cidade da Bahia em companhia de uma senhora, parenta sua.

— E o que tem isso?... perguntou o velho pai.

— Poucos dias depois de voltar ella a esta fazenda, um menino, um engeitado aqui foi depositado...

— E a que vem semelhante historia?... tornou o velho elevando a voz.

— Senhores!... exclamou a mulher, eu já disse que minha mãi era parteira...

— Insolente!... gritárão algumas vozes.

— Eu digo que esse menino é filho d'aquella senhora!... eu o denuncio!.. e agora, senhor, póde casar-se com ella!

E a mulher infernal deixou para sempre a casa, a que viera, como o genio do mal, semear desgraças.

O longo silencio, que se seguio á scena precedente, foi interrompido por um grito de Paulina, que exclamou:

— Eu sou innocente!... eu não sou culpada!...

— O senhor a está ouvindo: ella jura, que é falso, que é calumnia, o que disse aquella mulher; fallou o velho ao noivo.

— Mas esse menino... balbuciou este.

— O menino de que se trata é aquelle, tornou o velho apontando para mim: é um engeitado...

— Que um dia póde inventar direitos...

— Senhor!...

— Eu o tenho visto sempre tão cercado de cuidados...

— Pois elle irá para longe, disse o velho; já tem idade...

Paulina levantou a cabeça, e animou-se a dar dous passos para meu lado

— Depois do que acaba de passar-se, continuou o velho, é preciso fazel-o sahir... nós o faremos... .

— Meu pai! um pobre innocente!... murmurou a moça.

O velho franzio os sobr'olhos ouvindo sua filha defender-me; e proseguio:

— E' agil, vivo e esperto... será um bello marinheiro...

— Não!... jámais!... exclamou Paulina.

— Paulina!...

A moça atirou-se sobre mim, e abraçou-me apertadamente.

— Tirem d'ali aquelle bregeiro! gritou o velho: tirem-n'o!... eu lhe darei o competente destino...

Os escravos avançárão para mim, porém Paulina collocou-se diante d'elles, e furiosa bradou:

— Eu o criei!... eu o criei!...

O velho avançou por sua vez... agarrou-me com tanta força, que me fez gritar, e empurrou-me para fóra: eu, sem pensar no que fazia, corri para Paulina; mas sendo por elle de novo seguro, tal arremeço recebi, que fui cahir contra uma cadeira, e vi correr uma onda de sangue de minha cabeça.

Ouvi então um grito desesperado:

— Meu filho!...

Senti um corpo de mulher cahir sobre o meu, e uma maldição de pai cahir tambem sobre minha mãi.

Por ordem d'elle fomos ambos arrastados para fóra de casa; mil vezes minha pobre mãi jurou, que tinha sido victima involuntaria de um infame:

ella não foi ouvida: nem n'esse dia, nem no outro, nem em todos os mais que forão passando.

Minha mãi esperou debalde que o unico homem, a quem ella tinha amado no mundo, fizesse alguma cousa em seu favor; enganou-se: o miseravel desde que a vio expulsa da casa paterna, não cuidou mais d'ella, nem para consolal-a: oh! todos fugião de minha mãi! seus antigos amigos, seus protegidos, aquelles a quem ella havia enchido de beneficios, seus proprios escravos emfim, zombavão, e escarnecião d'ella!... dias horriveis passámos nós em uma pobre choupana, jejuando, ou comendo fructos agrestes!... no entanto, um unico homem se lembrava de nós: era o Sr. Lauro: depois de querer em vão reconciliar meu avô com minha mãi, elle, exasperado contra seu rigor, deixou-o, procurou-nos, e tendo-nos encontrado, levou-nos comsigo para a cidade, capital da Bahia.

Ali, de tudo lhe fomos devedores: esta educação que eu tenho; este quasi nada, que eu sei, e que muito me tem servido; o pão, que minha mãi comia; os vestidos que ambos vestiamos, tudo era elle que nos dava! oh!... o Sr. Lauro foi a Providencia de Deos, que veio em nosso soccorro!

Ainda mais, Sr. Felix, e aqui vai, o que eu nunca poderei esquecer, mesmo quando de tudo me esqueça. Um mez depois de estarmos na cidade da Bahia, minha mãi foi victima de seus desgostos; victima do maior mal que póde cahir sobre o homem; victima da maldição da carne!... eu vi surgirem no seu rosto manchas, ora de uma, ora de outra côr, vi entumescerem-lhe os labios e as orelhas, vi... oh!... minha pobre mãi ficou lazara!... eu acompanhei, Sr. Felix, eu acompanhei passo a

passo os progressos da horrivel enfermidade! eu li lettra por lettra todo esse livro de miseria escripto no semblante de minha mãi! oh! e então, quando sua voz rouca e terrivel parecia espantar aos que a ouvião, quando fugindo horrorisados de seu aspecto cem homens demonios cuspião para um lado, mesmo aos olhos d'ella; o Sr. Lauro... só elle... só elle vinha sentar-se junto da misera... derramar consolações em seu seio, enxugar-lhe as lagrimas com o seu proprio lenço, e chamal-a, como eu a chamava, minha mãi!... oh!... Sr. Felix, isto não se esquece e nem se paga nunca, nem com o sacrificio da vida!...

Sentindo, que minha mãi soffria muito vivendo no centro de uma populosa cidade, em estado tão lamentavel, o Sr. Lauro facilitou-nos uma pequena e retirada casa na visinhança da povoação de Itapoã. Foi ahi, senhor, que se passou a scena, que lhe foi contada, entre minha mãi e Octavio.

Deos talvez a conservava para ser o instrumento, pelo qual se chegasse a provar a innocencia do Sr. Lauro; porque, poucos dias depois da noite que em nossa casa passára Octavio, minha mãi espirou nos nossos braços.

Poucos instantes porém antes de morrer, ella ficou a sós comigo, e disse: «meu filho! se Lauro te pedir a tua vida, dá-lh'a: crê, que minha alma estará sempre sobre tua cabeça para te amaldiçoar, se fores ingrato... e para te abençoar se até á tua morte te dedicares a elle, como o mais fiel dos escravos!»

Depois o Sr. Lauro entrou, e ella fallou assim: «Sr. Lauro, não se mente na hora da morte: mereci os seus beneficios, porque nunca fui culpada:

o meu crime esteve no meu somno... somno talvez effeito de um narcotico... não sei... nunca pude comprehender... não sei quem seja o pai d'este menino; seja-o o senhor » : e espirou.

Carlos suspendeu aqui a sua narração para enxugar as lagrimas, que em bagas lhe cahião.

Passado um momento, continuou :

Foi, mezes depois da morte de minha mãi, Sr. Felix, que um nosso parente affastado, que finalmente tambem tinha piedade de nós, apezar de ser tão pobre como eramos, teve de partir por ordem do Sr. Lauro... para descobrir as provas do crime, e provar a innocencia do joven repellido.

Pedi licença para vir em companhia d'elle, e me foi negada; eu queria a todo custo servir ao Sr. Lauro, e determinei-me: preparei a occultas os meus despachos, e quando o navio, em que veio este homem, para o senhor desconhecido, deu á vela, eu lhe appareci na tolda sorrindo-me, e disse : « foi um pequeno ensaio, que fiz, para provar que posso servir para alguma cousa. »

Aqui chegámos, Sr. Felix, e para logo o seu desconhecido cuidou, do que convinha fazer: era preciso observar dous homens... elle tinha dinheiro, dinheiro de sobra á sua disposição; um espião velou sobre Octavio : faltava outro para o Sr. Felix; eu me offereci.

— Tu, Carlos?...

— Eu mesmo, Sr. Felix.

— Espião!...

— E' verdade: espião; meu offerecimento foi de novo rejeitado; o seu desconhecido não queria consentir que eu representasse semelhante papel;

mostrou-me o quanto era vergonhoso, e eu respondi: « quero servir ao Sr. Lauro! »

— E elle?...

— Elle disse que não, que não absolutamente; mas eu sentia sobre a minha cabeça a alma de minha mãi, que parecia animar-me: uzei de uma nova astucia; eu sabia que em casa do Sr. Hugo de Mendonça havia uma mulher, que amava extremosamente ao Sr. Lauro: procurei fallar-lhe a sós, consegui-o, contei-lhe a minha historia, disse-lhe o que queria, e, no dia seguinte, fui recebido como caixeiro na casa do Sr. Hugo de Mendonça, e tratado com a predilecção que merecia um sobrinho da — mãi Lucia.

— E por tanto...

— E por tanto o desconhecido não teve mais que oppôr-se; eu tinha feito tudo por minhas mãos: derão-me um quarto, que fica sobre este... póde vêr... levante a cabeça... ali está o meu posto de todas as noites... perdi muitas inutilmente; mas emfim, eu sube, eu vi tudo!...

— E me trahiste!...

— Sim, Sr. Felix, para servir ao Sr. Lauro, que tinha sido o anjo da guarda de minha mãi!...

Felix soltou um suspiro:

— Tiveste razão, Carlos!... ao menos tu és grato.

— Oh! mas agora, Sr. Felix, agora eu preciso alguma cousa do senhor: não desci, não vim aqui, não fallo ha tanto tempo sem um fim!

— E o que queres então?...

— E' que eu me lembro que lhe fiz mal, que lhe offendi, e preciso que me perdôe!...

— Carlos, tu és bom; eu te perdôo.

O menino cahio chorando nos braços do moço.

Havia em tudo isso uma cousa pouco natural: era a frieza com que Felix ouvira a confissão de Carlos; mas a consciencia d'aquelle accusando-o de seu crime, tinha podido justificar a falta do menino.

Além d'isso, no meio da relação de Carlos, tinha por acaso vindo uma idéa á mente de Felix, que lhe sorria, que tinha um não sei que de lisongeira para seu coração; foi por tal que elle não sentio forte abalo, ouvindo a accusação que a si proprio acabava de fazer o joven caixeiro; foi por tal emfim, que elle o desviou de seus braços, e disse:

— Está bem, Carlos, vai-te: eu preciso sahir: ha um negocio muito grave que devo concluir esta noite.

XXXVIII.

Aventura nocturna.

A's nove horas da noite dous vultos tinhão se approximado um do outro, junto á igreja da Lapa do Desterro.

— Eis-me aqui, senhor, disse Manduca á mysteriosa personagem, com quem de plano se ahi encontrava.

— Bem, venha o senhor comigo, respondeu-lhe o desconhecido.

— Mas de que se trata?...

— Não ha tempo a perder, tornou-lhe o homem: entremos n'aquella sege, que ali nos espera, e em quanto ella rodar, eu lhe explicarei tudo.

Manduca, que automaticamente se tinha deixado levar pela mão, logo que ouvio o rodar da sege, começou de novo o interrogatorio.

— Para onde vamos?...

— Para minha casa.

— E a que fim?...

— O senhor vai vestir-se de mulher.

— Eu?!! exclamou Manduca; então que diabo quer dizer isto?... não; não convenho em semelhante asneira...

— Hade convir, quando souber das criticas circumstancias, em que nos achamos.

— Pois então falle, falle, ande...

— Saiba pois que a joven viuva D. Lucrecia, detesta furiosamente a bella filha de Hugo de Mendonça.

— Homem, ainda não reparei n'isso; mas heide pensar a tal respeito.

— Detestando-a, como fica dito, determinou perdel-a; e achou que o melhor meio para isso, era sacrifical-a a Braz-mimoso.

— E o mais é que foi bem pensado! deve ser um sacrificio casar-se uma mulher com aquelle composto de postiços...

— Ora pois; sabendo Lucrecia, que apuros commerciaes ameação a Hugo; o qual para salvar-se d'elles tratava de um casamento entre Octavio, e D. Honorina, que aborrece... quero dizer, que estima a este homem ainda menos, que a Braz-mimoso; a atilada viuva, que se finge amiga de D. Honorina, foi a casa d'esta, e com sua conhecida habilidade, convenceu-a, de que devia fugir para um convento, a fim de não se casar com Octavio.

— E foi um conselho muito bem dado.

— O caso terá de passar-se pelo modo seguinte: uma sege estará postada na primeira esquina distante da casa de Hugo, e do lado da cidade: D.

Honorina, quando ouvir dar dez horas sahirá da casa, entrará na sege, e logo depois entrará D. Lucrecia: ambas as moças estarão mascaradas... e a sege partirá!

— Bravo! Bravo!... tomára eu saber quantas semanas levárão a arranjar um plano tão intrincado!... essas moças são capazes de fazer uma revolução politica no mundo!

— Mas em logar de ir parar á porta, e abrigar-se no seio de um convento, D. Honorina será por sua falsa amiga sacrificada a Braz-mimoso.

— Que mixordia!... que mixordia!...

— Ora, eu que amo ardentemente a D. Honorina, e que por ella vélo sempre, pude penetrar esse perfido segredo, e fiz tambem o meu plano: ainda não o conhecia, e pois não contava com o senhor. Comprei vestidos de mulher, e uma mascara para mim, disposto a ir ás dez horas sentar-me na sege ao lado de D. Honorina, antes que D. Lucrecia o fizesse.

— Essa é que é uma dos diabos!

— Encontrando-o porém, ouvindo a confissão de seu amor, e sympathisando logo muito com a sua fisionomia nobre, distincta, e luminosa... determinei propôr-lhe fugir com D. Honorina, ir pôl-a no convento... salval-a de Braz-mimoso; por que em fim, eu não sou egoista; se se descobrir isso, o senhor póde casar-se com ella, e lavar-lhe a mancha; e eu não posso... sou casado.

— Homem, não é melhor irmos declarar tudo ao chefe de policia?...

— Como? publicar a fraqueza de uma pobre moça?...

— Então dirijamo-nos a seu pai...

— Para fazel-a victima de seus justos furores?...

— Anticipemos, do que occorre, a mesma D. Honorina.

— Ella se não recolherá ao convento, e casar-se-ha com Octavio...

— De certo... o caso é grave!... se me dessem ao menos tres dias para meditar sobre a materia...

— Chegamos... senhor; apeie-se... venha vestir-se...

— Homem, escute...

— Estou quasi crendo, que o senhor tem medo de encontrar-se ámanhã com Braz-mimoso.

— Que é lá isso?... ora eu lhe mostro: entremos... e vista-me de mulher.

— Venha!... a sua missão é sagrada... o Sr. Manduca já tem-me ares de cavalleiro andante.

O desconhecido acabava de lembrar-se de D. Quixote.

Logo depois, Manduca estava em um pequeno sotão, onde achou tudo quanto era necessario para vestir-se de mulher.

Confundão-se todas as senhoras, pois lhe asseguramos que, em menos de um quarto de hora, o rapaz estava completamente vestido de mulher: era um gosto vêl-o! Um vestido de seda verde, que oito mezes antes estivera muito na moda, por ser em demasia curto, lhe deixava á mostra um bom palmo de finissimas pernas, e dous immensos pés terrivelmente apertados em sapatos de lã: o desconhecido pendurou-lhe, como melhor pôde, dous cachos postiços aos lados da fronte, e depois escondeu-lhe os cabellos com uma touca cheia de rendas brancas e encarnadas; mas com tanta inhabilidade o fez, que a touca mostrou-se na posição

inversa da que devia ficar: isto é — a frente ficou para trás. Finalmente um longo chale de seda já usado embrulhou desarranjadamente o corpo de Manduca.

— Bem... disse o desconhecido, está lindissimo, está mais bello do que o amor, esbelto como uma palmeira... é uma virgem... uma vestal completa... vamos...

— Vamos! exclamou o pobre Manduca enthusiasmado com o elogio pomposo, que lhe fazia o desconhecido.

E desceu a escada, elle, joven senhora improvisada, com esse andar asselvajado e rude, proprio das pessoas affeitas ás botas.

Os dous tornárão a subir para a sege, que partio: poucos momentos antes das dez horas parou; o desconhecido e Manduca apeiárão-se.

Uma outra sege estava parada na esquina, que, do lado da cidade, mais proxima ficava da casa de Hugo: o desconhecido mostrava-a a Manduca, quando soárão as dez horas.

— Senhor, disse elle, apresentando uma mascara a Manduca, deixe agora arranjar-lhe a mascara no rosto, e parta: durante a viagem não diga palavra... olhe... lá sobe Honorina para a sege... ainda bem que o senhor está prompto... ande... corra... vá...

— Mas o boleeiro para onde nos levará?...

— Para o convento d'Ajuda: o boleeiro está peitado por mim...

— Bom... adeos... vou salvar a belleza! disse Manduca partindo.

— Sim! vá immortalisar-se!... seja feliz!

Logo depois duas seges rodavão para a cidade:

ião na primeira dous vultos de mulher; e mais atrás o desconhecido, na segunda, ria-se desabaladamente.

. . . . . .

Um genio bem-fazejo velava por tanto a favor de Honorina: o Moço Loiro, pois não póde restar duvida de que este desconhecido é elle, o Moço Loiro tinha em poucas horas prestado á sua bella amada, os mais valiosos serviços.

Ainda com uma nova cabelleira, ainda trajando estranhas vestes, elle apparece, confunde a Felix, e, nós o sabemos, a cruz de brilhantes torna ás mãos de sua herdeira, e a innocencia de Lauro é demonstrada.

Sem que se saiba como, comprehende, ou adevinha o que se passa entre Lucrecia e Honorina, e protesta castigar a viuva.

E' elle que escreve a Lucrecia a palavra do ajuste, o — sim —, simples termo, que symbolisava a vingança de uma mulher, e a perda de outra.

Na tarde d'esse dia a viuva tinha ainda escripto a Honorina, recommendando-lhe que, se pudesse, fugisse mascarada para não ser conhecida ao sahir de casa, e que durante a viagem se abstivesse de fallar, para não ser ouvida pelo boleeiro, que as devia conduzir.

O Moço Loiro intercepta essa carta, tambem ignoramos porque meio, e, senhor do plano de Lucrecia, forja então o seu. Tão bom, como travesso, tão nobre, como extravagante, o projecto que concebe é uma extravagancia, e sua execução deverá ser uma travessura. Elle dispõe-se a tomar vestidos de mulher, e ir dar, embora mascarado, um passeio nocturno com Lucrecia; mas, escondido

dentro do guarda-roupa de Felix, ouve o que diz Manduca, sabe que é tambem seu rival, abre um pouco a porta do guarda-roupa para vêr a cara do homem, que ama Honorina; vê-se a ponto de soltar uma risada... contem-se... pensa, e modifica seu projecto de vingança contra Lucrecia... fal-o uma travessura completa; e, emfim, nós o sabemos, vê seu plano coroado pelos mais felizes resultados.

Provavelmente importantes negocios o obrigão a não seguir por muito tempo a sege em que vão os dous vultos de mulher; pois que elle volta a seu sotão, despe os falsos vestidos, arranca a mentirosa cabelleira, começa a vestir-se com todo zelo e afan de um nomorado, e defronte de seu toucador falla comsigo mesmo sorrindo-se:

— Estou fatigado; mas pouco falta... muito bem! muito bem! fingi-me pobre e desgraçado... abatido e melancolico... escrevi um livro de amor, todo molhado de lagrimas, sondei o coração de Honorina, e conheço que, pobre ou não; feliz ou desditoso, sou por ella amado... agora sim... posso e quero consagrar-lhe a minha vida...

O tal Sr. Lauro de Mendonça não deve tambem desejar mais nada... continuou sorrindo-se com malicia; está tudo feito: a vaidozinha D. Lucrecia lá se vai com Manduca passeando pelas ruas da nossa boa cidade... ora pois: acabemos com isto... vamos depressa fazer as ultimas visitas.

E como já se achasse vestido com toda elegancia, e com seus longos e crespos cabellos loiros cuidadosamente penteados, embuçou-se com uma longa capa negra, cuja gola lhe escondia quasi todo o rosto, desceu, embarcou de novo na sege e partio.

Pouco faltava para dez horas e meia da noite.

. . . . . .

E agora voltemos a acompanhar com o leitor a outra sege, onde ião os dous vultos de mulher.

Rodava ella, e nenhuma das duas senhoras dizia palavra; Manduca guardava silencio, porque assim seguia os conselhos de seu mentor, e tambem com medo de ser antes de tempo reconhecido pela sua voz; e aquella que elle suppunha ser Honorina, e que era sem duvida Lucrecia, porque de plano ou por pejo não se queria deixar ouvir.

Mas uma vez os pés das moças se tocárão: a companheira de Manduca estremeceu toda: que bom signal!... que delicioso estremecer!... era sem duvida o effeito do pejo, e d'ahi a pouco, oh gloria!... Manduca recebe um beliscão na perna... não houve duvida, pagou-lhe com outro: vem um segundo mais forte, Manduca não hesita, não quer ficar devendo nada, e d'esta vez o applica um pouco menos brando: recebe um terceiro tão terrivel, que quasi o obriga a gritar; Manduca paga-o immediatamente com uma unhada de mestre: ouve um surdo gemido: e temendo ter offendido a bella companheira, toma-lhe a mão, e beija... oh!... como achou tão macia aquella mão-zinha de cherubim.

Já estavão as duas a beijar mutuamente as mãos... já uma vez por outra tinha havido seu abraço respeitoso, quando a sege parou; era o momento decisivo: ambas as viajoras estremecêrão.

Ora a viuva tinha tomado bem suas disposições para que a vergonha fosse completa: Honorina não devia lavar-se mais nunca d'aquella nódoa, aliás todo o seu trabalho estava perdido. Lucrecia

entendeu, que havia necessidade de testemunhas, e se propôz a têl-as: para isso um escravo seu foi a casa de Venancio e entregou a Thomazia um bilhete d'ella, que dizia assim:

« Minha comadre. A amisade que lhe tenho « não me deixa gozar com satisfação um prazer, « em que Vm. não tome tambem parte. Quero que « venha apreciar comigo uma bella scena: o nos- « so amigo Braz-mimoso trata de casar-se, e pelo « sim pelo não a noiva chega-lhe hoje ás dez ho- « ras da noite: vamos causar-lhe uma sorpresa, e « recebêl-a: havemos rir-nos muitissimo: ás dez « horas pois esteja com seu marido, sua filha, e « seu filho em casa de Braz-mimoso, e se eu me « demorar, esperem-me, que não tardarei. »

« Sua comadre do coração — Lucrecia ».

Esse bilhete foi recebido ás nove horas da noite, e deu vivissimas contestações; porque Venancio sustentava que não devia levar sua familia a casa de um homem solteiro; mas, como sempre, a vontade de ferro de Thomazia triumphou dos pudicos receios de seu marido.

Consequentemente ás dez horas da noite Venancio, Thomazia e Rosa achavão-se em casa de Braz-mimoso, que parecia ornada com estudo, e muito de fresco.

Manduca não acompanhou sua familia, porque desde as oito horas da noite se achava fóra de casa: melhor do que os proprios pais, sabem os nossos leitores o que era feito d'elle.

Lucrecia não havia ainda chegado, isso porém não admirava á commadre; pois pelo bilhete da viuva conhecia-se, que ella contava demorar-se. Braz-mimoso era esperado a todos os instantes.

Estavão pois os tres pensando, se a noiva seria bonita ou feia; quando ouvirão o rodar de uma sege, que parava á porta: era a noiva!...

Lembrando-se da palavra — sorpresa — escripta no bilhete da viuva, Thomazia fez entrar seu marido e sua filha, e entrou ella tambem para a alcova, fechando de novo a porta, porque já ouvião os passos de duas pessoas, que subião a escada.

Manduca, a principio espantado, vio, que sua companheira abria sem ceremonia a sege, tomava-lhe a mão, e o fazia apear-se, em uma rua muito differente d'aquella, em que existe o convento d'Ajuda: semelhante passo, uma tal acção praticada por Honorina, a fazia perder muito no seu conceito; mas tarde para recuar, e emfim forte e valente como era o moço, não temeu nada, e foi-se deixando levar.

A moça deu o braço a Manduca, e entrou em um corredor... subirão sem bater palmas... e emfim chegárão á sala.

Houve um momento de hesitação, em que Manduca e sua companheira ficárão olhando um para o outro... depois, e a um só tempo, arrancárão suas mascaras...

Duas exclamações de espanto se deixárão ouvir então... e ambos aquelles vultos de mulher recuárão espantados...

A companheira de Manduca era nada menos que Braz-mimoso vestido tambem de mulher!

Para perder Honorina, Lucrecia tinha tido pouco mais ou menos o mesmo pensamento, que tivera o Moço Loiro para salval-a, e vingal-a.

Braz-mimoso soltou de novo um grito de espanto e de medo.

— Que traição! exclamou elle.

Manduca ficou um momento embasbacado; logo depois bradou:

— E' agora, Jagodes de uma figa!

E atirou-se sobre o seu rival, dando-lhe sôcos, como o Churinada depois da lição de seu mestre.

Venancio, Thomazia e Rosa acudirão aos gritos que soltava o velho gamenho.

Foi um triumpho importante arrancar Manduca de cima de Braz-mimoso, sobre quem estava agarrado como uma sangue-suga.

O resto da scena tornou-se completamente ridicula.

Manduca tinha a sua touca enfiada no pescoço; só lhe restava um dos cachos; o vestido estava roto de cima a baixo, e já havia n'este uma manga de menos: espumando de raiva, dizia:

— Eu!... eu beijar a mão d'este tratante!...

Braz-mimoso estava sem touca, e sem cabelleira... tinha os beiços rebentados pelos sôcos que apanhára, e sua figura se tornava absolutamente risivel, quando se olhava para seus vestidos de mulher, e depois para sua cabeça absolutamente calva.

— N'esta, dizia elle, só me podia metter a Sra. D. Lucrecia!

Uma gargalhada de Rosa rematou a scena.

XXXIX.

O novo administrador.

Sentado n'uma bella cadeira de braços, em seu gabinete de trabalho, estava Octavio entregue a mil diversas reflexões, das quaes apenas por instantes se arrancava para examinar o ponteiro do relogio de parede, que em frente d'elle se via pendurado.

A cabeça d'esse mancebo ardia, como seu proprio coração. Honrado e nobre, Octavio tinha encontrado no caminho de sua vida uma mulher por extremo formosa para enfeitiçal-o: amou-a com todo o amor de sua alma; mas quando foi pedir-lhe a paga de sua ternura, escutou em resposta um — não —; e esse — não — teve o poder de desatinal-o a tal ponto, que perdeu-se da bella estrada que seguia, emmaranhando-se nos desvios do vicio.

Octavio amava Honorina com uma d'essas paixões vehementes, que cegão o homem, e o podem precipitar: possuir o objecto de seus anhelos era pois para elle, no raciocinar de seus transportes, um fim, onde importava chegar por quaesquer meios que fossem; pareceu-lhe que lavar uma mancha não era um impossivel n'este mundo severo, em que quasi que é regra não se dar regeneração moral possivel.

Levado do impeto de sua paixão, elle não hesitou em ir propôr a Felix uma transacção infame; não trepidou diante de Hugo de Mendonça, quando estava representando em sua consciencia o mais miseravel dos papeis; porque emfim esse era o seu sonho, o sonho lisongeiro que lhe promettia a posse de Honorina; mas quando sentio que o pai da bella requestada se erguia orgulhoso sobre sua propria miseria; quando vio que seu derradeiro esforço ia ser baldado; o sonho começou a esvaecer-se, e elle, despertando, achou-se só, isolado, longe de Honorina, e identificado com a infamia: Octavio cahio então debaixo do peso de suas reflexões. Era o periodo da febre que tinha passado, e cedido seu lugar á prostração.

Com effeito, livre por um instante do alarido das paixões, a alma de Octavio começou para logo a ouvir a voz pausada, grave e monotona da consciencia, voz que é sempre a mesma, com o mesmo timbre, e que jámais se cala; incessante e monotoma como as vagas do mar, ou como o tique-taque da pendula do relogio, que defronte estava.

Tão poderosa era essa voz, que já por dez vezes tinha podido volver á força os olhos de Octavio para a gaveta, onde se achavão guardadas as tres

lettras falsas, que erão as provas palpitantes de seu crime: apezar do quanto soffria com tal recordação, a despeito do firme proposito que fizera de esquecer-se d'isso... Octavio olhava sempre.

Tão vingativa era essa consciencia, que fallava, que já tinha apagado a derradeira luz de esperança, que Octavio poderia descobrir no correr do dia do vencimento das lettras: indigno de felicidade a seus proprios olhos, Octavio gemia adevinhando que a posse de Honorina era para elle um impossivel.

Tão formidavel emfim era essa voz, que aquelle que de continuo a estava ouvindo, temia, que ao passar pelas ruas, uma boca lhe gritasse — falsario!... — oh! elle tinha medo de Felix, tinha medo do mundo, e córava diante de seu espelho!

No correr da mesma noite, em que se passárão com Felix, Manduca, e o desconhecido as scenas de que demos conta, estava pois Octavio triste e pensativo sentado no seu gabinete de trabalho, e olhando de momento a momento para o relogio.

Finalmente, ouvindo dar dez horas, disse:

— Ainda me falta meia hora!

Depois tirou de seu bolso um pequeno bilhete, que leu ainda uma vez; pois que já o tinha feito por muitas vezes: o bilhete dizia assim:

« Negocio importante que cumpre ser decidido « hoje mesmo com o Sr. Octavio, me obriga a pe- « dir-lhe licença para procural-o ás dez horas e « meia da noite em ponto ».

Ou por descuido, ou de proposito, o bilhete carecia de assignatura.

Bilhete tão extranhamente concebido, hora de encontro tão mal escolhida, a ignorancia em que se achava Octavio a respeito do negocio, que tão ur-

gente se dizia, e emfim o receio que elle começava a ter de tudo quanto lhe parecia pouco commum, fazião com que Octavio esperasse ancioso pela hora determinada.

Recolhendo-se a seu gabinete ordenára a um de seus escravos, que ali fosse conduzida uma pessoa, que se apresentaria pouco depois das dez horas da noite.

Faltavão ainda vinte minutos para essa hora, quando o escravo annunciou, e fez entrar o Sr. Felix.

Ao vêr aquelle que conhecia a mancha que nodoava sua reputação, Octavio córou involuntariamente, e, apontando para uma cadeira, disse:

— Senta-te.

— Não, Octavio, eu não me sentarei.

— Pois conversaremos de pé: mas nunca me passou pela cabeça, que fosses tu quem me escreveu aquelle bilhete singular.

— Eu não te escrevi bilhete algum.

— E' que a tua visita a estas horas...

— A minha visita a estas horas, Octavio, quer dizer que entre nós tem de decidir-se uma questão bem grave.

— E então...

— Eu venho dizer-te que tive uma hora de loucura, da qual me acho felizmente curado, e que, por consequencia, posso desfazer tudo quanto havia feito desarrazoadamente.

— Peço que te expliques... e depressa: vês que eu espero alguem.

— Pensei que me tinhas comprehendido, Octavio; porque a minha hora de loucura se passou entre nós dous.

— E por tanto...

— E por tanto eu te declaro, que já não me acho disposto a consentir que seja reduzida á miseria uma familia inteira, para obrigal-a a sacrificar-te uma bella moça.

— Felix!...

— Passou o tempo, Octavio, em que tua voz me fazia calar, e teus olhos me obrigavão a abaixar a cabeça: duas paixões nos atirárão para um abysmo... estamos hoje na mesma linha.

Octavio, vermelho de vergonha e despeito, olhou para Felix como se não acreditasse, que era aquelle mesmo homem que lhe estava fallando; porém o guarda-livros, forte e decidido por sua vez, proseguio:

— Eu venho, Octavio, receber as lettras falsas, que tive a fraqueza de te passar: venho declarar-te, que o contrato da infamia está rôto.

— Oh!... isto é admiravel... exclamou Octavio; é admiravel, que tu, Felix, levantes a cabeça diante de mim!...

— Sim, eu a abaixei diante de outros, e era preciso que a levantasse diante de alguem: Octavio, eu te estou devendo horas inteiras de vergonha, de miseravel submissão, horas de torturas, que te venho pagar agora.

— Insensato!...

— Oh!... pois bem: comprehende que diante de mim se apresentou um homem, que me disse: miseravel! tu roubaste uma cruz de brilhantes... quem te denunciou foi aquelle mesmo, a quem a confiaste!...

— E' falso!...

— Foi Octavio... ha alguns mezes passados,

em momento de horrivel padecer, foi elle quem te denunciou a uma mulher morphetica!...

Octavio não teve uma palavra para dizer: Felix proseguio:

— Por tanto, vêz bem, Octavio, que tu faltaste á principal condição do nosso contrato de infamia; e, n'este caso, está nullo: eu quero pois as lettras, que me arrancaste.

— E' tarde, Felix.

— Tarde?... tu não pódes dizer-me que é tarde: agora, Octavio, é tempo opportuno sempre para mim: soffri quanto soffrer podia: esgotou-se-me a paciencia: vamos!

— Felix!...

— Octavio, as lettras falsas!

— Miseravel!...

— E' um nome que nos cabe a ambos; emfim, as lettras!...

— Oh!... e não te lembras que eu tenho a vingança nas minhas mãos? que nossas infamias estão casadas?... que somos solidarios na vergonha?...

— Sim: e porque eu já esgotei o meu calix até ás fezes, justo é que esgotes tambem o teu: as lettras!...

— Pois bem: a cruz de brilhantes!...

— Era o teu escudo, não é assim, Octavio?... tu tinhas feito do teu amigo a miseravel carta, com que jogavas; que importava pouco que fosse perdida ou não, com tanto que em resultado a partida do teu jogo de infamia fosse por ti ganha: não é isto assim?... não é verdade o que eu estou dizendo?... oh!... Octavio!... Octavio!... o teu escudo está quebrado!...

Octavio encarava Felix sem comprehendel-o.

— As lettras!... as lettras!... disse este levantando a voz.

— A cruz de brilhantes!...

— Vai pedil-a á filha do Sr. Hugo de Mendonça.

— Que!... exclamou Octavio admirado.

— Sim! a minha vergonha está passada: tu me trahiste... a morphetica revelou por sua vez o que lhe confiaste, e esse homem, que me veio dizer: — roubaste uma cruz de brilhantes! — esse homem arrastou-me pelas ruas, varreu com meu rosto as escadas da casa do Sr. Hugo de Mendonça, e me obrigou a ir lá com o meu crime nas mãos, com as lagrimas nos olhos, e com o grito de misericordia na boca!

— E esse homem?...

— Esse homem é um demonio que nada ignora, do que lhe convém saber: esse homem sabe de nosso contrato... não ignora que tu tens as lettras falsas... sabe tudo!

— Mentira!...

— Oh!... não! desgraçada ou felizmente verdade!...

— Nós estavamos sós, e fechados no teu quarto.

— E por cima das nossas cabeças, a Providencia que não dorme, nos observava pelos olhos de um menino.

— E então...

— Um dos caixeiros da casa do Sr. Hugo me espreitava... e testemunhou o crime de nós ambos!

— Oh!... gritou Octavio deixando-se cahir na cadeira.

Passárão-se alguns momentos em silencio, durante os quaes a cabeça de Octavio se não ergueu d'entre as mãos, onde tinha tombado.

Terrivel annuncio era esse que elle acabava de ouvir, e seu espirito luctava com a verdade para achar um meio de dizer — é mentira — ; trabalhava, perdido n'esse pelago de vergonha, para deparar com uma taboa de soccorro, em que se agarrando dissesse — ainda me não perdi !

Emfim, Octavio vio brilhar uma tenue e leve nuvem-zinha de esperança : era o que por então bastava ; atirou-se para ella dizendo :

— E' falso ! é falso !... eu te comprehendo ! queres arrancar-me as lettras, mercê d'essa miseravel astucia !... não, não as terás...

— Tu m'as hasde entregar, Octavio !

— E' impossivel... é tarde, muito tarde ; pensa, que eu já as apresentei a Hugo de Mendonça, que já lhe disse — o senhor tem de pagar-me esta quantia ! — e agora, Felix, agora...

— Octavio, para tudo se acha um remedio ; lembra-te que me dizias : — o contrabando em que se acha empenhada a casa de Hugo enriquece, e empobrece com a rapidez do raio.

— E' uma desculpa miseravel...

— Sim ; mas uma desculpa, que me ensinaste.

— Porque, quando se perdem embarcações... não ha contrabando que receber, nem vender, não ha contas que dar : diz-se — perdeu-se — e tudo está dito.

— Pois então, Octavio, inventa uma desculpa ; já que, de qualquer modo que seja, as lettras deveráõ sahir d'aqui comigo.

— Felix !...

— Octavio!...

— Eu já disse que não acredito no que inventaste para assustar-me; tenho um fiador na cruz de brilhantes.

— A cruz de brilhantes apparecerá nas mãos da filha de Hugo de Mendonça...

— E' falso!...

— Octavio as lettras!

— Não!

— Oh!... mas tu me estás desafiando!

— Sim!...

— E quando eu ámanhã estiver gritando diante de todos, no meio de uma rua, ou na praça do commercio — o Sr. Octavio é um falsario!...

— Eu responderei, que mentes!

Felix com um terrivel e vingativo sorriso estremecendo-lhe nos labios, arrancou um papel do bolso:

— E esta carta?... exclamou elle, e esta carta?...

— Essa carta?...

— Sim! a carta que me lançaste por baixo da porta, a carta, em que me convidas para perpetrar o crime!

— Oh!...

— Como é que tu hasde responder — elle mente! — sabendo que para logo eu mostraria a todos a tua assignatura, o corpo de delicto de nosso mutuo crime?

— Miseravel!...

— As lettras! as lettras, Octavio!...

— Miseravel! disse outra vez Octavio, fazendo um movimento para erguer-se.

— Octavio, nem um só passo para mim que não

seja para entregar-me as lettras falsas; eu aprendi com o homem que me fez ir de joelhos entregar a cruz de brilhantes àquella, a quem pertencia, a prevenir-me contra tudo; então eu avancei para elle, como tu queres avançar para mim, e vi brilhar na sua mão uma arma mortifera, como tu verás brilhar na minha instrumento semelhante, se tanto fôr necessario.

Octavio, pallido de colera, olhou de um modo terrivel para Felix, em cujo peito vio luzir o cabo de um punhal.

— Porque, emfim, Octavio, as circumstancias nos tem levado a extremos taes.

— Mas isto é uma infamia!... disse com voz abafada Octavio, voltando a cabeça para o lado da porta, como quem ia chamar alguem.

— A primeira pessoa que aqui entrar, disse Felix, ficará para logo sabendo que tu exiges de Hugo de Mendonça o pagamento de tres lettras falsas. Chama agora os teus caixeiros, chama os teus escravos, Octavio.

— Maldito!... maldito!...

N'esse instante o relogio fez ouvir o signal de meia hora depois das dez.

— Dez horas e meia!... exclamou Octavio; é a hora marcada pelo bilhete!...

Um escravo annunciou que ia entrar um homem embuçado em longa capa preta...

— As lettras?!... disse Felix.

— Felix!... Felix!...

— As lettras!...

Ouvião-se já muito proximas as pizadas da pessoa annunciada.

— As lettras!... repetio Felix com tom decidido e firme.

— Felix, disse Octavio com voz tremula e fraca; peço-te meia hora para determinar-me: entra n'esta alcova, emquanto fallo ao homem, que vai entrar.

— Seja, respondeu Felix entrando; mas só meia hora.

Quando a porta da alcova acabava de cerrar-se, o homem entrou no gabinete.

Esse homem vinha, como disséra o escravo de Octavio, embuçado em uma longa capa preta, cuja gola estava tão levantada, que lhe escondia quasi todo o rosto, e até os cabellos, de modo que apenas se lhe descobria a parte média da testa, e olhos, o nariz, e o alto da cabeça: — era elle.

— Perdão, se me apresento assim, disse, tendo os olhos fitos na porta da alcova, como se examinasse alguma cousa; perdão; mas estou doente... constipado...

Octavio, sem dizer palavra, arrastou-lhe uma cadeira: a voz d'esse homem tinha produzido cruel abalo em Felix, que acabava de reconhecer n'elle o seu desconhecido.

— Não me sentarei, disse este; o negocio de que venho tratar conclue-se em poucas palavras.

— Estou ás suas ordens, respondeu Octavio.

— Senhor, acho-me encarregado da administração da casa do Sr. Hugo de Mendonça, e como tal venho receber tres lettras na importancia de quarenta e seis contos de réis, as quaes existem em sua mão, e que, segundo creio, deverão já estar sobejamente pagas pelo Sr. Felix, guarda-livros da nossa casa.

Essas palavras forão pronunciadas com tal accento de ironia, e acompanhadas por um sorriso tão cheio de cruel zombaria, que parecião estar dizendo — sabe-se de tudo.

Octavio empallideceu de maneira a causar piedade; como querendo achar uma resposta, e força para poder dal-a, guardou silencio por alguns instantes; mas o olhar terrivel e penetrante d'esse homem estava fito n'elle, como um dardo que se lhe ia enterrando até o coração; para escapar á sua influencia, Octavio voltara os olhos; porém o sorriso do desconhecido se foi tornando em uma verdadeira risada insolente... sarcastica... ameaçadora...

Houve um momento de cruel angustia para Octavio, em que elle pensou tremendo no desconhecido de Felix, e em que esse homem que ahi estava em pé, defronte d'elle, continuou a rir-se, a rir-se sempre, e alto, insultuosa, e desafiadoramente...

Emfim, Octavio pareceu haver tomado uma resolução: foi á porta da alcova, abrio-a, e fez sahir Felix.

— Sr. Felix, disse elle, este senhor está actualmente encarregado da administração da casa do Sr. Hugo de Mendonça?...

— Responda, Sr. Felix! disse com sua voz aspera o desconhecido.

Felix levantou os olhos, e vio embebidos em seu rosto os d'esse homem cheios de fogo, e de audacia..

— Sim... balbuciou o guarda-livros.

— Segue-se por tanto, continuou Octavio, que devo-lhe entregar as lettras, que o senhor acaba de pagar-me?...

— Não, disse Felix; é a mim, que as vim pagar, que o Sr. Octavio deve fazer entrega d'ellas.

— Com tanto que as entregue, interrompeu o desconhecido, é-me indifferente que seja a mim ou ao Sr. Felix.

Octavio no mais alto gráo de perturbação e terror abrio uma gaveta, d'onde tirou as lettras, que entregou a Felix: depois voltando-se para o desconhecido, abaixou os olhos, e, com voz submissa e implorando, disse:

— Seria possivel esperar que isto acabasse de uma maneira decorosa para todos?...

— Seja, respondeu o desconhecido; eu me quero julgar satisfeito; porque ambos vós tereis de córar sempre diante de mim.

E travando do braço de Felix, obrigou-o a acompanhal-o, e sahio, sem ao menos cortejar a Octavio.

XL.

O Moço Loiro.

Triumphante em toda parte, contando cada hora por uma nova victoria, a causa do Moço Loiro perigava todavia, corria serios riscos de completamente perder-se no grande campo de guerra, onde cumpria vencer a batalha decisiva.

O apparecimento inesperado da cruz da familia tinha mudado a face das discussões travadas na casa de Hugo de Mendonça : semelhante facto, que era ainda mais uma prova de amor e dedicação do Moço Loiro por Honorina, havia sómente servido de forte argumento a favor de seu temivel rival, do primo Lauro. Tambem aquelle não devia ignorar que estava servindo de instrumento para a fortuna d'esse, por quem parece que fôra enviado para demonstrar sua innocencia.

Com effeito, a familia inteira de Hugo se empenhava agora com indizivel força para obter o sim de Honorina a favor de seu primo. Emma, como querendo compensar seu neto das injustiças que lhe havia feito, era quem mais se estremava em offerecêl-o á bella neta, como o modelo dos noivos. A mãi Lucia trabalhava no mesmo sentido, quanto podia: o unico que se conservava no mesmo posto, que d'antes, era Hugo, a quem apenas se ouvia dizer:

— Minha filha, consulta o teu coração; mas não te sacrifiques.

A crise terrivel e assustadora que ameaçava Hugo, já tambem não espantava a velha Emma: feliz com sua fé, feliz com sua religiosa esperança, ella exclamava a miudo:

— Não ha mais desgraça possivel para nós: a cruz da familia appareceu: o nosso talisman vai salvar-nos.

Mas entretanto o Moço Loiro estava mais que nunca presente ao coração de Honorina: cada palavra, cada idéa, cada lembrança que ouvia lhe fazião recordar a imagem d'aquelle que, occulto sempre a todos os olhos, desapparecendo, a despeito das suas indagações, apparecia com tudo, quando era preciso demonstrar o amor que tinha por ella; quando se fazia necessario prestar-lhe um pequeno ou grande serviço; quando emfim ella pedia ao céo um anjo que a salvasse de algum perigo.

Oh! um amor tão profundo, uma dedicação tão generosa era bella, nobre e santa como a beneficencia, que de improviso se apresenta para o bem, e de improviso se esconde fugindo dos agradecimentos.

E Honorina ruminando seus dias passados, largando todos os pannos á sua imaginação fertil e brilhante, vio de novo o seu querido Moço Loiro escoando-se pela sombra, ou adorando-a de joelhos ao clarão do cheio luar; ouvia ainda sua voz sonora; e emfim repetindo a si mesma os melancolicos pensamentos de seu livro de amor, e recordando-se a todo instante do ultimo serviço que acabava de prestar-lhe, e tambem generosamente a seu rival, revoltava-se contra esse pensamento frio e desabrido, contra esse esqueleto horrivel, que como uma barreira a queria separar de seu romanesco amante... revoltava-se contra a idéa da — miseria do pobre.

Desde o grito de sorpresa que soltára, ouvindo Felix pronunciar o nome de — Moço Loiro —, Honorina se arrancára do estado de inercia em que se achava; e seu rosto, até então comprimido pela mais acerba tristeza, dilatou-se com não sei que magnetica e enthusiastica alegria; brilhavão-lhe os olhos cheios de ardor e fogo; branda nuvem côr de rosa lhe assomava ás faces; feiticeiro sorrir de confiada esperança brincava-lhe descuidoso nos labios; seu semblante exprimia valor e decisão; batia-lhe o coração rapido e forte; e seu pulso agitado e irregular faria crer que ella estava em uma hora de febre.

Apezar de sua avó, talvez mesmo que apezar de seu pai, a filha de Hugo de Mendonça dará a sentença a favor do Moço Loiro.

Honorina vai deixar fallar seu coração: ha n'ella todo esse encanto inexplicavel, toda essa bravura feminil, que se adora em algumas nobres senhoras, que tem a alma ao pé dos labios; em quem a sin-

ceridade e a franqueza são sempre viçosas flôres; senhoras verdadeiramente bellas, que com seu caracter firme, independente e angelico, quando amão, dizem sem temor — eu amo!

Hugo acabava de lembrar a questão que havia sido interrompida pela chegada de Felix; Honorina ergueu orgulhosa a cabeça... ia fallar... mas n'esse momento Jorge e Rachel apparecêrão na porta da sala.

As duas amigas corrêrão a encontrar-se, e prendêrão-se nos braços uma da outra.

— Minha boa Honorina! disse Rachel.

— Rachel!... Rachel!... eu precisava vêr-te para te dizer, que sou muito feliz!... respondeu em voz baixa Honorina.

Rachel recuou dous passos, e sentindo na sua mão a mão ardente da moça, e vendo no seu rosto o rubor e alegria anormal, que o enfeitavão, tremeu pensando, que a sua amiga delirava.

— Tu feliz?!...

— Mais baixo: isto é só para nós duas.

— Porém tu dizes que és feliz?...

— Oh!... muito, Rachel! vem, eu te vou dizer.

Honorina levou Rachel pela mão até uma janella, que abrio, e recostando-se com a sua amiga sobre a grade, começou a referir-lhe em voz baixa quanto devia ao Moço Loiro: se Honorina não estivesse fóra de seu natural estado, se sua mão não ardesse, teria certamente comprehendido que sua relação fazia mal a Rachel, e que a mão d'esta se tornava fria, como o gêlo.

Havia um não sei que de grande e solemne, no

que se estava passando então na casa de Hugo de Mendonça.

Jorge, cedendo sem duvida aos conselhos da amizade, e ás generosas inspirações de sua filha, vinha sondar o infortunio de seu amigo, e offerecer-lhe a mão para arrancal-o do abysmo; por isso, tendo pedido a Hugo que lhe confiasse o estado de seus negocios, se retirou com elle para o gabinete, e ahi examinavão ambos os papeis e livros pertencentes á casa.

Emma, sentada no canapé, conversava animada com Lucia, que a ouvia de um lado em pé, mostrando-se talvez alegre.

Honorina e Rachel estavão, como deixamos dito, praticando em voz baixa, recostadas á grade de uma janella.

A sala, apezar de longa e espaçosa, achava-se sufficientemente illuminada: vião-se nas paredes, e occupando cada um o seu lado da sala, quatro grandes retratos, o de Raul de Mendonça — avô; o de Raul de Mendonça, e o de Clemencia de Mendonça — pai e mãi de Lauro; e, finalmente, o de Clara de Mendonça — mãi de Honorina.

Aquelles retratos, nos quaes reflectião os raios das luzes, parecião animar-se, encher-se de vida observando a maneira porque era tratada uma questão de vida ou de morte de sua antiga casa.

Pouco antes das onze horas, Lucia dirigio-se para a janella, onde conversavão Honorina e Rachel: as moças calárão-se immediatamente.

— As senhoras acabão de calar-se vendo-me chegar, de modo que eu devo pensar que as importuno...

— Não, mãi Lucia, não...

— Sim; e calárão-se porque pensão que conversavão em objecto que é, e deve continuar a ser um segredo para mim...

— Ora, mãi Lucia...

— E todavia eu sei perfeitamente a respeito de que as senhoras estavão conversando...

— Sim... como era sobre cousas muito naturaes...

— Por exemplo, sobre...

Lucia abaixou a voz.

— Sobre o que, mãi Lucia?...

— Sobre o Moço Loiro.

— Ah!...

— Não grite assim, menina; do contrario não lhe contarei muitas cousas, que estimará ouvir.

— E então o que é?...

— A historia do Moço Loiro.

— Tu vez, Rachel, como ella está zombando de nós ambas?

— Não, Honorina, a Sra. Lucia parece querer contar-te alguma cousa de interesse.

— Pois então...

— Querem ouvir-me?

— Certamente.

— Bem, senhoras; mas hade ser contado em voz baixa, em segredo, e só para as senhoras.

As duas moças fizerão com que Lucia se chegasse para bem perto d'ellas, e prestárão curiosa attenção ao que lhes ia ser referido.

A ama de Honorina começou:

— Lembra-se, Sra. D. Honorina, que tratando-se da volta do Sr. Hugo de Mendonça e das senhoras para a côrte, eu as preveni aqui, e vim

chegar tres dias antes para preparar a casa, que as devia receber?...

— Lembro-me, sim.

— Pois no dia que seguio ao da minha chegada; quando eu já fazia apromptar a bella casa de campo que tivemos em Nictheroy, erão oito para nove horas da noite, e um pagem me veio dizer, que alguem esperava-me no jardim para fallar-me em negocio de interesse; fui, e achei-me diante de um interessante moço de olhos ardentes, e cabellos loiros...

— Era elle!... balbuciou Honorina sem poder suster-se.

— Era elle!... respondeu dentro do coração, Rachel.

— Perguntei-lhe quem era, continuou Lucia rindo-se; e me não quiz dizer seu nome; contou-me porém tão fielmente a historia de meu querido Lauro de Mendonça, e disse-me com tal accento de verdade, que vinha por elle enviado para provar sua innocencia, e descobrir o verdadeiro autor do furto da cruz de brilhantes, que eu não pude deixar de crêl-o, nem de prometter ajudal-o no generoso empenho em que ia achar-se. Pedio-me depois que lhe dissesse que pessoas compunhão a familia do Sr. Hugo de Mendonça, e devendo eu responder-lhe, e chegando ao nome da Sra. D. Honorina, fiz com toda a verdade, o elogio de suas virtudes, talento e belleza; e posto que não dissesse tudo quanto podia, conheci que o pouco que havia dito, tinha bastado para produzir curiosa impressão n'aquelle joven.

— Adiante, mãi Lucia.

— O moço pedio-me uma nova conferencia, e

eu lhe marquei uma noite, á meia noite em ponto, no jardim: a Sra. D. Rachel para visital-a veio da côrte no dia que precedeu a essa noite: á hora do nosso encontro as senhoras estavão conversando na janella do seu quarto, e a nossa entre vista deveria ser debaixo d'essa janella: eu tive receio de ir; porém o moço lá esteve, e ouvio toda a conversação das senhoras; ao fazer um movimento... a janella do seu quarto se fechou, e então elle tirou um pedaço de papel de sua carteira, escreveu n'elle algumas palavras, mercê do clarão da lua, e tendo dobrado o papel, trepou-se pela parede, e o deitou debaixo da vidraça da janella do seu quarto.

Quando o moço saltou no chão, eu estava junto d'elle, e lhe disse em tom sério:

— Que foi o senhor fazer?...

O moço respondeu-me com sua voz doce, e rindo-se maliciosamente:

— Fui pôr uma declaração de amor debaixo d'aquella vidraça.

— Como, senhor?...

— Senhora Lucia, eu amo a D. Honorina.

— Mas o senhor atreve-se... exclamei eu.

— Atrevo-me, respondeu-me sem hesitar: olhe: primeiro atrevi-me a olhal-a muito, e a admiral-a ainda mais, quando ella na tarde do dia 6 de Agosto atravessou certo largo da cidade do Rio de Janeiro, montada em seu lindo cavallo branco, que ardido e insoffrido se deixava todavia domar pela mão formosa da encantadora cavalleira: atrevi-me tambem ainda ha pouco a ouvir suas doces palavras, seus generosos sentimentos; atrevo-me em-

fim a dizer, que a amo; atrevo-me a jurar que o farei em toda a minha vida.

Finalmente, senhoras, esse moço é um pouco feiticeiro; teve a habilidade de convencer-me, de que eu mesma devia ajudal-o no seu amor: lembrei-me, que era o defensor de meu pobre Lauro, confesso, que deixei-me enfeitiçar por suas palavras, e, sabe o que fiz?... prometti, o que elle queria.

— Mãi Lucia!...

— Por tanto eu sabia quem tinha posto o papel debaixo da vidraça: e fiz mais ainda; em todas as noites nós nos encontravamos no jardim, e eu lhe dava parte de todos os passos da senhora.

— Oh! que traição!... disse Honorina, querendo debalde mostrar-se enfadada.

— E assim, elle soube que a senhora ia receber um cabelleireiro na tarde que precedeu ao saráo; soube que a senhora voltava no fim d'elle; soube que a sempre-viva havia sido guardada; soube de seu bello pensamento, que exprimio dizendo: — foi um sopro de Deos —; soube que se daria um passeio no mar; soube tudo.

E pela minha parte eu sabia, que um falso cabelleireiro teria de roubar-lhe um anel de madeixas; que a senhora teria de encontrar um joven desconhecido no saráo; que um falso bateleiro a traria a Nictheroy: e que um mentiroso velho pescador iria escutar o seu canto na noite do passeio do mar.

— E que mais?...

— Sabendo, tambem por mim, do infortunio de seu pai, elle, que, segundo ha muito dizia, desejava fazer experiencias sobre o seu coração, apro-

veitou o ensejo: mandou-lhe um celebre — livro d'alma —, em cuja composição se entretinha desde alguns dias já de plano, e no qual chorava, lastimava-se, e... perdôe-me a expressão, e mentia.

— Pois elle mente? perguntou com ingenuidade Honorina.

— Mente muito ás moças.

— Meu Deos! isso é tão feio! ..

— Por exemplo, diz elle no seu livro que a amou só por têl-a ouvido...

— E então?...

— Antes de ouvil-a já a tinha visto uma vez a cavallo na tarde de 6 de Agosto, e no dia seguinte, tambem de tarde, á borda do mar. Tambem chora muito a pobreza...

— Pois não é pobre?...

— Ao contrario, é rico.

— Mas para que assim zombar de mim?...

— Já não disse, que elle queria fazer experiencias sobre o seu coração?! e era eu encarregada de observal-a: felizmente as consequencias da leitura do livro d'alma do Moço Loiro provárão cada vez mais a reconhecida nobreza de seu caracter.

— E depois, mãi Lucia?...

— Depois elle descobrio a cruz da familia; e ao mesmo tempo que trabalhava por fóra a favor de Lauro e da senhora, eu velava em prol das mesmas pessoas cá dentro: ambos nós desconfiavamos da amizade, que lhe mostrava a Sra. D. Lucrecia.

— E' possivel, mãi Lucia?... pois não era eu só?...

— Quando esta manhã ella veio, e com a senhora conversou muito tempo no seu quarto, eu a escutava cuidadosa: ouvi a traidora proposição de

fuga para um convento... era uma cilada, senhora, ou pelo menos um conselho indigno !...

— Oh !... mas eu o rejeitei !

— Sim ; e o Moço Loiro soube tudo.

— Meu Deos !... obrigado, mãi Lucia.

— A Sra. D. Lucrecia recebeu ás duas horas da tarde um bilhete, no qual estava escripta esta simples palavra — sim.

— Mas... esse foi o signal dado por ella...

— Eu o sabia, senhora.

— E por tanto...

— O Moço Loiro quiz vingar-se d'ella no seu proprio crime, porque era um crime, era uma traição, o que D. Lucrecia tentava !... a estas horas a senhora deveria estar perdida... longe da casa de seus pais, e desacreditada na opinião publica.

— Oh !

— Na tarde de hoje uma carta da Sra. D. Lucrecia lhe avisava, de que tudo estava prompto, e que ás dez horas da noite fosse, como ficára convencionado, embarcar-se na sege, aconselhando-lhe emfim, que tratasse de prevenir-se de uma mascara.

— E o que succedeu ?...

— A's dez horas da noite, senhora, a sege se achava parada no lugar determinado : uma mulher entrou para ella...

— E depois ?...

— Um homem vestido de mulher foi sentar-se a seu lado : a sege partio ; e essa mulher, que ia junto de um homem, pensava, que tinha em suas redes a filha do Sr. Hugo de Mendonça.

— Meu Deos !

N'esse momento batêrão na escada, e pouco depois um pagem entrou, e disse:

— A Sra. D. Lucrecia manda pedir noticias da Sra. D. Honorina, e informar-se de sua saude.

— E então, senhora?... perguntou Lucia.

Honorina tornou-se rubra de despeito.

— Segue-se, disse ella, que D. Lucrecia mandou espiar-me por um de seus escravos!

Depois voltou-se para o escravo, que trouxera o recado, e disse:

— Faze entrar o pagem da Sra. D. Lucrecia.

O pagem entrou.

— Dize á tua senhora, que me vistes, pronunciou com voz animada Honorina; e que eu lhe mando dizer, que passo bem... perfeitamente bem, principalmente desde as dez horas da noite.

O pagem retirou-se, e Honorina dirigindo-se de novo a Lucia, disse:

— Agora, mãi Lucia, continúa.

— Nada tenho a accrescentar, senhora; disse tudo o que sabia; respondeu Lucia dobrando-se sobre a grade, a que se recostára, e olhando curiosa para a rua.

— Não, mãi Lucia, falta dizer-nos o melhor; e depois, eu notarei uma grande contradicção no teu procedimento.

— Eu estou prompta, senhora, para responder.

— Pois bem: como se chama o Moço Loiro?...

— Oh!... a isso nada posso dizer.

— Ignoras o seu nome?...

— Ao contrario.

— Então porque o não dizes?...

— Porque elle me prohibio fazel-o.

— Mãi Lucia!...

— Outra cousa, senhora.

— Está bom: paciencia, tornou a moça; vamos á contradicção: como é, mãi Lucia, que tão enfeitiçada estando por esse moço; que tantas traições me fazendo por causa d'elle, tanto te empenhas agora por me vêr casada com meu primo?...

— E' uma outra cousa, que eu não posso explicar.

— Então não explicas nada...

— Um outro explicará por mim...

Ouvio-se então passos de alguem, que vinha subindo a escada; e pouco depois soárão palmas.

— Uma visita a estas horas! disse Emma.

— Quem será?... perguntou Honorina.

— Talvez D. Lucrecia, disse Rachel.

— Ora... não!... respondeu rindo-se Lucia.

Um pagem entrou, e dirigindo-se ao gabinete, onde estavão Hugo e Jorge, parou na porta, e disse:

— Um moço, que se diz novo administrador da casa de meu senhor, pede para vir entregar as lettras, que teve ordem de ir pagar ao Sr. Octavio.

— Isso é um sonho ou uma zombaria!... exclamou Hugo levantando-se.

— Seja quem fôr, manda-o entrar, disse Jorge.

— Eu não tenho novo administrador, tornou Hugo.

— Embora... vejamos quem é.

— Que entre pois.

Todos na sala ficárão suspensos e curiosos com os olhos fitos na porta de entrada; Hugo e Jorge em pé na porta do gabinete; Emma sentada no sofá; Honorina, Rachel, e Lucia na janella; todos

estaticos nos mesmos logares, em que antes estavão.

E elle entrou... era um elegante mancebo vestido todo de preto, com uma bella gravata branca primorosamente atada... com um rico alfinete de esmeralda ao peito: era um joven interessante, de olhos ardentes e cabellos loiros... era elle.

Tinha tremendo avançado... chegou ao meio da sala; quando da boca de Honorina e de Rachel sahirão as mesmas palavras, posto que em tom baixo:

— O Moço Loiro!...

E Hugo de Mendonça e Emma sorprendidos bradárão:

— Lauro!...

O mancebo, sem pronunciar palavra, avançou commovido, mas resoluto até parar defronte de um dos quatro retratos; era o de Clemencia: então elle ajoelhou-se, levantou as mãos, e com voz entrecortada por soluços, exclamou:

— Minha mãi!... minha mãi!... minha mãi!... já tenho o rosto descoberto!... já provei minha innocencia!...

E ficou assim de joelhos e com as mãos erguidas para o retrato de sua mãi, chorando docemente muito tempo... muito tempo...

E quando emfim pensou que se podia sorrir, voltou os olhos, e estendeu a mão para Honorina.

Epilogo.

Um mez depois da entrada de Lauro na casa de seus parentes, uma grande festa ia ser dada: Lauro e Honorina celebravão o seu casamento.

Afóra Lucrecia, que tinha julgado a proposito passar alguns mezes no campo; e Octavio, que acreditára util fazer uma viagem á Europa, todos os outros nossos conhecidos d'este romance preparavão-se para o bello saráo offerecido pelos noivos.

E o saráo tinha de ser esplendido; Lauro de Mendonça, viuvo da filha de um rico negociante da Bahia, reduzira a dinheiro tudo quanto herdára de sua mulher, e regressando ao Rio de Janeiro, depois de desfazer a calumnia que o manchava, tomou parte na casa de seu tio, e com seus immen-

sos cabedaes, levantou-a em brilhante pé. O sarão será pois digno de tão abastados senhores.

Hugo, Emma, e Lucia não tinhão medidas para seu prazer.

Venancio mandára (bem entendido, por ordem de Thomazia), fazer uma casaca nova. Manduca, apezar do logro que soffrêra, exprimia-se com ardor a respeito de Lauro; pois que sua mana Rosa já se achava casada com Felix.

Braz-mimoso, sempre incorrigivel, dispunha-se para estalar balas.

Rachel parecia ter cobrado o seu antigo prazer: fôra ella quem apressára, e marcára o dia do casamento; deu sua opinião sobre o vestido da noiva, de cujo lado só á força se separava.

Honorina ainda não se tinha acostumado a chamar seu futuro marido nem — primo —, nem — Lauro —; achava, dizia ella, graça indizivel em chamal-o — Moço Loiro.

E o Moço Loiro continuava, como d'antes, sempre bom e travesso; alegre e amoroso; apaixonado e extravagante. Sara e seu filho fallavão d'elle com enthusiasmo; Carlos mostrava-se sempre tão grato como devotado.

. . . . . .

Ia-se volvendo a tarde do dia marcado para o casamento: erão horas de correr aos pés do altar, e de receber a benção nupcial. Hugo chamava por sua filha.

Honorina, mais bella que nunca, ornada com suas galas, embellecida com seus naturaes encantos; e ainda mais ornada e embellecida com essa interessante mistura de amor e pejo tão apreciavel nas noivas, abaixou a cabeça para que Rachel lhe

puzesse sua corôa de virgem, sua capella de flôres de larangeira.

— Estás prompta, Honorina, disse Rachel.

— Adeos, Rachel! balbuciou Honorina suspirando.

— Oh!... um beijo ainda!...

— Sim... seja teu o meu derradeiro beijo de moça solteira...

E as duas amigas estreitadas em mutuo abraço, estavão a beijar-se mil vezes, quando uma lagrima cahio dos cilios de Rachel nos labios de Honorina.

— Tu choras, Rachel?...

— E tu, Honorina?...

— Sim: mas eu... e tu tambem, choramos de prazer; não é assim?...

— Sim!... sim!... de muito prazer... adeos!... sê feliz!...

A noiva partio.

Rachel foi á janella para vêl-a embarcar-se na carruagem: Hugo deu a mão a sua filha.

— Sê feliz, Honorina!... sê feliz!... gritou Rachel da janella.

Honorina não respondeu... tinha muito pejo.

A carruagem desappareceu...

Rachel voltou-se, e vio que se achava só na sala: deu alguns passos... soluçava... cahio de joelhos, e ergueu as mãos para o céo.

Um homem entrou pé por pé n'esse momento, e ficou parado na porta por detrás da moça.

Rachel exclamou:

— Misericordia!... meu Deos, misericordia!... eu menti! eu pequei! mas estou arrependida; eu me desdigo, meu Deos!... não! não! não! amor

não é uma vã mentira!... amor não é uma das muitas chimeras, com que a fantazia nos entretem na vida, como a boneca que se dá á creança para conserval-a quieta no berço!... não!... eu o confesso... eu o experimento... amor é uma realidade!... realidade, meu Deos, terrivel para mim!...

O homem, que estava observando Rachel, lançou-se então para ella, como levado da mais vehemente das dôres, e abraçando-a, exclamou:

— Filha do meu coração! pobre martyr!... fujamos d'esta casa! vem... fujamos!...

Jorge tentava levar sua filha, que forcejando para ficar, respondeu:

— Não! não! meu pai; aqui ao menos tenho eu um remedio contra meu padecer.

— Aqui?... e onde?...

— Na santa amisade de Honorina.

— Mas a sua felicidade faz o teu martyrio...

— A sua felicidade é a consolação de minha alma.

— Queres por tanto ser victima de seu amor?!...

— Outra vez não, meu pai; mas quero ser a mãi de seu primeiro filho.

Ouvindo tão nobre pensamento, Jorge levantou as mãos sobre a cabeça de Rachel, e disse:

— Abençoada sejas tu, meu anjo de candura!..

Typ. de C. A. de Mello, rua do Espirito Santo n. 29.

17128